

ALMANAQUE 21

#81

ALM
ANA
QUE 21

JANEIRO, 2025

As
múltiplas
facetas de

Fernanda Torres

Artigos sobre 21 filmes memoráveis da premiada atriz
De Inocência a Ainda Estou Aqui

ASSINE

ALMANAQUE21

PLANOS DE
ASSINATURA
ALMANAQUE21EU APOIO
REVISTA DIGITAL
MENSAL

R\$ 8

EU SUPER APOIO
REVISTA MENSAL +
REVISTA DE ACERVO

R\$ 12

EU APOIO PRA CARAMBA
REVISTA MENSAL +
TODO O ACERVO

R\$ 21

APOIA.SE/ALMANAQUE21

receba a revista mensal e outras vantagens!



São três modalidades para escolher a que cabe no seu bolso! Assine e apoie a revista digital sobre cinema e séries de TV com mais conteúdo do Brasil!

FERNANDA TORRES

ALMANAQUE21

Olá! Seja bem-vinda! Seja bem-vindo! Somos fãs de Fernanda Torres e não podemos negar. Nascida no Rio de Janeiro, em 15 de setembro de 1965, filha dos grandes atores Fernanda Montenegro e Fernando Torres, ela desde muito cedo trilhou seu próprio caminho, buscou seu espaço para mostrar a que veio. Seja fazendo papéis sérios, como em *Inocência* (1983) e *Eu Sei que Vou te Amar* (1986), ou em personagens hilários como em *A Marvada Carne* (1985), *Os Normais* (2003) e *Saneamento Básico* (2007), é sempre notável sua entrega total. Este ano de 2024 foi tão intenso para nossa estrela brasileira, com o lançamento de *Ainda Estou Aqui* a colocando na rota de premiações internacionais, que achamos por bem mostrar ao nosso leitor alguns outros trabalhos memoráveis desta grande artista.

Nas próximas páginas, você confere artigos sobre 21 filmes inesquecíveis estrelados ou roteirizados por Fernanda Torres. Os textos abrangem desde o seu primeiro longa, *Inocência*, dirigido por Walter Lima Jr., e culmina com *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles. Ainda incluímos duas listas complementares, uma com mais 21 filmes de sua carreira, e outra com participações memoráveis na televisão, seja em séries, novelas ou especiais. Por fim, falamos rapidamente de seus três livros publicados - *Fim, Sete Anos e A Glória e seu Cortejo de Horrores* - e lembramos de alguns livros que foram adaptados na carreira cinematográfica da atriz.

Esperamos que você, caro leitor e cara leitora, curta esse passeio pela carreira de Fernanda Torres e sinta vontade de buscar os filmes da nossa premiada estrela. Boa leitura!



Rodrigo de Oliveira
Editor-Chefe

ASSINE apoia.se/almanaque21

VISITE almanaque21.com.br

SIGA NOSSAS REDES

 [almanaque21](https://www.facebook.com/almanaque21)

 [almanaque_21](https://twitter.com/almanaque_21)

 [@almanaque21oficial](https://www.instagram.com/almanaque21oficial)

ENTRE EM CONTATO

contato@almanaque21.com.br

AOS APOIADORES, NOSSO MUITO OBRIGADO

Alexandre Alliatti • André Amaral de Azeredo • Camila Diesel • Camila Kehl • Carla Rangel de Castilhos • Carlos Redel • David Araujo • Douglas Bregolin • Emerson Pedrotti • Esmerildo da Silva • Fatimarlei Lunardeli • Henrique Girardi • Leandro Krindges • Luiz Matos • Rogerio de Oliveira • Sandro Luiz Rodrigues Fonseca • Sergio Filho • Vanessa Ioris

ALMANAQUE21 é mensal, digital e independente.

Editor-chefe (artigos e diagramação):
Rodrigo de Oliveira, jornalista e crítico de cinema | Design: Cindy Kucera

Fotos: divulgação

Capa: Arte sobre foto de Alile Dara Onawale, divulgação

Sony Pictures

Direitos reservados nos textos e críticas

ÍNDICE



06

Inocência



10

A Marvada Carne



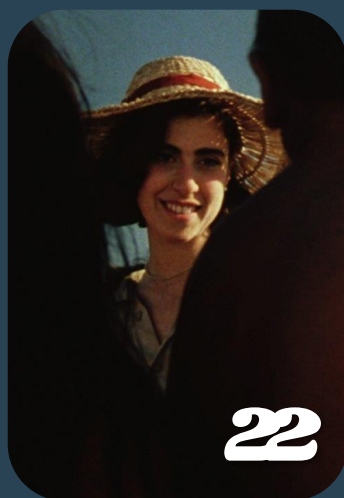
14

Eu Sei Que Vou te Amar



18

Com Licença, Eu Vou à Luta



22

Kuarup



26

Beijo 2348/72



30

A Guerra de um Homem



34

Terra Estrangeira



38

O Que É Isso, Companheiro?



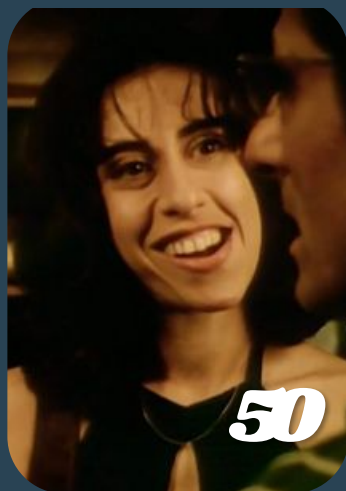
42

O Primeiro Dia



46

Traição



50

Gêmeas



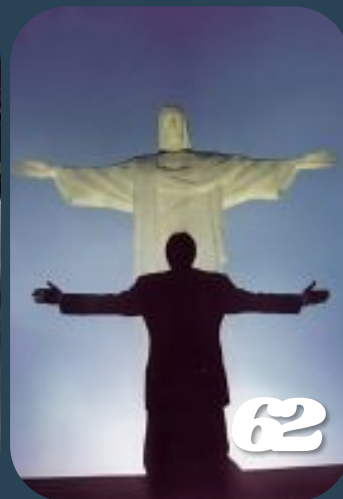
54

Luna Caliente



58

Os Normais: O Filme



62

Redentor



66

Casa de Areia



70

Saneamento Básico



74

Os Normais 2



78

O Juízo



82

Gilda, Lúcia e o Bode



86

Ainda Estou Aqui

Extras

Lista: +21 Filmes | 90

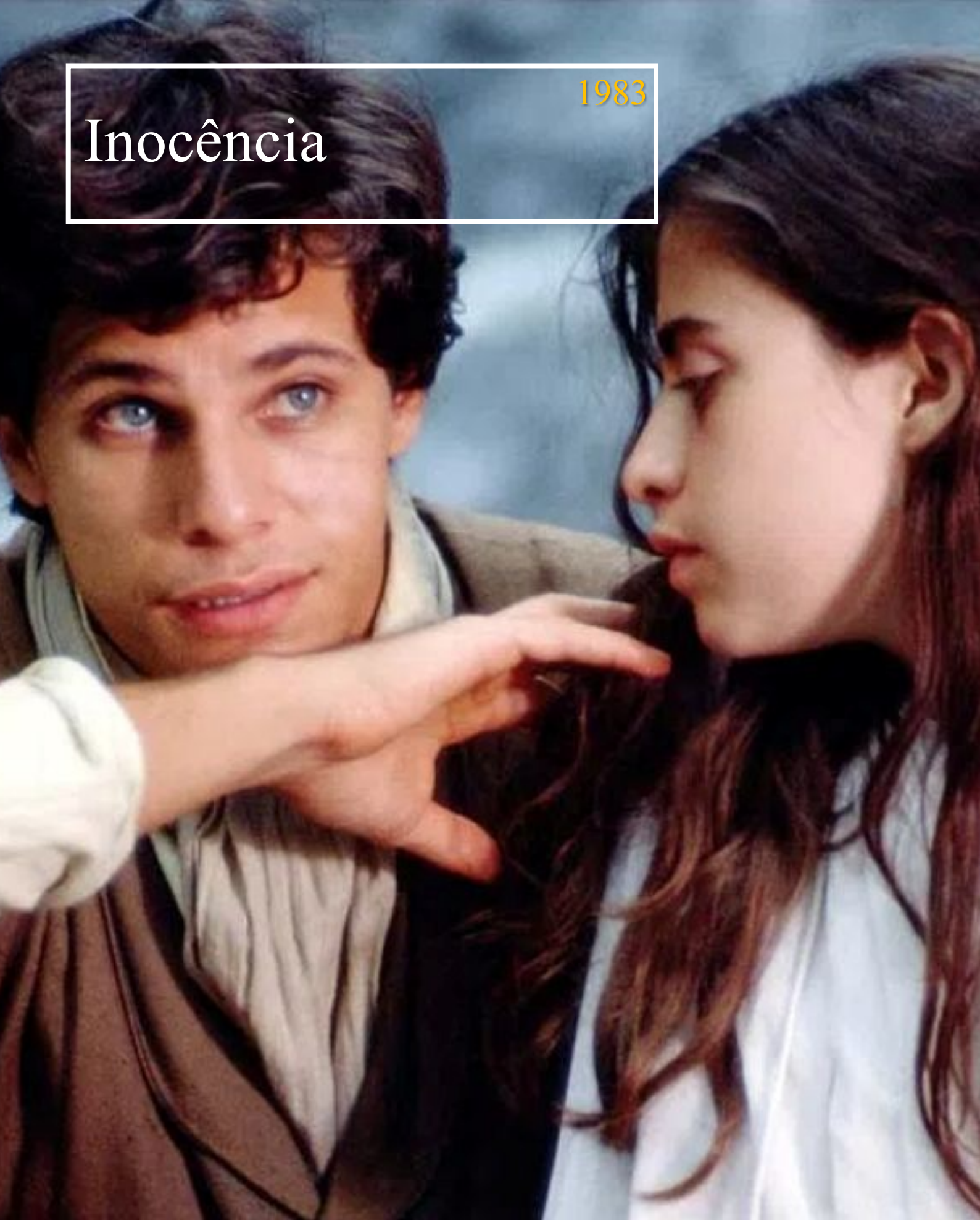
Lista: +21 Televisão | 94

Livros por Fernanda Torres | 98

Leitura Complementar | 99

1983

Inocência



Com apenas 17 anos, Fernanda Torres estreava nos cinemas com um filme que, não é exagero dizer, mudou sua vida. *Inocência*, de Walter Lima Jr., era um trabalho diferente do que estava sendo realizado no cinema brasileiro na época. Como matéria do jornal O Globo afirmava, em julho de 1983, depois de sete semanas com *Inocência* fazendo muito sucesso em cartaz, era um “filme casto” em um período em que as pornochançadas eram regra. Com um elenco ótimo, encabeçado por Edson Celulari e Sebastião Vasconcellos, o longa-metragem se mostrou uma bela surpresa, revelando o nome de Fernanda Torres para o mundo.

O convite para o filme surgiu quase por acaso. Walter Lima Jr. havia visto Fernanda Torres de passagem, quando ela gravava a novela *Brilhante* (1981), na Globo, e pensou que ela teria uma boa presença como Inocência. Tempos depois, em uma festa, Fernanda encontrou Walter e lhe perguntou sobre algum emprego - e ele estava exatamente trabalhando na concepção de *Inocência*. Dias depois, Fernanda recebeu o roteiro em sua casa - algo que ela conta em detalhes em boa entrevista à jornalista Helena Salém no O Globo, em julho de 1983. Sobre o trabalho com o cineasta, a atriz era só elogios, pelo fato de ele ter conseguido usar sua falta de experiência de maneiras inteligentes, extraindo aquela falta de maturidade em material perfeito para uma personagem que também não tinha muitas vivências.

Sobre o projeto, Walter Lima Jr. gostava muito do livro de Visconde de Taunay, um clássico do Regionalismo brasileiro, mas teve realmente ímpeto de transformá-lo em filme para ajudar outro cineasta: Lima Barreto - diretor de *O Cangaceiro* (1953). Na época, Barreto passava por sérios problemas de saúde e vivia em um asilo, sem dinheiro para pagar a instituição. Em entrevista para Simone Zuccolotto, em um especial sobre seus 85 anos de vida, Walter Lima Jr. comenta que tentou com a Embrafilme algum tipo de ajuda, mas recebeu não como resposta. Desta forma, ele mesmo foi checar com Barreto se existia algum roteiro que ele poderia filmar - haviam vários em um baú, dentre eles o de *Inocência*. Walter Lima tomou para si a tarefa de dirigi-lo e pagar pelo roteiro (que acabou sendo revisado e reescrito, com Barreto recebendo o crédito pela história). No fim das contas, infelizmente, Lima Barreto não conseguiu ver o filme pronto, tendo falecido em novembro de 1982, aos 76 anos. Lima Jr. acabou usando outro argumento de seu falecido colega, quando realizou *Ele, o Boto*, em 1987.



Fotos: Divulgação





Na trama, ambientada na segunda metade do século XIX, conhecemos o médico andarilho Cirino (Celulari), enquanto fazia seu percurso até um vilarejo para curar enfermos. No caminho, ele é interpelado pelo sertanejo Martinho Pereira (Vasconcelos), um homem simpático, mas muito rústico, que lhe oferece pousada assim que sabe da formação do rapaz. Ele fica felicíssimo ao conversar com um médico, visto que sua filha Inocência (Torres) está adoentada, de cama, em casa. E nada parece fazer com que ela volte à boa saúde. Cirino chega e logo se encanta com a beleza da jovem, mas consegue esconder sua afeição. Afinal de contas, Martinho havia lhe avisado que naquele recinto, apenas a família e um médico poderia entrar - Inocência já está prometida a uma rapaz da região e não seria correto ela receber outros homens no seu quarto. Inocência melhora rápido com o auxílio de Cirino, e parece aceitar os carinhos muito tímidos que o médico lhe dá quando a examina.

Pouco tempo depois, chega à região o cientista alemão Meyer (Rainer Rudolph) e seu assistente, Juca (Chico Diaz). Pedindo pouso para pesquisar as borboletas do local, Meyer logo cai nas graças de Martinho por ele estar carregando uma carta de um irmão que há muitos anos ele não vê. No entanto, quando Meyer não esconde ter achado Inocência encantadora, o dono da casa logo se enfeza e passa a antagonizar o sujeito, a marcá-lo em cima, tentando proteger sua filha. Mal ele sabia que quem está mais próximo de conquistar Inocência é o pretenso pacato médico.

Filmado no Rio de Janeiro, na Barra de São João, e na Floresta da Tijuca, para se passar como o sertão de Mato Grosso dos anos de 1800, *Inocência* traz o visual bucólico que poderíamos esperar de uma obra

adaptada de Visconde de Taunay. Aliás, não era raro que o filme fosse exibido nos colégios, por conta de sua adaptação muito fiel ao livro. Por ser um longa-metragem censura livre para a época, foi responsável por levar muitas famílias ao cinema, parte da estratégia do produtor Luiz Carlos Barreto, o conhecido Barretão. O filme estrearia em praças distintas e teria tempo para encontrar seu público, com apenas 20 cópias disponíveis. Assim, *Inocência* viajou o Brasil entre 1983 e 1984, com bons resultados de bilheteria por onde passou.

Quanto ao elenco, Fernanda Torres é quem nos chama primeiramente a atenção, claro. Muito verde e, portanto, perfeita para interpretar uma moça que carrega sua inocência como alcinha, Torres entrega uma performance quase introspectiva, com os olhos sempre baixos e a voz para dentro, como se tivesse medo de externar qualquer coisa. Um dos poucos momentos em que a jovem parece se soltar um pouco mais é em sua cena ao lado de Edson Celulari na floresta, onde os dois trocam juras de amor. Tudo muito inocente e romântico, como uma história da época poderia ser. Sobre a personagem, Fernanda mudava um pouco sua opinião a respeito de sua proximidade com ela. Para Sonia Biondo, na última semana de gravações do filme, comentou para o jornal O Globo que era uma *"moça do século XX, mas que tinha grande parte dos sentimentos eternos e não antigos de Inocência"*. Para Pedro Bial, em uma entrevista realizada para o Jornal Hoje, disse que talvez teria o coração inocente, mas que não se via muito como a personagem do filme. Natural para uma atriz tão jovem não ser exatamente constante. Por sua atuação, portas se abririam para Fernanda Torres - muitas delas, como a própria atriz

comenta, exatamente para tirá-la daquele casulo inocente da personagem, como os convites para *A Marvada Carne* (1985) e, principalmente, *Eu Sei que Vou te Amar* (1986). Mas a jovem atriz não se intimidou e aceitou os desafios que vinham pela frente.

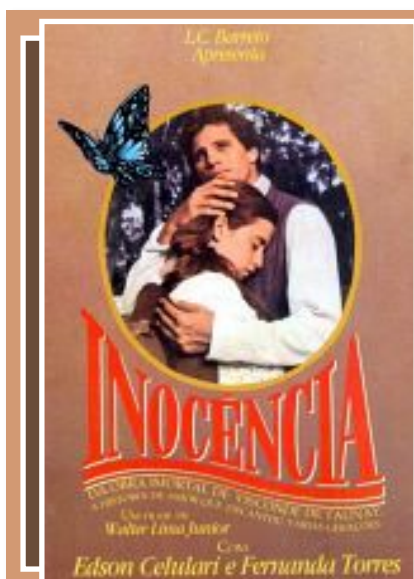
Para Edson Celulari, era um papel que lhe dava oportunidade de mostrar um lado mais maduro, ainda que tivesse apenas 25 anos na época. O médico de Celulari é um herói romântico para aquele período, lógico. Usando de seus conhecimentos médicos para passar alguns sinais vermelhos, Cirino não é um sujeito que prima pela ética, mas um homem vivendo aquela situação, naquela época, teria feito diferente?

Walter Lima Jr. se interessa muito por essa parte da história, a dos comportamentos no Brasil dos anos de 1800, com a honra sendo um assunto caríssimo para os homens da fita. Logicamente, um retrato do machismo muito presente. A violência contra a mulher é terrível, visto que ela não pode escolher absolutamente nada. Nem estudar pode. Saber ler apenas lhe daria ideias perigosas. Como era de esperar para a época, também temos um Brasil escravagista, com as participações de Chica Xavier e Jorge Fino como instrumentos para a história apenas. Fino, ao menos, tem mais função na trama. Embora defenda um personagem horrível, Sebastião Vasconcelos é o grande destaque do elenco, dando uma interpretação muito naturalista para um texto que poderia ser um tanto difícil para um ator de menos talento. Seu humor mercurial dá pano para manga e boas situações surgem a partir dali. Dignas de nota são as participações pontuais de Fernando Torres (o pai de Fernanda, mas os dois não contracenam juntos) como um sujeito que poderia

salvar aquele amor proibido; de Chico Diaz, como o faz-tudo do cientista alemão; e Ricardo Zambelli, em seu último papel no cinema, vivendo o violento Manecão.

Walter Lima Jr. faz uma obra sem pressa, conversando muito bem com o material que adapta. O longa inicia, inclusive, com a lenta transformação de uma lagarta em borboleta, levando o tempo dos créditos iniciais para que a metamorfose se dê (ela não alça voo ao final, o que é uma lástima). A borboleta, claro, é um símbolo do desabrochar da personagem título, além de ser o alvo dos estudos do cientista alemão - que é interpretado por um ator de lá, Rainer Rudolph, que viria a trabalhar novamente com Lima Jr. em *Chico Rei* (1985). O cineasta privilegia o som direto dos diálogos, o que deixa a experiência sensivelmente melhor para os ouvidos atuais. Só uma das cenas parece ter sido dublada posteriormente, a que Cirino e Inocência conversam à beira de uma cachoeira (imagina-se que por conta do barulho da água, que sempre atrapalha em cenas assim). A trilha sonora de Wagner Tiso é outro fator que chama a atenção, ora por alavancar algumas cenas, outras por não casar tão bem com o que está sendo observado.

Exibido no Festival de Brasília, de onde saiu com os prêmios de Melhor Direção, Ator Coadjuvante (Vasconcelos) e o Prêmio da Crítica, além de ter ameaçado louros no Festival de Havana, *Inocência* foi um capítulo inicial bastante positivo para a carreira de Fernanda Torres. Ela já aparecia na televisão, com participações no teleteatro da Globo *Aplauso* (1979), além das novelas *Baila Comigo* (1981) e *Brilhante*, mas o cinema lhe daria mais lastro para desenvolver seus talentos - assim como o teatro.



INOCÊNCIA

BR - 115 min - Drama
Dir.: Walter Lima Jr.
Rot.: Walter Lima Jr., baseado em história de Lima Barreto, adaptado da obra de Visconde de Taunay
Com Edson Celulari, Fernanda Torres, Sebastião Vasconcelos, Fernando Torres, Chica Xavier, Chico Diaz, Rainer Rudolph, Ricardo Zambelli, Manfredo Colassanti, Jorge Fino

Estreia: 23 de junho de 1983
Lançado em DVD: Paramount
Em streaming: Globoplay

Prêmios:

- Festival de Brasília: Melhor Diretor, Ator Coadjuvante (Vasconcelos) e Prêmio da Crítica;
- Segundo prêmio Coral do Festival do Novo Cinema Latino-Americano de Havana;
- Melhor Roteiro da Associação Paulista de Críticos de Arte;
- Prêmio Air France de Cinema: Melhor Filme e Diretor;

1985

A Marvada Carne



Em março de 1985, *A Marvada Carne* chegou no Festival de Cinema de Gramado de supertão. A produção havia acabado de ser finalizada e nem pôster ou qualquer material de promoção havia sido preparado para o longa, o primeiro do cineasta André Klotzel. O que poderia representar uma primeira impressão um tanto atabalhoada se tornou um triunfo quase sem igual. Ao final do evento cinematográfico gaúcho, Klotzel e sua equipe devem ter ficado cansados de tanto subir ao palco buscar seus prêmios. Feito um tanto raro para Júris Oficiais de festivais, que costumam ser mais salomônicos, o presidido pela escritora Lygia Fagundes Telles resolveu entregar quase tudo para *A Marvada Carne*, totalizando 9 Kikitos. Somando-se a outros prêmios paralelos, como o Júri da Crítica, o Popular e o da Vasp, e o longa de Klotzel deixou Gramado com excesso de bagagem, carregando 14 louros para casa. Poucos dias depois, ainda sem tempo para processar o êxito, a produção foi selecionada para o Festival de Cannes, onde foi exibido na mostra paralela Semana da Crítica, em maio. Curiosamente, este período muito bem-sucedido não daria dicas dos percalços que o filme passou em suas filmagens e também não serviria de previsão para o calvário que seria para chegar aos cinemas, algo que demorou mais de um ano.

Depois de ter trabalhado com nomes como Nelson Pereira dos Santos, Hector Babenco, José Mojica Marins e Adriano Stuart, André Klotzel começou a conceber o que viria a ser seu primeiro longa-metragem. Em entrevista a Miguel de Almeida no programa *Sala de Cinema*, da SescTV, Klotzel comenta que a gênese de *A Marvada Carne* veio de uma conversa que teve com um sujeito meio caipira, que fazia tudo devagar e era um grande contador de histórias. Ao pensar naquele universo, o cineasta foi pesquisar, encontrou os textos de Cornélio Pires, um importante folclorista brasileiro, estudioso do dialeto caipira, e também a peça de teatro de Carlos Alberto Soffredini, *Na Carrêra do Divino*. A peça, segundo ele, não tinha muito a ver com o que queria contar, mas isso não o impediu de chamar Soffredini para ajudá-lo a colaborar no roteiro - que já tinha um primeiro esboço e havia ganhado a aprovação da Embrafilme. O pulo do gato na história foi quando Klotzel se deparou com o conceito da "fome psicológica" - de pessoas que não passavam fome propriamente dita, mas que urgiam por algum alimento específico. Isso lhe deu a centelha de ter seu protagonista almejando na história, o tempo inteiro, a carne de boi.

Para viver esse protagonista, Nhô Quim, Klotzel fez teste com vários atores, muito porque não queria usar Adilson Barros - que já vivia um caipira na peça de Soffredini. No fim das contas, Barros acabou se mostrando o mais apto ao papel - e Klotzel abriu a porteira, utilizando até músicas originais da peça na trilha do filme, como é o caso da canção para Santo Antônio. Segundo o livro *Serragem nas Veias*, um perfil sobre Soffredini escrito por sua filha Renata, a falta de maior crédito para si e para os seus colaboradores nas canções acabou frustrando o autor. De todo modo, o filme acabou por imortalizar aquele universo e seu folclore. Lógico que não eram o primeiro exemplo de personagens caipiras no cinema - tínhamos Amácio Mazzaropi e seu Jeca Tatu que fazia sucesso imenso entre as décadas de 1950 e 1970. *A Marvada Carne* não chega a ser uma homenagem, mas também não esconde que carrega uma tradição muito brasileira em sua narrativa.

E quanto a Fernanda Torres? A jovem atriz carioca havia recém feito *Inocência*, em um papel que a colocava em um ambiente bucólico e interiorano. Na época da estreia, Klotzel veio a conhecer Fernanda através do diretor de fotografia Pedro Farkas, que serviu ao cineasta Walter Lima Jr. naquele longa - e teria a mesma função em *A Marvada Carne*. O papel de Inocência, porém, não trazia humor algum. Nem a própria Fernanda Torres sabia se conseguiria ser engraçada no cinema. Klotzel tinha outra atriz no papel, mas acabou não dando certo. Assim, ele recorreu à Fernanda, que não só aceitou o desafio como adorou uma questão que para ela era inédita até então: a criação coletiva. Em entrevista para o jornalista Marcus Barros Pinto para O Globo, ela comenta que aprendeu que não poderia ser apenas uma atriz convidada, tendo de ficar mais atenta a outros pontos da produção e criação para conceber algo realmente criativo e coletivo.





Quando comentou sobre o longa em sua hoje antológica entrevista ao Roda Viva em 1992 (sim, aquela do meme), ressaltou que de todos os filmes que havia feito até então, os únicos que ainda se sustentavam eram *A Marvada Carne* e *Inocência*, pela atemporalidade de ambos.

A história do longa é simples, mas nunca simplória. Nhô Quim (Barros) tem dois objetivos bem marcados na vida: comer carne de boi e arranjar uma mulher para cuidar dele e da casa. Quando se muda para perto da família de Sá Carula (Torres), ele parece ganhar a sorte grande. Afinal de contas, a moça sonha em se casar, fazendo diversas promessas para o Santo Antônio. Quim, porém, é um tanto desligado, não enxerga o interesse de Carula. Isso muda quando a menina bola um plano: ao conversar em voz alta (para que seu pretendente escute) com a vizinha Nhá Tomasa (Lucélia Maquiavelli), ela deixa claro que a festa de casamento que um dia terá contará com carne de boi, carneado pelo próprio pai, o Nhô Totó (Dionísio Azevedo). Ao ouvir isso, Quim corre para propor casamento, mesmo sem imaginar que a história da carne é para boi dormir.

Algo bárbaro em *A Marvada Carne* é a utilização de folclore e crendice popular como algo verdadeiro dentro da trama. No melhor estilo Realismo Mágico, vemos um Curupira (Nelson Triunfo) pedindo fumo para Quim - e sendo passado para trás, de alguma forma; o diabo ganha as feições de Regina Casé, em uma rápida, porém memorável participação durante a cena de um pacto; um nariz cortado ao meio é recolocado de maneira um tanto errônea; e os segredos de um sujeito podem, sim, ser descobertos desde que se beba no mesmo copo. Klotzel e Soffredini usam da sabe-

doria popular e das crendices para construir um universo culturalmente muito rico. Isso atrelado ao dialeto caipira, que tem toda uma sonoridade interessante e curiosa, transformam *A Marvada Carne* em um brilhante capítulo da nossa cinematografia brasileira.

O elenco é fabuloso, a começar por Fernanda Torres, que consegue abandonar o jeito quieto de *Inocência* sem problema algum. É curioso que seus primeiros dois trabalhos no cinema sejam tão diferentes entre si, embora carreguem um radical parecido - em ambos os filmes, ela vive uma jovem interiorana (que vive descalça) cujo destino se entrelaça com o de um homem mais velho. As semelhanças param aí. Carula é muito mais safra do que *Inocência*, com ela engendrando seu pretendente em uma teia que, bem sabe, dará em casório e sem grandes repercussões contra sua família. Afinal de contas, o fato de não ter boi, depois de terem se casado, seria um problema tão grande? Claro que não. As cenas iniciais, com ela às voltas com a imagem do Santo Antônio são ótimas e dão muito bem o tom do humor que o filme buscará.

Ainda que Quim saia para o mundo para conquistar seu objetivo, está muito claro que ele sabe onde fica seu porto seguro. Adilson Barros faz uma dobradinha ótima com Fernanda Torres, nos conquistando com sua índole tranquila e com seu jeito afável de encarar a vida. O mesmo pode ser dito de Dionísio Azevedo, que ganha até bordão ("ah é, me passou"), que poderia ser vista como desatenção, mas que serve como um aliado do velho para passar bem em qualquer situação. O elenco ainda conta com participações rápidas da dupla sertaneja Tônico e Tinoco.

A direção de arte chama a atenção, com aquelas casas tendo sido construídas para o filme, com lama e

pau a pique, utilizando da mão de obra local para conceber cenários muito críveis. A trilha de Rogério Duprat é sublime e o som, embora não seja direto, é bastante cristalino. Se não entendemos uma ou outra palavra é por conta do dialeto, não da qualidade sonora. Em dados momentos, é notório que dubladores profissionais foram convidados para alguns personagens.

Como dito de início, o filme não veio ao mundo sem problemas. Por conta da Embrafilme ter apenas alocado 60% do orçamento, a produção começou e não teve dinheiro para completar as filmagens. Foram necessários cinco meses de espera e um novo contrato com a Embrafilme para que *A Marvada Carne* pudesse retomar o trabalho, que seguiu aos poucos, como reportado por Maria Lúcia Fróes, na Folha de São Paulo, em maio de 1986, quando do lançamento do filme. Depois de tanto sucesso em festivais (foram mais de 10 além de Gramado e Cannes), era de se pensar que *A Marvada Carne* chegasse nos cinemas brasileiros rapidamente, para aproveitar o bom momento. Infelizmente, novamente a Embrafilme foi a culpada pelo atraso. A empresa estatal de cinema passava por um período de vacas magras, sem dinheiro para distribuir tanto este, quanto *O Beijo da Mulher Aranha*, de Hector Babenco, que vinha tendo uma carreira ainda mais impressionante no exterior. O jeito foi empurrar a estreia até que ela pudesse ser realizada, o que se deu em São Paulo, em 15 de maio de 1986. No Rio e em outras praças, como Porto Alegre, o filme chegou só no segundo semestre.

Felizmente, o tempo dilatado entre os prêmios em festivais e a chegada nos cinemas comerciais não esfriou o interesse do público, que transformou o lon-

ga em um bem-sucedido exemplar do nosso cinema nacional. Foram mais de 1 milhão de espectadores. Fosse hoje, uma continuação seria programada rapidamente. Mas, na época, Klotzel não teve interesse algum em seguir aquela história. Em entrevista para Alex Solnik para a TV 247, o cineasta confessa que não descartaria hoje fazer um novo *Marvada Carne*, para utilizar os efeitos digitais na criação dos momentos fantásticos da história. Ainda que seja compreensível que Klotzel quisesse uma nova chance na criação daquelas figuras mágicas, é inegável que a produção foi muito esmerada e conseguiu resultados impagáveis, tanto no Curupira quanto na Mulher Diabo. A fotografia de Pedro Farkas e a montagem de Alain Fresnot dão muita liga nesses momentos, escondendo e revelando apenas o necessário para criar a magia.

De qualquer forma, essa sequência ou reimagem da história, caso acontecesse, infelizmente não teria no elenco Adilson Barros, que faleceu em 1997, aos 50 anos. Mas quem sabe Fernanda Torres não topava retornar? Afinal de contas, *A Marvada Carne* marcou a carreira da então jovem artista, que venceu seu primeiro prêmio por conta da performance no filme. O Kikito de Melhor Atriz foi recebido com direito à presença de Fernanda Montenegro e Fernando Torres no Palácio dos Festivais (à época, chamado de Cine Embaixador), que acompanhavam a filha durante a estreia na Serra Gaúcha. Dentre os agradecimentos, Torres não esqueceu de citar Walter Lima Jr., o diretor de *Inocência*, a quem ela sempre destacou como o cineasta que a tirou do limbo. André Klotzel, por sua vez, foi quem a ensinou a trabalhar em grupo. Duas ótimas experiências para a conta da jovem estrela.



A MARVADA CARNE

BR - 77 min - Comédia

Dir.: André Klotzel

Rot.: André Klotzel e Carlos Alberto Soffredini

Com Adilson Barros, Fernanda Torres, Dionísio Azevedo, Geny Prado, Lucélia Maquiavelli, Nelson Triunfo, Regina Casé, Paco Sanches, Chiquinho Brandão, Tonico e Tinoco

Estreia: 15 de maio de 1986

Lançado em DVD: Universal

Prêmios:

- Festival de Gramado 1985: Vencedor de Melhor Filme (Júri Oficial, Popular e da Crítica), Melhor Direção, Atriz (Torres), Roteiro, Fotografia, Desenho de Produção, Trilha Sonora, Montagem, Prêmio Especial do Júri (Azevedo), Prêmio Especial de Fotografia (Farkas), Prêmio VASP de Melhor Atriz (Torres) e Diretor;
- Exibido na mostra Semana da Crítica no Festival de Cannes;
- Convidado para festivais em Havana, Los Angeles, Moscou, Damasco, Montreal, Bérgamo, entre outros;

Eu Sei Que Vou te Amar

1986



Imagine você ser uma jovem atriz, cujo primeiro trabalho no cinema rendeu grandes elogios. No segundo, o prêmio de atuação no maior festival brasileiro, em Gramado. E, no terceiro, o prêmio de atuação no maior festival do mundo - inédito para qualquer brasileiro até então, em Cannes. E se não bastasse esse sucesso no cinema, naquele mesmo período, ainda ser protagonista da novela das 8 da Rede Globo. Essa é a trajetória de Fernanda Torres. Embora haja percalços nesse caminho - a experiência na novela *Selva de Pedra* foi problemática e reveladora à atriz, que percebeu que não era feita para um trabalho tão extenso na televisão - foi um tempo dos mais proveitosos para a carreira da artista. E *Eu Sei Que Vou te Amar*, um dos seus longas mais festejados, ainda que muito menos popular do que *A Marvada Carne* ou *Inocência*.

Arnaldo Jabor era nada estranho para Fernanda Torres. Afinal de contas, o diretor havia comandado sua mãe, Fernanda Montenegro, no ótimo *Tudo Bem* (1978) - e ela, com apenas 12 anos, se viu no set com os pais. A admiração da jovem não ficou apenas naquele filme, mas em outros títulos como *A Opinião Pública* (1967), *Toda Nudez Será Castigada* (1973) e *Eu te Amo* (1980). Este último, inclusive, é um prelúdio espiritual de *Eu Sei que Vou te Amar*. Junto a *Tudo Bem*, as duas fitas formam a Trilogia do Apartamento, em que Jabor confina seus personagens em um espaço único e desenrola as agruras e discussões por ali. Ao receber o roteiro de *Eu Sei Que Vou te Amar*, Fernanda Torres ficou um tanto cética se poderia fazer a personagem. Afinal de contas, se era uma espécie de continuação de *Eu te Amo*, seria necessário uma atriz do tipo de Sônia Braga - um "mulherão", nas palavras da própria atriz, em entrevista a Heloisa Daddario para O Globo, em março de 1986. Mal ela sabia que Arnaldo Jabor tinha outros planos.

Quando iniciou o roteiro de *Eu Sei Que Vou te Amar*, Jabor tinha em mente algo nos moldes de *Eu te Amo*, grande sucesso estrelado por Sônia Braga e Paulo César Peróio. Ou seja, dois atores experimentados, fazendo uma épica discussão de relacionamento, confinados em um apartamento. O projeto, no entanto, não andou para frente do jeito que ele gostaria. Uma saída foi buscar um elenco mais jovem, que poderia dar outro fôlego ao texto. Assim, testes foram realizados. Thales Pan Chacon era um ator e bailarino que estava conquistando espaço na televisão, com papéis em minisséries globais, como *Avenida Paulista* (1982) e *Moinhos de Vento* (1983); no teatro - com sua parti-

cipação na montagem brasileira de *Chorus Line* (1983), dirigida por Walter Clark; e no próprio cinema, com *Elite Devassa* (1984), de Luiz Castellini. Ele defenderia o papel masculino. E para o feminino?

Jabor conhecia Fernanda Torres e o fato de ela ter feito *Inocência* era um ponto positivo - quem a viu casta e fechada naquele longa, a veria de uma maneira muito diferente em *Eu Sei que Vou te Amar*. Quando recebeu o roteiro para fazer o teste, Torres viu que aquele papel era sem igual. "*Quando o Jabor me chamou para fazer o teste, li o roteiro, disse para mim mesma—essa aí não sou eu. Mesmo assim, fiz o papel daquela mulher bem mais velha. Foi uma loucura de tanto trabalho. Dois personagens falando o tempo todo, trancados dentro de uma casa. O Jabor acreditou. E eu também*", disse em entrevista para Aimée Louchard para O Globo, em maio de 1986, logo após receber o prêmio em Cannes.

E o que o espectador confere ao se embrenhar naquela DR homérica? Em *Eu Sei que Vou te Amar*, o casal central - e único em cena - se reencontra depois de três meses separados. Ela visita o ex no apartamento do rapaz, um lugar espaçoso, com obras de arte curiosas e um bocado de neon. O que começa com certa doçura, pelo reencontro, logo se transforma em uma virulenta discussão. Casos extraconjugais vêm à tona, sentimentos há muito escondidos são jogados na cara um do outro, certa nostalgia de uma felicidade pretérita também surge. Em meio aquele turbilhão de emoções, vamos acompanhando o que ele e ela têm para dizer um para o outro.



Fotos: Divulgação

É um filme bastante verbal, com a palavra sendo a tônica. De início, a artificialidade de alguns diálogos incomoda - não só à plateia, mas talvez até ao elenco. Está muito claro que os atores ali estão respeitando o texto de Jabor de maneira religiosa, com até interjeições que deveriam estar mais naturais na boca da dupla surgindo de forma quase mecânica. Para melhor usufruir a experiência, é importante entender que era o que Jabor queria. O cineasta não estava filmando algo naturalista ou realista, mas extrapolando as possibilidades que um texto daqueles poderia gerar. Portanto, se por vezes os diálogos parecem poéticos demais, ou *nonsense* demais, ou herméticos demais, pode ter certeza que Jabor os concebeu assim. É uma obra arriscada, altamente teatral - tanto que, depois, virou peça, dada as possibilidades óbvias para os palcos que um texto como aquele teria.

Eu Sei que Vou te Amar vive e morre através de seus atores. Thales Pan Chacon se digladiava mais com o texto. Mesmo que saibamos que exista uma artificialidade naqueles diálogos, isso nem sempre funciona na embocadura de Pan Chacon - que se sai muito melhor quando é necessário a fisicalidade no papel. Esguio e muito ágil, o ator não esconde seu talento com a dança para preencher aquele espaço com a elegância de um bailarino. Torres, por sua vez, consegue passear por aquele texto de maneira mais potente, com sua personagem vivendo diversas emoções em um pequeno espaço de tempo. Esses altos e baixos que a heroína da trama vive são bem capturados por Torres, que ora parece uma menininha indefesa, ora uma mulher decidida e imparável. Não é difícil entender porque o Júri de Cannes lhe concedeu o prêmio de Melhor Atriz

- dividido com a alemã Barbara Sukowa, pelo filme *Rosa de Luxemburgo* (1986). O trabalho de Torres mostra muito alcance, além de grande verdade em seus expressivos olhos.

Na entrevista que deu ao Roda Viva em 1992, Fernanda Torres comentava que diferente de *Inocência* e *A Marvada Carne*, *Eu Sei que Vou te Amar* não envelheceu tão bem por ter uma direção de arte bastante datada. É provável que a própria atriz tenha mudado de opinião com o passar dos anos, visto que o fato de o filme estar com os pés firmes nos anos de 1980 virou um de seus diferenciais e até predicados. Era natural nos anos 90 ver como mácula algo tão datado, principalmente se fosse da “década dos exageros”. Mas o tempo já passou suficientemente bem para que a estética oitentista voltasse à moda e que cineastas contemporâneos buscassem aquele mesmo visual para seus filmes. *Drive* (2011), de Nicolas Winding Refn, não seria o mesmo se não tentasse emular o que os cineastas do passado fizeram nos anos 80. Este apenas um exemplo entre muitos. Maria Helena Salles e Sergio Silveira assinam o desenho de produção e concebem uma casa que era puro luxo nos anos 80. Um piano de cauda no meio da sala, caixas enormes servindo como uma decoração fora do comum, estátuas veladas com tecidos, e o neon junto à uma passarela que dá acesso ao andar de cima. A arquitetura do lugar, inegável, foi construída por Oscar Niemeyer. E as belas roupas que Torres e Pan Chacon vestem tem a assinatura da estilista Glória Kalil, mostrando que Jabor não poupou esforços para ter o melhor. Tudo isso fotografado pelo sempre competente Lauro Escorel, que realça a beleza dos espaços e do elenco.



Fernanda Torres talvez fosse jovem demais para o papel, ainda mais colocada ao lado de Thales Pan Chacon, um homem quase dez anos mais velho. Mas funciona. As cenas sensuais e sexuais têm beleza plástica ímpar, com a dupla muito à vontade, fazendo um balé talvez até mais elegante do que vimos em *Eu te Amo*. No outro, o sexo parecia mais visceral, aqui surge mais polido. Jabor consegue uma conversa muito interessante entre o cinema e o vídeo ao colocar alguns trechos com aquela estética azulada e com menor definição do VHS. Por fim, a música, sempre uma constante, foi inclusa com clássicos da música de concerto, como Maurice Ravel, Giuseppe Verdi e Christoph Gluck. Isso dava ao longa um escopo operístico, que conversava bem com o nível daquelas discussões.

Eu Sei que Vou te Amar havia sido exibido na Mostra de São Paulo, tinha fechado o Festival de Cinema de Gramado fora de competição e já tinha estreado no Brasil quando foi tentar a sorte em Cannes. A primeira reação da imprensa por lá foi horrorosa. Os veículos menores detestaram o filme e, como publicavam mais rapidamente, fizeram com que Jabor e equipe sentissem que o resultado não seria muito positivo. Com o passar dos dias, veículos respeitados como o *Le Monde* e o *Liberation*, publicaram críticas positivas. Fernanda Torres e Thales Pan Chacon haviam ido a Cannes junto com Jabor, mas a jovem estrela precisou voltar antes para o Brasil. A Globo havia lhe dado apenas quatro dias de folga da novela das 8. Foi, então, no Brasil, enquanto estava na casa do irmão, Claudio Torres (contemplando abandonar a carreira, desgostosa com seu trabalho na novela), que descobriu que havia ganhado o prêmio. Sônia Braga - a estrela de *Eu te*

Amo - estava no Júri, presidido pelo cineasta americano Sydney Pollack, e é possível que tenha intercedido pela sua companheira brasileira. Em entrevista à *Folha*, um dia depois da vitória, Fernanda comentou que o prêmio era político e que Sônia certamente tinha trabalhado o resto do Júri para premiá-la. De qualquer forma, a vitória estava sacramentada. Fernanda Montenegro, na mesma matéria da *Folha*, criticou a Globo por não ter liberado a filha, pelo fato de a emissora não ter atentado para a importância de um prêmio internacional como aquele. Brincalhona, Torres costuma dizer que só se arrependia de não ter estado na *Croisette* para buscar o prêmio por não ter podido abraçar Sting, à época vocalista do Police, que foi quem entregou a honraria.

Eu Sei que Vou te Amar é uma obra transgressora para a época, que se mantém interessante em suas discussões e artificialidades, e que carregou até 2008 a distinção de ser a única obra brasileira premiada em atuação em Cannes - Sandra Corveloni, por *Linha de Passe* (2008), de Walter Salles e Daniela Thomas, acabou com o jejum, que perdura até hoje. Por mais que fosse um filme bem-sucedido, tanto em premiações como em bilheteria, Arnaldo Jabor acabou sendo um dos tantos cineastas que passou a investir em outros meios para sobreviver depois que o governo Collor terminou com o cinema no Brasil. Por muitos anos, parecia que o longa premiado em Cannes seria o último de sua carreira - até que ele retornou em 2010 com *A Suprema Felicidade*, este, sim, seu último filme em vida. Falecido em 2022, aos 81 anos, Jabor deixou um longa filmado, *Meu Último Desejo*, baseado na obra de Rubem Fonseca, ainda a ser lançado.



EU SEI QUE VOU TE AMAR

BR - 104 min - Drama

Dir. e Rot.: Arnaldo Jabor

Com Fernanda Torres e Thales Pan Chacon

Estreia: 17 de abril de 1986

Lançado em DVD: Versátil

Prêmios:

- Festival de Cannes: Melhor Atriz;

Com Licença, Eu Vou à Luta

1986



Com *Licença, Eu Vou à Luta* começou como um livro. A jovem escritora Eliane Maciel, de apenas 18 anos, lançou o romance autobiográfico relatando quando, aos 15, começou um relacionamento com um homem 18 anos mais velho, com quem se casou contra a vontade dos pais. Quando o jovem Lui Farias, filho do cineasta Roberto Farias, procurava um projeto para servir como seu primeiro longa-metragem, a leitura deste livro lhe deu um estalo de que a história poderia ser bastante cinematográfica. Ao pai, ofereceu a produção do filme, que foi abraçada pela R.F. Farias Produções Cinematográficas, e pediu por alguma colaboração no roteiro. Enquanto trabalhava na pré-produção, o livro virou um fenômeno, com muitas pessoas buscando aquele relato muito visceral de uma adolescente que ousou peitar sua família para buscar o que queria. Dentre as pessoas que leram o livro e se apaixonaram pela personagem estava Fernanda Torres. Da mesma idade da autora da história, mas com uma trajetória totalmente diferente, a jovem atriz cogitou interpretar a personagem - mas logo ficou sabendo que Lui Farias buscava uma atriz desconhecida para o papel. O cineasta de primeira viagem fez vários testes, como contou em entrevista para Helena Salém, do jornal O Globo, em junho de 1986, mas não encontrou ninguém que o convencesse que poderia ser a jovem Eliane. No dia derradeiro dos testes, Lui ligou a televisão e viu Fernanda Torres. Ele a achou ótima e resolveu fazer o convite, sem nem saber que a atriz já pensava no personagem. Escrito nas estrelas? De mais formas que uma, visto que Torres e Farias começariam um relacionamento a partir dali, que durou alguns anos.

O elenco contava com atores experimentados, como Marieta Severo, Reginaldo Faria (tio de Lui), Carlos Augusto Strazzer, Yolanda Cardoso e Paulo Porto. Com Marieta e Fernanda, Lui se encontrou dois meses antes das gravações para que ensaiassem e contribuíssem com ideias para a história. O processo foi tão rico e colaborativo que Farias acabou incluindo as duas nos créditos do roteiro. Um das questões que o trio precisou resolver era a unilateralidade da trama. Como era um livro escrito por Eliane no calor do momento, pouquíssimo tempo após sua ruptura com a família, o livro era um retrato bastante parcial. Não era negócio fazer uma história na qual a mãe, Eunice Maciel, fosse uma megera pura e simples. Para evitar isso, a equipe foi a Nilópolis para conhecer a pessoa real. No filme, ainda ela é um tanto bidimensional, mas é possível entender boa parte de sua angústia - ainda mais plateias atuais.



Fotos: Divulgação





No começo da década de 1980, a diferença de idade era uma questão, mas não da maneira como hoje é tratada. Dificilmente um *Com Licença, Vou à Luta* seria realizado atualmente da maneira como é.

Na trama, Eliane é uma estudante de 15 anos que tem discussões diárias com a mãe, Eunice, no apartamento que mora ao lado do pai, Milton (Farias), da avó (Yolanda Cardoso) e do irmão Daniel (Caio Junqueira, em sua estreia). Certo dia, ao ir na Igreja, a jovem conhece Otávio (Strazzer), um homem mais velho, com quem logo começa uma conversa. Um namoro se inicia e, devido às fofocas, Eunice logo fica sabendo. A mãe tenta alertar a filha que Otávio é casado, anda com gente perigosa e é muito mais velho, o que cai em ouvidos moucos. Na verdade, o homem é separado da mulher e levou, sim, um tiro por conta da violência da região, não por se envolver com drogas ou coisas do tipo. Cada dia que Eunice tenta impedir sua filha de ver Otávio, mais ela tem vontade de se encontrar com ele. Os dois acabam transando e a jovem engravida. Esse é só o começo de muitas violências, físicas e psicológicas, que Eliane vai sofrer na casa dos pais, até que ela decida dar um basta em tudo.

Lui Farias é claramente um diretor verde, o que se enxerga no ritmo por vezes inconsistente e em algumas tomadas pouco imaginativas, principalmente dentro da casa daquela família. No entanto, em alguns trechos, quando ele experimenta umas sacadas diferentes, o filme ganha um ímpeto jovial. Isso é verdadeiro na cena do sonho, em que um efeito em preto e

branco nos mostra um pesadelo pelo qual vive Eliane. Em outro, logo após beijar a jovem pela primeira vez, Otávio pula da bicicleta e faz uma dança feliz, que é editada de tal forma a quebrar o naturalismo da cena. São pequenos exemplos de como Lui Farias conseguia usar sua juventude para lufar um pouco de ar fresco em seus filmes. As elipses e cortes rápidos da metade para o final do longa funcionam bem. O próprio trabalho com o elenco é ótimo e só o fato de ele ter aberto o filme criativamente para que as atrizes colaborassem era algo não muito comum e que demonstrava um cineasta arejado.

De seus primeiros trabalhos, Fernanda Torres é mais natural em *Com Licença, Vou à Luta*. Eliane não era parecida com ela, de maneira alguma. Mas a juventude daquela personagem não era estranha para a atriz, que havia acabado de sair da adolescência. Ainda com cara de menina, Fernanda convence bem como a garota impetuosa que resolve mandar o mundo às favas para viver seu grande amor. Marieta Severo, por sua vez, tem a tarefa ingrata de viver um papel demasiadamente desagradável. O filme faz questão de mostrar que as rusgas entre mãe e filha se davam antes do relacionamento com Otávio, o que mostra que o ambiente naquela casa já era tóxico há muito tempo. Ainda que precise viver uma mãe megera como aquela, Marieta se sai muito bem, com embates antológicos com Fernanda Torres. Já Reginaldo Farias não tem um grande papel para defender, servindo mais como um elemento que soma às aporrinhações que Eliane preci-

sa viver, da mesma forma que sua avó, vivida por Yolanda Cardoso.

Para as plateias de hoje, um dado se perde: Carlos Augusto Strazzer era um galã de televisão, tendo vivido vários mocinhos e vilões na TV Globo, Tupi e Record - mais notoriamente o protagonista de *O Profeta* (1977). Portanto, quem o conhecia desses papéis, devia estranhar vê-lo como um “homem feio, de dentes horríveis” como Eunice o pinta para a filha. É verdade que o filme capricha para que Strazzer não seja o galã que construiu na televisão, com um figurino paupérrimo e barba farta, o deixando mais rústico. Ainda assim, para a época, talvez fosse mais fácil aceitar o relacionamento entre o casal central por Strazzer carregar essa persona televisiva.

Com Licença, Vou à Luta é um tipo de filme que tende a gerar discussões a respeito da maneira como a juventude é retratada, como decisões capitais podem ou não ser tomadas por pessoas menores de idade (no caso de Eliane, vivendo em uma casa terrível, estaria ela errada de querer sair de lá o mais rápido possível?), e como o preconceito pode existir em camadas da sociedade tão próximas. A família de Eliane era de classe média baixa e tinha preconceito a respeito de um homem pobre, mas não muito distante deles. É um retrato do Brasil, que era verdadeiro nos anos de 1980 e ainda continua de alguma forma.

Curiosamente, durante as gravações de *Com Licença, Vou à Luta*, Fernanda precisou escapar alguns dias para filmar as cenas de vídeo que estariam dentro de *Eu Sei que Vou te Amar*. Para a atriz, em entrevista para Helena Salém de O Globo, em julho de 1986, aqueles trechos eram os melhores que ela havia feito

no longa de Jabor. Algo de Eliane teria escorrido para a tela no outro filme, talvez?

Quando foi exibido no Festival de Cinema de Gramado, em 1986, o longa de Lui Farias foi um dos destaques do evento - e Fernanda acabou aparecendo em dose tripla, visto que ela fazia uma pequena participação em outro longa em competição, *Sonho Sem Fim*, de Lauro Escorel, e *Eu Sei que Vou te Amar* foi exibido no mesmo evento, mas fora de concurso. Algumas reportagens da época davam como provável que Fernanda vencesse pela segunda vez o Kikito, depois de ter sido campeã no ano anterior por *A Maravilha da Carne*. No entanto, outra atriz estava em dose quádrupla e levaria dois Kikitos para casa: Marieta Severo. Além de ser Eunice em *Com Licença, Vou à Luta*, Marieta também participou de *O Homem da Capa Preta*, de Sergio Rezende (vencedor do Kikito de Melhor Filme da 14ª edição do evento), *Sonho Sem Fim* e ainda estrelou o curta *A Espera*, de Luiz Fernando Carvalho e Maurício Farias. Na competição de curtas, ela foi vencedora ao lado de Rose Campos, por *Amor que Fica*. Na de longas, foi a vitoriosa solo como Melhor Atriz. O filme de Lui Farias ainda receberia os Kikitos de Melhor Roteiro (que tinha, claro, um dedo de Fernanda e Marieta) e o de Melhor Som.

Quando chegou aos cinemas, em julho de 1986, uma estratégia curiosa foi concebida pela Globo Vídeo - o filme foi lançado simultaneamente em VHS e nos cinemas. Se hoje se fala tanto sobre as janelas curtas (e que durante a pandemia, se viu estreias simultâneas em streaming e nas telonas), em 1986 já existia isso. Como videocassete era um item de luxo, o filme não chegou a sofrer nas bilheterias por conta disso.



COM LICENÇA, EU VOU À LUTA

BR - 87 min - Drama

Dir. e Rot.: Lui Farias

Colaboração de Roteiro: Alice de Andrade, Marcos Magalhães, Fernanda Torres, Marieta Severo e Roberto Farias, baseado na obra de Eliane Maciel

Com Fernanda Torres, Marieta Severo, Carlos Augusto Strazzer, Reginaldo Faria, Caio Junqueira, Yolanda Cardoso, Tania Boscoli, Ilva Niño, Duse Nacaratti e Paulo Porto
Estreia: 17 de julho de 1986

Prêmios:

- Festival de Gramado: Melhor Atriz (Severo), Roteiro e Som;

1989

Kuarup

Por muito pouco, *Kuarup* não foi um projeto totalmente diferente. Isso porque o diretor Glauber Rocha tinha planos de fazer a adaptação do livro de Antônio Callado, *Quarup* (1967), para o cinema. Mas, no fim das contas, o projeto era grandioso demais para ser realizado com a verba que existia. Ruy Guerra sonhava em fazer essa adaptação, desde 1974, mas entendia que o valor seria nababesco para uma produção do tipo. Por sorte, empresários com investimento forte chegaram para o cineasta oferecendo verba, o que significava que o longa não precisaria da Embrafilme para se sustentar. No fim das contas, foram US\$ 5 milhões, a produção brasileira mais cara até o momento. Para o projeto, não seria possível filmar em estúdio o que seria o Xingu, então toda a equipe viajou para o coração do Brasil para as filmagens, que seriam épicas e difíceis.

Para os papéis principais. Ruy Guerra conseguiu um leque de grandes atrizes. Fernanda Torres foi chamada para ser Francisca depois de um encontro fortuito com o diretor. Ela havia lido o romance de Callado e aceitou na hora. Claudia Ohana, Lucélia Santos, Maitê Proença e Claudia Raia ganham os papéis principais femininos. Para viver o padre Nando, que abandona a batina por seus desejos carnis, Taumaturgo Ferreira foi convidado. O jovem ator era conhecido nas novelas globais após o sucesso em *Top Model* e aceitou o convite para viver o padre dividido entre sua fé e seu desejo. O elenco ainda tinha nomes como Roberto Bomtempo, Cláudio Mamberti, Umberto Magnani, Ewerton de Castro e Rui Rezende. Além, claro, do povo indígena, que foi convidado para trabalhar tanto em frente quanto atrás das câmeras.

O roteiro foi assinado por Ruy Guerra e Rudy Langemann, e conta a história do padre Nando, entrecortando a trama entre os anos de 1950 e 1960. Vemos as dúvidas do padre em relação à sua fé e também sua paixão pelo povo indígena. Sua vontade de visitar o Xingu não era, necessariamente, uma missão catequizadora, mas pensada para ajudar o povo de lá. Algo que o impede de fazer a viagem ao Xingu são seus desejos carnis. Nando acreditava que poderia atacar as mulheres indígenas, caso as visse nuas. A jornalista americana Maureen (Proença) dá logo um jeito nisso, se entregando para o pároco. Se o problema era um desejo represado, isso estaria resolvido. Entre as pessoas de seu convívio, Nando tem carinho especial por Francisca (Torres), uma mulher que viaja para ficar junto do marido e que promete encontrar o seu amigo quando ambos viajarem ao Xingu. Na década

de 1960, vemos o padre (depois de ter largado a batina) ser torturado pelos militares, que o consideravam subversivo pelos seus ideais comunistas.

Além de ser uma obra a respeito dos povos originários, o filme tem uma forte carga política, pois ele critica a Ditadura Militar que dava seus estertores finais nos anos 80. *Kuarup*, inclusive, encerra falando sobre as eleições diretas que aconteceriam em 1989, meses depois de sua estreia. Ruy Guerra deixa bem clara a sua maneira de contar a história desde o início, ao entrecortar os anos de chumbo com o período progresso, do governo Vargas. Sabemos de momentos da história do Brasil através dos comentários dos personagens. Getúlio Vargas, por exemplo, iria visitar o Xingu em 1954. Não o fez por ter, claro, tirado a própria vida no Palácio do Catete em 24 de agosto de 1954. A renúncia de Jânio Quadros é outro momento histórico brasileiro que é comentado pelo filme, além, obviamente, da Ditadura, pois parte do filme é ambientado exatamente quando o golpe militar acontece no Brasil.

O filme é de beleza plástica incrível. A câmera de Guerra passeia pelos cenários, com belos *travelings*. Algumas elipses temporais, inclusive, são realizadas através do movimento de câmera, o que é bastante elegante. Infelizmente, a única cópia disponível para assistir a *Kuarup* atualmente é o VHS. Portanto, boa parte da beleza do filme se perde com a baixa definição do formato. Além de bonito, o filme é inteligente em como conta sua história. Logo de início, *Kuarup* mostra pessoas sendo interpeladas pelos militares e, logo depois, existe um corte em que ouvimos o padre Nando sofrendo. Nosso primeiro movimento é pensar que ele está sendo torturado pela ditadura, mas não, ele se autoflagela por conta dos seus desejos. É uma maneira curiosa de trabalhar as nossas expectativas a respeito da própria história.



Taumaturgo Ferreira se mostra um ator não ideal para viver o padre Nando. E não é por falta de esforço. Ele tenta fazer algo diferente, começando o filme mais introspectivo, com uma voz mansa, para depois, quando se embrenha junto com os povos indígenas, utilizar um registro mais grave – isso sem falar da própria aparência, com cabelo e barba fartos. Mas algo não clica. Além de tudo, o ator tenta um sotaque que simplesmente não funciona. Ferreira não é o único, é verdade. A história começa no Recife, os personagens são de lá. É justificável o uso de sotaque. Mas a maioria não chega ao resultado esperado. Maitê Proença tem desafio em dobro, visto que tem que viver uma americana, com um sotaque ianque que não convence ninguém. Sobre sua performance, o próprio Taumaturgo Ferreira nunca escondeu que não gostava de seu trabalho no filme, embora acreditasse que colaborar com Ruy Guerra havia sido algo importante para a sua carreira.

O grande destaque do elenco é Cláudia Raia. A musa estava fazendo sucesso na televisão com a novela *Sassaricando* (1987), vivendo a espevitada Tancinha, e na *TV Pirata*, exercitando sua veia cômica. *Kuarup* foi o primeiro filme de Cláudia Raia no cinema e ela tem um papel que parecia desenhado a ela: o de Sônia, uma dançarina exuberante que vira a cabeça de todos os homens do filme. É seguida e assediada de perto pelo poderoso Ramiro (Cláudio Mamberti), mas consegue se desvencilhar do sujeito ao fugir com um homem indígena. Curiosamente, a presença dela é sentida durante toda a trama, porque Ramiro continua a seguindo após seu sumiço por quase todo o filme. Raia demorou para aceitar o convite de Ruy Guerra, pois

era alguém muito urbana, mas acabou aceitando, vivendo uma personagem sem sotaques, facilitando muito sua vida no set. Ela acabou levando um sopapo de uma mulher indígena nos bastidores, algo que ela conta com bom humor no programa de estreia do *Que História é Essa, Porchat?*

Fernanda Torres, por sua vez, aparece bem menos do que deveria. Ela tem apenas uma cena na primeira hora do filme, para apresentar a sua personagem e mostrar sua relação com o protagonista. Francisca retorna só na segunda hora de filme, quando surge no Xingu. É uma atuação competente, mas que nunca se destaca por conta do tamanho do papel, que não se permite maiores arroubos. Em entrevistas, a atriz dizia que *Kuarup* era um filme que queria muito fazer, até para trabalhar com Ruy Guerra, por ser uma produção fora do eixo Rio-São Paulo, mas que, na verdade, o papel poderia ser feito por qualquer outra atriz que não ela. Quando conversou com Selton Mello, em 2005, no programa *Tarja Preta*, do Canal Brasil, Fernanda comentou que um dia escreveria um livro a respeito dos bastidores de *Kuarup*, mais interessantes do que o próprio filme em si.

Não chegou a escrever um livro, mas pintou uma crônica extensa, publicada pela revista *Piauí*, em 2012, que acabou abrindo o seu livro de crônicas, chamado *Sete Anos*, lançado pela Companhia das Letras em 2014. Neste artigo, ela fala dos perrengues que aconteceram nas gravações do filme (e foram inúmeros), afinal de contas, a equipe estava basicamente isolada no Xingu. Para chegar até lá, era preciso avião, barco e muito tempo de viagem. Não era possível que as gravações acontecessem no Xingu e todo mundo ir



Fotos: Divulgação

descansar no hotel depois. Com isso, todos ficaram em tendas. O ator Roberto Bontempo, por exemplo, foi dois meses antes para ajudar na construção do espaço. E ele se tornou um dos heróis do elenco, pois era o sujeito mais safo no Xingu. Fernanda Torres teve de ficar semanas a mais do que era o previsto e isso a deixou bastante saudosa de casa. Anos depois, em 2005, quando filmou com seu marido, Andrucha Waddington, o filme *A Casa de Areia*, Ruy Guerra foi chamado para ser o marido de sua personagem. Ela adorou a ideia e fez camisetas com os dizeres: “*Me respeita, eu fiz Kuarup*”.

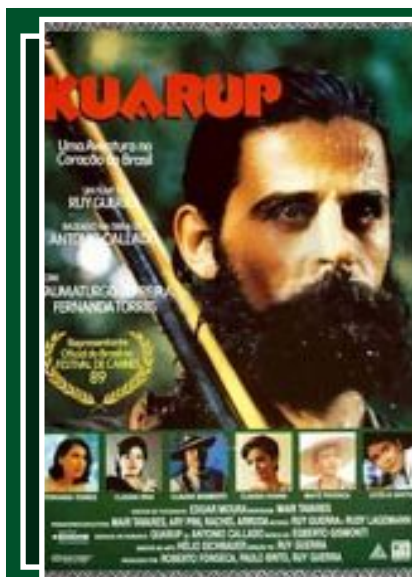
Exibido no Festival de Cannes, onde concorreu à Palma de Ouro, *Kuarup* foi o único filme brasileiro a ser selecionado para a Mostra Principal naquele ano. O longa foi programado para a última noite do evento, tendo a presença de Guerra, de Fernanda Torres e de Cláudia Raia. A imprensa e o público, no entanto, detestaram o filme, que saiu de mãos abanando da Croisette. Em Huelva, na Espanha, teve mais sorte, vencendo três prêmios. No Brasil, segundo o site da Cinemateca Brasileira, foi agraciado pelo CineSesc com prêmios da crítica de Melhor Trilha Sonora e de Atriz Revelação, para Cláudia Raia. *Kuarup* fez parte de um movimento curioso de filmes a respeito de povos indígenas. Logo depois, veio *Brincando nos Campos do Senhor*, de Hector Babenco, por exemplo.

Um dos problemas de *Kuarup* - e que a crítica na época também atentou - é que o filme, embora seja filmado no Xingu, tenha povos originários e todo um discurso indigenista, não os têm como protagonistas. É um filme sobre o homem branco indo e agindo no Xingu. As tramas românticas tomam bastante tempo, o



que não seria um problema caso fossem melhor distribuídas durante o filme. Em dado momento, Nando, o protagonista, simplesmente some para dar lugar à trama envolvendo Sônia. Esse é um dos problemas do roteiro de Ruy Guerra - que, curiosamente, terminou *Kuarup* e foi à Colômbia encontrar seu amigo Gabriel García Márquez para trabalhar em um novo projeto.

Kuarup é um importante trabalho na carreira de Fernanda Torres por encerrar um ciclo de grandes produções e de grandes papéis no cinema. O próprio cinema brasileiro como um todo encerrava um ciclo - mesmo sem querer. Em 1989, Fernando Collor é eleito presidente do Brasil e logo depois termina com a Embrafilme, deixando o cinema brasileiro cair em trevas durante alguns anos. Torres ainda apareceria em alguns filmes, a maioria filmados antes do apagão. A atriz se dedicaria ao teatro, com *Orlando*, de Bia Lessa, sendo destaque e, como costuma dizer, a salvação de um período difícil. Logo depois, subiu aos palcos com a mãe, Fernanda Montenegro, na peça criada por Gerald Thomas *The Flash and Crash Days*, outro momento paradigmático de sua carreira.



KUARUP

BR - 119 min - Drama

Dir.: Ruy Guerra

Rot.: Ruy Guerra e Rudi Lagemann, baseado na obra de Antônio Callado
Com Taumaturgo Ferreira, Fernanda Torres, Cláudia Raia, Claudio Mamberti, Cláudia Ohana, Maitê Proença, Lucélia Santos, Umberto Magnani, Rui Resende, Dionísio Azevedo, Mauro Mendonça, Ewerton de Castro, Roberto Bonfim, Macsua Kadiwéu

Estreia: 18 de maio de 1989

Prêmios:

- Exibido no Festival de Cannes, onde concorreu à Palma de Ouro;
- Premiado no Festival de Huelva, na Espanha;
- Premiado no CineSesc Melhores do Ano em 1989;

1989

Beijo 2348/72





Em seu longa-metragem de estreia, o cineasta paulista Walter Rogério começou a trabalhar *Beijo 2348/72* a partir de um fato ocorrido na década de 1970. Na notícia que leu, um funcionário de uma fábrica havia sido demitido após beijar uma colega durante o expediente. O sujeito processou a empresa e o caso acabou nos jornais. Para o roteiro, Rogério contou com a colaboração de Mário Prata, José Rubens Chachá, Sérvulo Augusto, José Mariano Crochiquia e Chico Botelho, para concatenar essa “comédia burocrática”, como o próprio longa afirma de início. Filmado em 1987, em São Paulo, estava em vias de ser lançado no ano seguinte - segundo matéria da Folha de São Paulo assinada por Maurício Stycer, que elevava o bom momento do cinema brasileiro com a estreia de oito novos cineastas com seus filmes. Quis o destino que *Beijo 2348/72* encontrasse o grande público mais de sete anos depois do início de suas filmagens. Mas chegaremos lá.

Na trama, o atrapalhado Norival (Chiquinho Brandão) consegue emprego em uma tecelagem através da ajuda da romântica e casamenteira Claudete (Fernanda Torres). Ele, no entanto, dura pouco no emprego, pois se engraçou para os lados de uma mulher casada, a desejada Catarina (Maitê Proença) e foi pego em uma posição constrangedora - que o gerente da empresa, Alvarino (Ary Fontoura), entendeu ser um beijo. Ambos são demitidos por justa causa, mas Norival não quer deixar por menos. Contrata um advogado (Claudio Mamberti) e parte para cima de seus empregadores, querendo seus direitos (2348/72 é o número do processo). O problema é que o advogado da empresa (Antônio Fagundes) é cheio dos jargões difíceis e a primeira resposta é a perda do processo. Norival tenta reverter a situação e parte para esferas maiores a cada nova derrota. Enquanto isso, passa a trabalhar como pode para sobreviver, desde vendendo itens usados na rua até se vestir de macaco. Seu desejo por Catarina - que é uma mulher casada com Zecão (Miguel Falabella) - não diminui, mas o romance fica cada vez mais inviável após a demissão de ambos.

Walter Rogério investe em comédia popular para conquistar o espectador e faz de Norival uma espécie de vagabundo chapliniano. A maneira como caminha, como age com objetos inanimados (que, por vezes, se voltam contra ele) ou apenas como se porta junto de outras pessoas mostra uma tradição do clown que foi muito bem capturada por Charlie Chaplin e seu Carlitos - e que serviu de escola para tantos outros que vieram depois. Chiquinho Brandão é esguio e con-



segue manter a energia do papel sempre em alta. Fernanda Torres vem logo atrás, fazendo uma personagem que seria insuportável não fosse o jeitinho adorável que ela inclui no papel. Falastrona, Claudete é incapaz de responder diretamente a uma pergunta, sempre entrando em uma tangente que inclui informações pessoais e um sem número de outras questões que ninguém gostaria de saber. Com um jeitinho meigo e um tanto pegajoso - aos olhos de Norival - Claudete se torna uma insuspeita alcaguete no caso do sujeito e de Catarina, até então sua amiga. A cena do julgamento, em que ela entra em diversas questões antes de responder às perguntas do juiz é hilária. Maitê Proença, por sua vez, está em um registro bem diferente tanto de Brandão quanto de Torres, vivendo a mocinha clássica das comédias, das quais o herói sempre suspira e que, geralmente, com quem não consegue ficar ao final.

O elenco de apoio é incrivelmente graúdo e traz diversos nomes conhecidos da tevê e do cinema, desde Antônio Fagundes, os irmãos Mamberti (Claudio e Sérgio), Ary Fontoura, Eloísa Mafalda, Walmor Chagas, Gianfrancesco Guarnieri, entre muitos outros. Cada

um recebe um papel pequeno, algumas participações meramente afetivas. Mas é de se impressionar com a força de Walter Rogério para conseguir tanta gente famosa para participar de seu primeiro filme. Formado pela ECA, o cineasta era um editor de som de várias produções famosas, como *O Homem que Virou Suco* (1981), *Noites Paraguaías* (1982), *A Ilha dos Prazeres Proibidos* (1979) e *A Marvada Carne* (1985), dentre muitos outros. É possível que esse tempo todo de carreira o colocou em contato com muitos talentos, que não se importaram em dispendir um pouco do seu tempo para participar de um filme com roteiro tão esperto.

A montagem de *Beijo 2348/72* é um dos grandes predados da obra, mantendo o ritmo sempre em alta, se mostrando uma produção bastante arrojada para o final da década de 1980, já apontando uma pegada videoclíptica e publicitária que seria muito utilizada na década seguinte. Por essas e outras, quando estreou em 1994, o filme não parecia anacrônico, embora mostrasse uma realidade setentista, filmada nos anos 80 e com toda uma estética dos anos 90. Se não tivesse tantos problemas para ser lançado, imagina-se

que Walter Rogério teria conseguido uma carreira como cineasta mais longeva. Depois deste, só assinou *Olhos de Vampa* (1996), estrelado por Marco Ricca, Antônio Abujamra, Christiane Tricerri e Joel Barcellos - que, curiosamente, teve problemas parecidos de distribuição e acabou nunca estreando nos cinemas comerciais.

Beijo 2348/72 é o exemplo perfeito de como o cinema brasileiro caiu em período de trevas a partir do governo Fernando Collor. O longa foi produzido dentro da Embrafilme, a empresa estatal que fomentava e distribuía os títulos nacionais - empresa essa que foi desligada em março de 1990, apenas um dia após a posse do então novo presidente. O cinema brasileiro entrou em parafuso, visto que a maior empresa distribuidora do país havia simplesmente fechado. Os festivais daquele ano ainda conseguiram se manter sem maiores problemas, mas notoriamente se canibalizaram. Com isso, *Beijo 2348/72* foi exibido tanto em Gramado quanto em Brasília. No primeiro, em julho, saiu com os Kikitos de Melhor Fotografia, Montagem e Prêmio Especial do Júri (para Cláudio Mamberti, que estava em quatro dos cinco filmes concorrentes). No segundo, em outubro, saiu com o Candango principal, o de Melhor Filme, além de ter sido agraciado com os prêmios de Melhor Ator, para Chiquinho Brandão, Montagem e Ator Coadjuvante, para Joel Barcellos. Com uma carreira dessas em eventos cinematográficos importantes, era de se esperar que *Beijo 2348/72* chegasse rapidamente nos cinemas, para aproveitar o burburinho. Infelizmente, estamos falando do Brasil na primeira metade da década de 1990. O longa de Walter Rogério simplesmente sumiu.

Na entrevista no Roda Viva que Fernanda Torres deu em 1992, ela é indagada sobre o longa e sobre o fato de ele nunca ter sido exibido - a não ser em Festivais - e ela confessa não saber e nem ter assistido ao longa, visto que ela não foi a Gramado em 1990. Depois daquela entrevista, ainda demorariam mais dois anos para que *Beijo* visse a luz do dia, com ele só chegando aos cinemas em São Paulo, em julho de 1994, por conta de um concurso feito pelo Banespa (o Banco do Estado de São Paulo) - como informa o livro *Dicionário de Filmes Brasileiros* (2002), de Antônio Leão da Silva Neto. Demorou tanto para estrear que, infelizmente, seu ator protagonista nunca pode assisti-lo junto ao público. Chiquinho Brandão faleceu em junho de 1991, aos 39 anos, vítima de um acidente automobilístico. Na época, ele gravava a minissérie *O Sorriso do Lagarto*, na Rede Globo, e o ator Stephan Nercessian, seu primo, foi chamado para resolver a sentida lacuna deixada por um ator em franca ascensão na carreira.

Quando estreou, *Beijo 2348/72* era um raro filme brasileiro em meio a inúmeras produções internacionais, muito por conta do apagão do cinema nacional - que só começaria a se resolver em 1995, no que se convencionou a chamar de Retomada do Cinema Nacional. O longa fez sucesso em São Paulo, ficando mais de 20 semanas em cartaz no CineSesc. No Rio de Janeiro, foi lançado em setembro, apenas uma semana antes de o longa ser exibido na TV aberta, na TV Bandeirantes. Sim, o lançamento foi todo estranho, com ele exibido na televisão quando ainda estava em cartaz nos cinemas. E a fita VHS? Chegou mais tarde, naquele segundo semestre de 1994, via Alpha Filmes.



BEIJO 2348/72

BR - 100 min - Comédia

Dir. e Rot.: Walter Rogério

Com Chiquinho Brandão, Maitê Proença, Fernanda Torres, Antônio Fagundes, Ary Fontoura, Claudio Mamberti, José Rubens Chachá, Eloisa Mafalda, Miguel Falabella, Gerson de Abreu, Walmor Chagas, Gianfrancesco Guarnieri, Miriam Pires, Sergio Mamberti, Ankito, Joel Barcellos, João Acaiabe, Iara Jamra, Dani Patarra, Genival Lacerda e Vic Militello

Estreia: 29 de julho de 1994

Prêmios:

- Festival de Gramado, 1990: Melhor Montagem, Fotografia e Prêmio Especial do Júri para Claudio Mamberti;
- Festival de Brasília, 1990: Melhor Filme, Ator (Brandão) e Ator Coadjuvante (Barcellos);

A Guerra de um Homem

1991



Não é raro ver Fernanda Torres sendo perguntada em entrevistas a respeito do trabalho que fez com o “monstro sagrado” Anthony Hopkins em *A Guerra de Um Homem*, único filme falado em inglês da nossa estrela brasileira. E a questão não é totalmente sem nexos. Afinal de contas, hoje Hopkins é muito lembrado como o temível Hannibal Lecter em *O Silêncio dos Inocentes* (1991), emendando uma carreira fenomenal com outras grandes obras como *Retorno a Howard's End* (1992), *Drácula*, de *Bram Stoker* (1992), *Vestígios do Dia* (1993), *Lendas da Paixão* (1994), entre tantas outras. Torres é sempre muito respeitosa, realçando o talento do seu colega britânico, mas também comentando que nos sets, eles trabalhavam de igual para igual. O que ninguém parece lembrar é que Hopkins vivia um momento de baixa em sua carreira. Tanto que aceitava fazer vários filmes para a televisão, como é o caso deste longa, dirigido pelo brasileiro Sergio Toledo, para o Channel 4 e a HBO britânica. Até o final dos anos de 1990, astros de cinema internacionais só faziam TV se os bons papéis na telona rareassem. Hopkins começou a carreira muito bem, nos anos de 1960, chegou a ser indicado a alguns BAFTAS e, em 1980, estrelou um dos grandes trabalhos de David Lynch, *O Homem Elefante*. Depois disso, os bons papéis começaram a minguar. Foi exatamente com *O Silêncio dos Inocentes*, lançado nos cinemas apenas dois meses antes da exibição de *A Guerra de um Homem*, que Hopkins deu a volta por cima. Não entendam mal. Não queremos diminuir a parceria de Torres com o ator britânico. A questão é que naquela época, a jovem atriz não precisaria se sentir intimidada ao trabalhar com um ator que nem havia lançado ainda o filme que mudaria para sempre o seu status.

Trabalhando ao lado da grande estrela do cinema argentino Norma Aleandro, Fernanda Torres e Anthony Hopkins são os destaques do elenco de um filme que nunca decola como deveria. Filmado no México, mostrando uma realidade sobre o Paraguai com um elenco internacional, *A Guerra de um Homem* é um esforço válido, embora incompleto. Na trama, baseada em fatos, conhecemos a família do médico Joel Filártiga (Hopkins): sua esposa Nidia (Aleandro), sua filha mais velha Dolly (Torres), seu filho Joelito (Leonardo Garcia) e sua caçula Analy (Miah Michelle). Eles vivem no Paraguai governado pelo ditador Alfredo Stroessner, em um regime perigoso, em que pessoas são torturadas e presas ao bel prazer dos militares que estavam no poder. Filártiga era uma voz contrária ao go-



Fotos: Divulgação





verno e tentou agir como pode para denunciar o grave atentado aos direitos humanos que promovia o governo do ditador, utilizando uma de suas viagens aos Estados Unidos para fazer tal declaração. Isso, claro, não caiu bem aos ouvidos dos homens no poder. Em retaliação, o filho de Joel, Joelito, é sequestrado e torturado. Morto, tem seu corpo devolvido à família, com a desculpa de que o rapaz havia sido assassinado por um marido ciumento, que encontrou Joelito na cama com sua mulher. Quem reconhece o corpo é sua irmã, Dolly, que seguia os passos do pai na medicina. Estrçalhado pela perda, mas frio o suficiente para fazer uma exameção do corpo do filho, Joel encontra diversos indícios de que se tratava de um caso de tortura. Ele entra com uma ação contra o governo, uma que não teria muita tração dada a óbvia parcialidade da justiça.

Visto hoje, é interessante notar como Fernanda Torres sempre gravitou por histórias que denunciassem os mandos e desmandos dos governos ditatoriais. Com uma carreira de pouco menos de 10 anos, este já era seu segundo filme a respeito - *Kuarup*, de Ruy Guerra, sendo o primeiro. Depois, viriam *O Que É Isso, Companheiro?* (1997) e *Ainda Estou Aqui* (2024) - todos de maneiras diferentes mostrando a luta contra governos ditatoriais. Em seu primeiro e único papel em inglês, a estrela brasileira se sai bem, tendo um desempenho superior ao de Norma Aleandro, que era o segundo nome do elenco e, supunha-se, teria mais destaque na trama. Não é isso que vemos, no entanto. É Dolly quem bate de frente com o pai, querendo respeito sobre sua escolha de seguir medicina, é ela quem encontra o corpo do irmão, é ela quem parte para os Estados Unidos para, no fim, ajudar a denunciar o assassino de Joelito. Infelizmente, este último trecho nos é sonegado, com a ação sendo nos contada com um letreiro deslegante ao final. O longa termina, então, em um anticlímax.

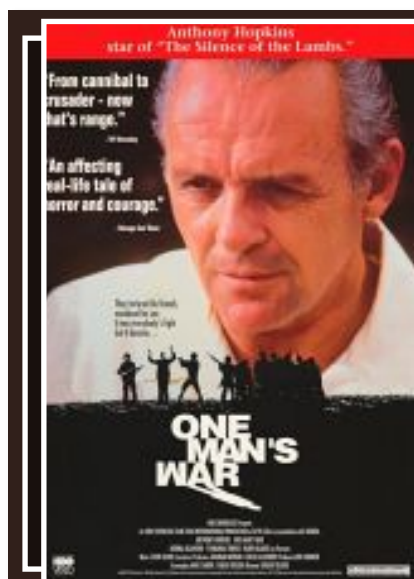
Para Fernanda, a experiência no filme é muito positiva. Depois de ter vencido o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Cannes, por *Eu Sei que Vou te Amar*, esperava-se que convites surgiriam para produções internacionais. Mas o fato é que o longa de Arnaldo Jabor não foi vendido para muitos mercados estrangeiros, o que impediu que Torres usufrísse de maneira mais intensa o momento. Ela chegou a trabalhar em produções fora do Brasil - e volta e meia vemos por aí que *A Guerra de um Homem* foi seu único filme internacional, o que é uma inverdade. É, sim, seu singular papel em inglês. A atriz trabalhou em Portu-

gal, em duas produções diferentes: *A Mulher do Próximo* (1988) e *O Judeu* (1996) - este, coprodução com o Brasil, começou a ser filmado no final dos anos de 1980 e só finalizado na metade da década seguinte. Filmar no México ou em Portugal se tornou uma maneira de seguir no cinema, dado o apagão que aconteceu no Brasil no começo de 1990, quando do governo Collor. Em entrevistas, Fernanda costuma dizer que foi seu período de trabalhos em exílio, até que voltasse para o Brasil para fazer teatro.

Anthony Hopkins havia acabado de filmar *O Silêncio dos Inocentes*, o papel que mudaria seu status definitivamente, e foi para o México trabalhar neste filme para a tevê com a aparente mesma seriedade e profissionalismo que sempre o acompanhou na carreira. É importante mencionar que em 1990, quando das gravações de ambos os filmes, era impossível prever que Hannibal Lecter ia ser o sucesso que foi e renderia os prêmios que rendeu. Afinal de contas, *O Silêncio dos Inocentes* é uma fita de suspense/horror que a Academia não costumava elevar, lançado em um mês longe do fervor da temporada de premiações, comandado por um diretor competente, Jonathan Demme, mas que não era sinônimo de grandes bilheterias. Era, sim, baseado em um livro famoso, escrito por Thomas Harris, mas que ganhou ainda mais admiradores após as inegáveis qualidades da produção. Portanto, não seria plausível que Hopkins chegasse com nariz empinado nos sets, ou que teria dado muitos problemas ao diretor brasileiro Sergio Toledo (como um item de trivía no IMDb afirma). No papel do médico paraguaio, Hopkins está muito correto, por vezes até talvez emule alguma coisa de Lecter, como a maneira ereta com

que recebe algumas notícias, ou quando enxerga seus adversários com os olhos baixos, um tanto injetados. Ou seria nossa ótica enxergando Lecter em tudo?

Sergio Toledo, assim como Fernanda Torres, se viu exilado para conseguir seguir trabalhando em cinema. Depois de ter lançado o elogiado *Vera* (1986), premiado em Berlim e em Brasília com os louros de Melhor Atriz, para Ana Beatriz Nogueira, esperava-se voos mais altos do cineasta. Filho da grande atriz Beatriz Segall, Sergio emendou uma carreira como diretor de canais televisivos no Reino Unido, como HBO e Channel 4, segundo informa a Enciclopédia Itaú Cultural, onde concebeu o telefilme em 1991, seu derradeiro trabalho em longa-metragem. Toledo pesa a mão na trilha sonora, mas de resto, consegue manter as atuações o mais naturalistas possíveis em um campo em que o melodrama seria a saída mais rápida. Nos devendo um terceiro ato mais contundente, *A Guerra de um Homem* parece acabar de supetão, sem o grande momento que aquela história real poderia nos trazer. Ainda assim, é um passatempo curioso de conferir, com uma trama que conta uma luta importante contra a ditadura de Stroessner, que havia acabado apenas em 1989, depois de 35 anos no poder. É sempre salutar quando o cinema utiliza sua força para denunciar governos autoritários, muito embora o longa não seja uma produção paraguaia. Filmes nacionais tendem a servir não só de aprendizado para a audiência, mas também como um expurgo de um período traumático, o que lhes dá maior importância. Era um primeiro passo na direção correta. Fosse realizado hoje, provavelmente teria um envolvimento maior de artistas paraguaios.



A GUERRA DE UM HOMEM

One Man's War

Inglaterra - 93 min - Drama

Dir.: Sergio Toledo

Rot.: Sergio Toledo e Michael Carter

Com Anthony Hopkins, Norma

Aleandro, Fernanda Torres, Leonardo

Garcia Vale, Miah Michelle, Ana

Ofegia Murguía, Jose Antonio Estrada,

Ruben Blades, Sergio Bustamente

Estreia: 21 de abril de 1991 (TV)

Lançado em DVD: New Way

1995

Terra Estrangeira



A importância de *Terra Estrangeira* para o cinema brasileiro se mostra cada vez mais presente. Quando lançado, em 1995, foi um dos filmes que marcou a chamada retomada do cinema brasileiro, ao lado de títulos como *Carlota Joaquina: A Princesa do Brasil*, de Carla Camuratti, *Menino Maluquinho: O Filme*, de Helvécio Ratton, e *O Quatrilho*, de Fábio Barreto, longas que tiveram boa resposta de público e um abraço da crítica e das premiações. Hoje em dia, é visto também como importante por ser a primeira parceria entre o diretor Walter Salles e a atriz Fernanda Torres. Os nomes de ambos estão em voga por conta do sucesso acachapante de sua mais recente dobradinha, *Ainda Estou Aqui*, lançado exatamente 30 anos depois das filmagens de *Terra Estrangeira*. E é notável o quanto ambos evoluíram em suas carreiras neste período, embora o primeiro trabalho em dupla se mostre um belíssimo esforço artístico.

Em entrevista para Renata de Almeida, a diretora da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, em um evento de formação proposto pelo SPCine, Walter Salles e Daniela Thomas, os codiretores de *Terra Estrangeira*, comentaram como a ideia deste projeto surgiu. E essa origem é intrínseca à história recente do Brasil, com o desastroso mandato de Fernando Collor de Mello no início dos anos 90. Para quem não lembra ou nem era nascido, foi um período de dificuldades econômicas grandiosas, em que muitos brasileiros saíram do país tentando melhores condições de vida no exterior - com Portugal servindo como um dos principais paradouros. Salles ficou estimulado criativamente ao ver uma foto de um navio emborcado no mar, em uma praia de Cabo Verde, e começou a pensar na história de duas pessoas no exílio, Paco e Alex. Com um argumento esboçado, o cineasta resolveu dividir a história com sua colaboradora contumaz, Daniela Thomas, que adorou o que ouviu. Tempos depois, Salles enviou o roteiro para ela, que - sincera - achou inferior à história que havia ouvido da boca do amigo e colaborador. Foi neste momento que Thomas escreveu um roteiro de 30 páginas tentando colocar tudo o que havia achado de maravilhoso na primeira versão da trama que tinha ouvido. Quando Walter Salles leu o tratamento, decidiu que eles seguiriam dali, não mais do roteiro escrito por ele, que foi descartado. Marcos Bernstein, que tinha por volta de seus 25 anos na época, acabou sendo chamado para colaborar depois de ser muito ativo no seu trabalho original - que era, basicamente, digitar o roteiro. Fernanda Tor-



Fotos: Divulgação

res, por sua vez, trouxe algumas ideias para a trama, mais notoriamente o momento musical de *Vapor Barato*, com Millôr Fernandes contribuindo com os diálogos do filme.

A atriz havia feito teste para participar do primeiro longa de Walter Salles, *A Grande Arte* (1991), mas não foi escalada. Na época, Torres trabalhava mais no teatro e encenava ao lado da mãe, Fernanda Montenegro, a polêmica peça *The Flash and Crash Days*, comandada pelo dramaturgo Gerald Thomas. Na peça, quem assinava os cenários e os figurinos era Daniela Thomas. Uma relação de parceria entre as duas se forjou tanto nos palcos quanto no cinema, com Fernanda Torres ganhando o papel protagonista de *Terra Estrangeira*. O restante do elenco, como lembra a atriz em uma crônica escrita para o jornal Folha de São Paulo, em outubro de 2021, viria também dos palcos - e de montagens shakespearianas. Alexandre Borges era o rei Claudio de *Hamlet*, enquanto Luiz Mello era Macbeth, da peça homônima. Fernando Alves Pinto, segundo Fernanda, era tão virgem quanto Paco - profissionalmente falando, claro. Primo de Daniela Thomas, tendo estudado teatro em Nova York, onde viveu durante cinco anos, o jovem ator era uma face nova no cinema, algo que Walter Salles procurava. Segundo matéria d'O Globo de Eros Ramos de Almeida, publicada em dezembro de 1995, o cineasta queria um ator que pudesse viver um rapaz que perde sua inocência ao longo do filme. "*Por isso, não podia ser alguém que carregasse um passado cinematográfico*", afirmava.

Na trama, ambientada inicialmente no Brasil de 1990, Paco e sua mãe Manuela (Laura Cardoso) moram às margens do famoso Minhocão, em São Paulo. A situação financeira não é das melhores, mas Manuela sonha em fazer uma viagem até San Sebastian, na Espanha, para mostrar ao filho a terra de onde veio. Ela tem algum dinheirinho guardado na poupança para tal viagem, embora seu filho ache difícil que empre-

endam tal jornada naquele momento. Tudo muda para pior quando Manuela vê na televisão a então ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello confiscando a poupança da população. Vendo seu sonho despedaçado, ela passa mal e morre. Paco fica sem rumo com a morte da mãe. Tempos depois, ele conhece Igor (Mello), que lhe oferece uma viagem à Europa de graça, com direito a uma boa remuneração, desde que leve uma mercadoria até lá. Não é preciso ser muito esperto para saber que se trata de algum tipo de contrabando. Enviado até Lisboa, Paco chega por lá apenas com um nome de contato e a promessa de que será pago quando encontrar um tal Miguel (Borges).

Enquanto isso, vamos acompanhando também a vida de Alex (Torres), uma jovem brasileira que trabalha em Lisboa e é namorada de um músico não muito bem-sucedido - Miguel. Os dois são muito amigos do livreiro Pedro (João Lagarto), que costuma ajudá-los como pode. Miguel tem planos de um grande trabalho escuso que tem tudo para lhe tirar da sarjeta, mas Alex não quer mais saber das mutretas do namorado. Miguel acaba morto por se envolver com pessoas perigosas. Com a morte dele, Alex e Paco acabam se conhecendo e uma relação surge entre os dois, uma dupla de expatriados em uma terra estrangeira.

A fotografia de Walter Carvalho é o primeiro ponto que nos chama a atenção no longa de Walter Salles e Daniela Thomas. Impressiona quando sabemos que o filme foi rodado em super-16mm e só depois ampliado para os 35mm usuais do cinema. A beleza do preto e branco conversa com a aridez das situações apresentadas. Sobre este uso, Salles relembrou na entrevista com Renata de Almeida do fotógrafo

Robert Frank, que dizia que o preto e branco trazia um sentimento de esperança e desespero - *hope and despair* - algo que Salles, Thomas e Carvalho achavam interessante para o filme. Com *background* de documentarista, Salles mantém no visual e no próprio andamento da trama algo que lembra muito um *cinema vérité*. São muitas as tomadas que poderiam virar um quadro em uma exposição: o próprio Minhocão paulista se mostra bonito pelo olhar de Walter Carvalho. Mas a imagem que deu início a tudo, a do navio encalhado na praia, filmado em Cabo Verde, é estonteante. E o mais interessante é que não serve apenas como um momento de beleza plástica, mas também para empurrar a história e mostrar a ligação mais firme entre Alex e Paco.

Outro ponto que é indissociável das qualidades de *Terra Estrangeira* é seu elenco. Daniela Thomas trouxe sua expertise do teatro para experimentar com os atores durante os ensaios. Desta forma, eles conseguiram aquela ligação visceral que vemos na tela. Fernanda Torres compõe uma personagem complexa, dona de seu destino, mas que precisa de portos seguros para conseguir navegar naquela realidade. Paco, por sua vez, é um rapaz cuja vida ainda não o maltratou o suficiente para ser calejado. Isso muda a partir da morte da mãe e de sua viagem ao exterior. Vemos Paco mudar frente aos nossos olhos, uma bela performance de Fernando Alves Pinto, que a partir dali seria um ator cada vez mais interessante. Luís Mello é sempre competente, ainda mais quando precisa aliar charme a um personagem que poderia ser bem menos interessante por conta de suas ações. Laura Cardoso enche de coração a primeira parte do longa, enquanto





Zeka Laplaine, como o congolês Loli, é um dos poucos rostos amistosos que Paco encontra por lá - um imigrante, assim como seu novo amigo brasileiro.

Produção internacional, foi filmada com equipe diminuta, tanto em São Paulo quanto em Portugal. *Terra Estrangeira* parece pagar tributo ao cinema europeu, com um quê de Wim Wenders. Curiosamente, o cineasta alemão estava em Lisboa ao mesmo tempo em que Salles e sua equipe filmavam *Terra Estrangeira*, com a produção de *O Céu de Lisboa* (1994). Em outra daquelas grandes coincidências, os dois filmes chegaram ao mesmo tempo nos cinemas brasileiros, no final daquele ano de 1995.

Walter Salles, nos sets, deixava tudo muito livre para que a melhor ideia fosse utilizada, não necessariamente o que estava no roteiro. A história mais clássica desse approach foi o desfecho. Enquanto Daniela Thomas arrumava o set para a cena da fronteira com os policiais, Salles e Torres trabalhavam na cena do carro. O cineasta pediu à atriz que cantasse alguma canção e ela lembrou de *Vapor Barato*, composta por Jards Macalé e Waly Salomão, que ganhou uma versão

potente na voz de Gal Costa. Ela cantou e, para usar o jargão, encantou Salles, que incluiu o momento no filme. Quando Daniela voltou para onde estavam todos, ela brinca que descobriu que seu filme havia “virado um musical”. Depois de certa resistência, a codiretora aceitou as mudanças e viu o filme ganhar ainda mais força em seu desfecho aberto e - segundo Walter Salles - menos verborrágico que o original. Para quem gosta de memes, não existiria o clássico “totalmente drogada” não fosse esse momento sublime em *Terra Estrangeira*.

Lançado em um momento de redespertar do cinema brasileiro, o longa fez sucesso em premiações no exterior e deu o pontapé necessário para que Walter Salles realizasse o que seria sua obra-prima, *Central do Brasil* (1998), com Fernanda Montenegro. Logo depois, ele reencontraria Torres em um filme menor, mas interessante, chamado *O Primeiro Dia* (1998). Trabalhos que culminaram no grande sucesso *Ainda Estou Aqui*, um filme que reuniu a dupla mais madura depois de filmes formativos como as duas produções dos anos de 1990.



TERRA ESTRANGEIRA

BR - 110 min - Drama

Dir.: Walter Salles e Daniela Thomas

Rot.: Walter Salles, Daniela Thomas, Marcos Bernstein e Millôr Fernandes
Com Fernanda Torres, Fernando Alves Pinto, Luís Mello, Laura Cardoso, Alexandre Borges, Tchêky Karyo, João Lagarto, Zeka Laplaine

Estreia: 24 de novembro de 1995

Lançado em DVD: Video Filmes

Em streaming: Netflix, Globoplay

Prêmios:

- Grande Prêmio do Público no Paris International Film Forum;
- Prêmio APCA de Melhor Filme;
- Prêmio Guarani: Melhor Filme, Direção, Roteiro, Fotografia e Trilha Sonora;

O Que é Isso, Companheiro?

1997





O projeto de levar o livro de Fernando Gabeira, *O Que é Isso, Companheiro?*, para o cinema existe, praticamente, desde que ele foi lançado, em 1979. A grande produtora brasileira Lucy Barreto era amiga próxima de Gabeira e tão logo leu o livro, já quis transformá-lo em um filme. Mas foram necessários quase vinte anos, alguns roteiristas e diretores diferentes para que o longa-metragem visse a luz do dia em 1997. Calhou de Bruno Barreto, o cineasta que até então detinha a marca de filme brasileiro de maior público no país, por conta de *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1976), ser o responsável por levar aquela história às telonas. E de maneira muito bem-sucedida, com o resultado internacional que reforçou o bom momento do cinema brasileiro pós-retomada - mas não sem polêmicas, como de praxe por conta do assunto.

Na época, Bruno Barreto não morava mais no Brasil, tendo se mudado para Los Angeles, e filmado alguns trabalhos por lá, como *Assassinato Sob Duas Bandeiras* (1990), *O Coração da Justiça* (1992) e *Atos de Amor* (1996). O projeto de *O Que é Isso, Companheiro?* estava na fila, mas a história nunca era des-trinchada como Barreto acreditava ser necessária. O roteirista Leopoldo Serran foi para os Estados Unidos para trabalhar com o cineasta na adaptação do script, mas nem com a dupla focada na função eles conseguiam transformar em um roteiro instigante aquele relato em primeira pessoa do livro de Gabeira. A resposta estaria em *Casablanca* (1942) - ou melhor, na canção tema do clássico, *As Time Goes By*. Enquanto andavam de carro, a música tocou no rádio e um estalo surgiu na dupla quando ouviu o trecho: *"it's always the same old story, a fight for love and glory"* ("é sempre a mesma história, uma luta por amor e glória", em tradução). Essa era a chave para o roteiro, uma história humana sobre a guerrilha armada na época da ditadura militar, uma busca por amor e glória em uma época das mais sombrias da nossa história. Barreto trouxe sua expertise no cinema americano para filmar no Brasil, aproveitando o momento da retomada para trabalhar novamente em casa, algo que não fazia desde *Romance da Empregada* (1988). O momento era auspicioso, visto que a Luiz Barreto Produções Cinematográficas estava em alta por conta do sucesso de *O Quatrilho* (1995), comandado pelo irmão de Bruno, Fábio Barreto, longa que ganhou uma indicação ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Para o elenco, o cineasta foi contraintuitivo em suas escolhas. A história de *O Que é Isso, Companheiro?* retratava um período sombrio da nossa história, com o recrudescimento da ditadura por conta do Ato Institucional 5, que dava mais poderes ao Estado para reprimir, vigiar, prender e silenciar vozes dissidentes. Uma história séria como essa pediria, em primeira análise, um elenco de atores conhecidos pelos seus papéis dramáticos. Barreto foi na contramão, escalando Pedro Cardoso como Fernando Gabeira. Ele costuma dizer, em entrevistas, que poucas pessoas concordavam com a escalação - Daniel Filho e Jô Soares eram alguns deles. Um colega de profissão chegou a dizer jocosamente que escolher Cardoso como Gabeira seria como escalar Eddie Murphy para viver Martin Luther King. A ironia disso é que Murphy poderia muito bem fazer um ótimo Dr. King, dadas as suas qualidades que iam muito além do fazer rir. O mesmo pode ser dito de Pedro Cardoso, um ator inteligentíssimo e

que deu um sabor especial ao Gabeira do cinema. Ao seu lado, outro nome cômico que gerou polêmica foi Luiz Fernando Guimarães - ator sugerido por Fernanda Torres para o filme. Curiosamente, não só Guimarães está excelente no papel, como vive uma versão de seu irmão, Luiz Carlos, que participou do sequestro ao embaixador americano (como revelou em entrevista ao programa *Conversas com Bial*). A escolha de atores bons, sejam quais forem seus *backgrounds*, fez toda a diferença para o filme, que conseguiu injetar alguma leveza em um *thriller* que poderia ser sombrio demais de outra forma.

O Que é Isso, Companheiro? mostra o sequestro do embaixador americano Charles Elbrick (Alan Arkin) pelo MR-8 e pela Ação Libertadora Nacional, dois grupos revolucionários que combatiam a Ditadura Militar. O MR-8 era formado por jovens idealistas, capitaneados pela companheira Maria (Torres). Todos que entravam no grupo precisavam usar nomes falsos e obedecer a regras quase que num batalhão. É neste cenário que os amigos Fernando (Cardoso) e Cesar (Selton Mello) entram no grupo, mentindo ao companheiro Marcão (Guimarães) que não se conheciam. Junto ao quarteto estão o companheiro Júlio (Caio Junqueira) e a companheira Renée (Cláudia Abreu). O primeiro ato do grupo armado é realizar um roubo a banco - por dois motivos: gerar repercussão a respeito da luta armada e conseguir fundos para as próximas ações. Nesta empreitada, Cesar - que havia sido rebatizado Oswaldo - é ferido e preso. A partir do fracasso do primeiro ponto, Fernando - agora chamado Paulo - sugere que o grupo sequestre o embaixador americano. Com isso, ele sabia que a imprensa precisaria falar do

assunto e, de quebra, a moeda de troca teria de ser prisioneiros do regime. Para a tarefa, são chamados para ajudar dois membros da ALN, de São Paulo, Jonas (Matheus Nachtergaele) e Toledo (Nelson Dantas). É este grupo que desafiará a Ditadura em nome de um ideal. Enquanto isso, os oficiais (e torturadores) Henrique (Marco Ricca) e Brandão (Maurício Gonçalves) tentarão encontrar o esconderijo do grupo.

Existe o filme que Bruno Barreto queria fazer e o filme que foi recepcionado pelo público. O cineasta claramente queria fazer um *thriller* humano, que desse a todos os envolvidos na trama uma profundidade e uma tridimensionalidade. Portanto, desde os guerrilheiros, passando pelo embaixador e culminando com os torturadores, cada um tem espaço para mostrar uma faceta não necessariamente preestabelecida pelo senso comum. Desta forma, é possível ver um revolucionário parecer um tanto desalmado e com uma pitada de psicopatia, enquanto o torturador recebe um viés mais simpático, um mero sujeito fazendo seu trabalho. Não são as tintas que mais facilmente veríamos em um título do tipo - e *O Que é Isso, Companheiro?* foi bastante criticado à época por sua verve um tanto conciliadora. O que pesa mais, talvez, seja o fato de que o Brasil não havia feito muitos filmes sobre a Ditadura até então. Diferente dos Hermanos argentinos, que destrincharam seu período autocrático com inúmeras obras potentes, o nosso cinema ficou um tanto tímido. Portanto, quando surge um filme que trata do período e mostra os revolucionários como jovens imaturos e que se meteram em algo maior do que poderiam encarar e, por outro lado, os torturadores como pessoas com alguma consciência, ainda que façam



Fotos: Divulgação



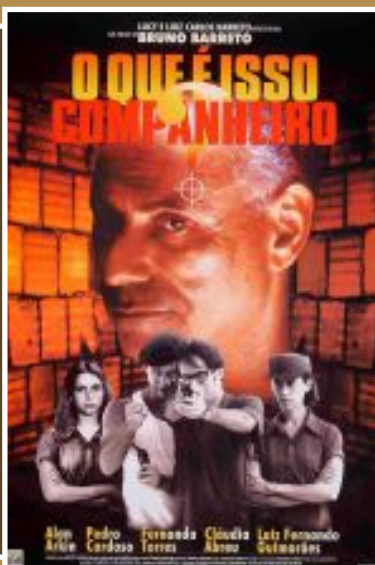
ações horríveis, é compreensível que a opinião pública seja um tanto enviesada. No Brasil, *O Que é Isso, Companheiro?* recebeu recepção mista, enquanto que no resto do mundo, os elogios foram mais recorrentes. Não à toa, o longa foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, apenas dois anos depois de *O Quatrilho* (1995) ter chegado lá.

Embora existam essas questões, algo que é inegável no trabalho de Bruno Barreto é o total controle do ritmo narrativo e na maneira como ele subverte o *thriller*, algo só possível quando se conhece e domina o gênero. O roteiro se permite várias liberdades em respeito à história real, algumas delas para ampliar o suspense e injetar mais tensão na trama. Uma delas - que Barreto depois dizia ter se arrependido - é o trecho em que Paulo entra no quarto do embaixador e se vê obrigado a apontar a arma para o seu refém, visto que o tempo para a resposta dos militares está chegando ao fim. Na realidade, o governo brasileiro cedeu às exigências dias antes do prazo, não no minuto final. Outra questão que Fernando Gabeira costuma comentar é que não foi ele quem criou o plano, menos ainda quem escreveu o manifesto lido nos jornais. Barreto preferiu centralizar ambas as ações no protagonista, para que ele tivesse algo a fazer na trama - visto que o personagem se mostra avesso a cumprir regras, não sabe atirar e nem tem físico para lutar. Qual seria sua função então? Para o filme, funciona.

Interessante que o longa mostra também a ação de cidadãos comuns frente à ditadura e como o estado policial não era apenas dos fardados, mas de civis. Dentro disso, vale ressaltar a pequena, mas pungente participação de Fernanda Montenegro como a senho-

ra que alerta os militares - na pele de um inesperado Lulu Santos - que algo estranho acontecia. Aliás, é notável a força do elenco como um todo. Não apenas os protagonistas são ótimos, mas cada papel coadjuvante (por menor que seja) é defendido pelo melhor que tínhamos em nosso cinema e TV. Othon Bastos, Milton Gonçalves, Eduardo Moscovis, Alessandra Negrini, Antonio Pedro, Jorge Cherques - todos desta lista aparecem pouco, mas deixam sua marca. Do elenco internacional, Alan Arkin dá muita dignidade ao embaixador, enquanto Caroline Kava não decepciona como a desesperada esposa. Na época do lançamento, Barreto apresentou o longa-metragem para a filha de Elbrick, Valery, que aprovou o retrato do pai. Aliás, algumas passagens do roteiro foram extraídas de anotações que o embaixador havia feito no livro de Gabeira.

Para Fernanda Torres, o filme deu a chance de a atriz novamente aparecer para plateias internacionais, depois de ter vencido em Cannes por *Eu Sei que Vou te Amar*. Foi um momento auspicioso, visto que ela estava fazendo sucesso no teatro, com a peça *5X Comédia*, dividindo o palco com seus amigos Luiz Fernando Guimarães, Débora Bloch, Diogo Vilela e Miguel Magno, e ainda fazendo cinema dos bons, com cineastas tarimbados ou com algo a dizer, como era o caso de Bruno Barreto e Walter Salles. Sobre as expectativas do Oscar, a atriz sempre foi muito pé no chão, entendendo as chances pequenas de vitória, mas também a importância de estar lá, representando o Brasil. O filme, chamado nos EUA de *Four Days in September* (*Quatro Dias em Setembro*), não foi o vencedor da estatueta, sendo batido pelo longa holandês *Caráter*, de Mike van Diem.



O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?

BR - 110 min - Drama

Dir.: Bruno Barreto

Rot.: Leopoldo Serran, baseado na obra de Fernando Gabeira

Com Alan Arkin, Pedro Cardoso, Fernanda Torres, Claudia Abreu, Luiz Fernando Guimarães, Nelson Dantas, Matheus Nachtergaele, Selton Mello, Marco Ricca, Maurício Gonçalves, Caio Junqueira, Eduardo Moscovis, Fisher Stevens, Fernanda Montenegro

Estreia: 1 de maio de 1997

Em streaming: Globoplay, Prime Video

Prêmios:

- Indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro;
- Exibido no Festival de Berlim, onde concorreu ao Urso de Ouro;
- Vencedor de 4 prêmios Guarani: Melhor Filme, Diretor, Ator Coadjuvante (Nachtergaele) e Roteiro;

1998

O Primeiro Dia



Bastante natural que *O Primeiro Dia* não seja um longa muito lembrado nas filmografias de Fernanda Torres e de Walter Salles. O filme, afinal de contas, veio a reboque nos sucessos de *Terra Estrangeira* e *Central do Brasil*, e pela maneira como foi realizado, de forma ligeira e sob encomenda, acabou sendo soterrado pelo tempo. Mas não se engane. Embora tenha alguns problemas por conta da rapidez do projeto, o longa que reunia Salles, Torres e Daniela Thomas depois do belíssimo *Terra Estrangeira* tem seus predicados e merece ser (re)descoberto. Ainda mais agora, que Salles e Torres retomaram a parceria em *Ainda Estou Aqui*, *O Primeiro Dia* parece particularmente essencial.

Rodado em apenas três semanas, em 1998, enquanto Walter Salles colaborava com seu irmão João Moreira Salles e Kátia Lund, que dirigiam o documentário *Notícias de uma Guerra Particular* (1999), *O Primeiro Dia* veio como uma encomenda do canal franco-alemão Arte. A ideia era convidar cineastas ao redor do mundo para que eles contassem histórias, sob sua perspectiva e do seu país, envolvendo a virada do século. *2000 Visto Por...* contou com 10 episódios, comandados por cineastas como Hal Hartley (Estados Unidos), Laurent Cantet (França), Alain Berliner (Bélgica), Tsai Ming-liang (Taiwan), entre outros. Walter Salles e Daniela Thomas foram convidados para representar o Brasil e ainda que suas agendas estivessem apinhadas, aceitaram o desafio. Salles utilizaria sua verve de documentarista para manter as gravações rápidas. Thomas traria sua expertise teatral para os ensaios com os atores.

E que atores! Fernanda Torres foi chamada para retomar sua festejada parceria com a dupla no cinema e teve parceiros de peso para dividir a tela. A começar por Carlos Vereza, que vive seu namorado/marido/amante Pedro, um sujeito que abandona sua companheira no dia do réveillon. Matheus Nachtergaele, com quem havia trabalhado em *O Que é Isso, Companhia?* nos cinemas e que havia virado parceiro nos palcos na peça *Da Gaivota* (1998) - com direção de Daniela Thomas - seria o gatuno Francisco. E como protagonista masculino, Luiz Carlos Vasconcelos, que havia recém-estrelado *Baile Perfumado* (1997), como o icônico Lampião, foi escolhido. Em pequenas, mas memoráveis participações, destacam-se Tonico Pereira, Nelson Dantas e Nelson Sargento.

Para o roteiro, assinado por Walter Salles, João Emanuel Carneiro e José Carvalho, buscou-se inspiração em dois autores diferentes - no livro *Cidade Parti-*



Fotos: Divulgação





da, de Zuenir Ventura, e nos trabalhos psicanalíticos de Jurandir Freire Costa. O texto do script não era escrito em pedra, com o elenco tendo bastante lastro para reescrever os próprios diálogos - algo que Nachtergaele teria feito quase que inteiramente para seu papel. Segundo matéria do Globo, em outubro de 1999, o estopim da ideia que amarrava tudo surgiu de Walter Salles, que escreveu: "Imagina se o que mata, salva". Em uma cidade dividida como o Rio de Janeiro, com pessoas de background tão diferentes, seria um encontro intenso entre duas pessoas diversas em uma data extraordinária, cheia de significados e recomeços em potencial, que surgiria aquela história.

Na trama, no dia da virada de 1999 para 2000, Maria (Torres) é abandonada pelo seu parceiro, Pedro (Vereza), com apenas um bilhete no espelho do banheiro. Ela tenta procurá-lo, deixa recados no pager (celular ainda era uma novidade na época), parte para as ruas em seu encalço. Mas tudo sem sucesso. Ela cai em uma depressão profunda, pensando no suicídio. Enquanto isso, vemos João (Vasconcelos) conseguindo um diferente indulto de fim de ano. Mancomunado com o carcereiro (Pereira) da prisão onde cumpre pena, consegue se libertar - mas com uma condição: que

ele execute Francisco (Nachtergaele). O problema, além do óbvio assassinato, é que Francisco é seu amigo. O carcereiro não lhe dá muitas opções, visto que João será morto caso não cumpra a tarefa. Em um telhado de Copacabana, Maria e João vão se encontrar e, por breves momentos, encontrarão soluções para o que os afligiam.

Está claro que a urgência da produção, que precisava ser realizada rapidamente, é transmitida para a tela. O filme é pulsante, ligeiro, sem muitos rodeios. Isso resulta em uma produção que não demora a envolver, mas também nos rouba de algumas tomadas mais plasticamente belas a que fomos acostumados a esperar quando falamos do cinema de Walter Salles e de Daniela Thomas. Por outro lado, mostrava também a versatilidade de Walter Carvalho, o diretor de fotografia. É ele quem assina a função em *Terra Estrangeira*, *Central do Brasil* e *O Primeiro Dia*. E todos os trabalhos, ainda que tenham o mesmo cineasta (Salles) e o mesmo diretor de foto, não poderiam ser mais diferentes esteticamente. Neste último, podem faltar aquelas tomadas mais icônicas como um navio encailhado ou uma câmera que captura as belezas do sertão. Mas o próprio projeto pedia por algo mais cru,

visceral. E se não temos navios ou sertão, temos Fernanda Torres despedaçada em frente ao espelho, uma imagem que acabou virando o pôster da produção.

Matheus Nachtergaele é o primeiro ator a surgir em tela e logo nos captura a atenção pela maneira muito peculiar de interpretar aquele sujeito. Pouco depois, ele teria sua vida mudada ao interpretar João Grilo em *O Auto da Compadecida* (1999), e Francisco carrega algumas gesticulações que remetem ao personagem de Suassuna. Não que os dois tenham algo a ver, mas existe uma ludicidade que Nachtergaele parece capturar que os coloca em um espectro próximo. Luiz Carlos Vasconcelos, por outro lado, está bastante contido como o fugitivo João. É interessante notar como um evento na prisão acaba por modificar um pouco sua própria relação com a virada do ano. Até a morte de Vovô (Sargento), ele via o réveillon como nada demais. Depois, sua relação com a data se transforma, carregando junto de si os pensamentos do velho detento.

Fernanda Torres, por sua vez, se entrega ao melodrama, dando a si direito de chorar, se descabelar, se desnudar. É uma performance diferente do que havíamos visto até ali da talentosa atriz, que se permite ir ao fundo do poço. Na segunda entrevista que Torres deu ao *Roda Viva*, exibida em 1998, Leon Cakoff, o saudoso criador da Mostra Internacional de São Paulo, exaltou a performance da estrela. Ele havia estado nos sets do filme - que, à época, se chamava *Contagem Regressiva* - e se impressionou não só com a dramaticidade da atuação e o desespero que Fernanda transmitia, mas com a maneira como a atriz conseguia se desvencilhar rapidamente daqueles sentimentos

quando não estava gravando. Sobre isso, Fernanda Torres comentou que a experiência trouxe essa facilidade. E que a grande dificuldade do ator é saber quando esquentar e quando esfriar na cena - o que ela habilmente comparou com um fogão. A experiência lhe mostrou que ficar o dia inteiro com a cabeça no sofrimento do personagem lhe tirava a energia de entregar para a câmera o que ela deveria.

Lançado na televisão francesa em dezembro de 1998, *O Primeiro Dia* ganhou uma versão um pouco maior, com 15 minutos a mais, para ser exibido não apenas nos cinemas brasileiros, mas em festivais ao redor do mundo, como o de Locarno, em que concorreu ao Leopardo de Ouro. Hoje, o filme é exibido de vez em quando no Canal Brasil, mas infelizmente não está em streaming algum. É um daqueles títulos difíceis de encontrar, mas que valem a pena por mostrarem uma outra faceta de grande parte dos envolvidos. Um filme imperfeito por conta de sua gênese urgente, mas interessante e diferente exatamente por essa questão célere.



O PRIMEIRO DIA

França, Brasil - 75 min - Drama

Dir.: Walter Salles e Daniela Thomas

Rot.: João Emanuel Carneiro, Walter Salles e José Carvalho

Com Fernanda Torres, Luiz Carlos Vasconcelos, Matheus Nachtergaele, Nelson Sargento, Tonico Pereira, Aulio Ribeiro, Luciana Bezerra, José Dumont, Antônio Gomes, Nelson Dantas e Carlos Vereza

Estreia: 29 de outubro de 1999

Lançado em DVD: Versátil

Prêmios:

- Exibido no Festival de Locarno, onde concorreu ao Leopardo de Ouro;
- Vencedor de 3 prêmios no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro: Melhor Direção, Ator (Nachtergaele) e Roteiro;

1998

Traição



Enquanto lançava a série *Fim* (2022), baseado em seu ótimo livro homônimo, lançado em 2013, Fernanda Torres não se furtou em lembrar da importância de Nelson Rodrigues para sua formação. Ela chegou a conhecer o escritor através de sua mãe, Fernanda Montenegro, e esse contato com o escriba foi essencial para que a escritora de romances de primeira viagem encontrasse um caminho para mostrar as vidas tão sinuosas de cinco homens em um momento de extinção. Voltando um pouco no tempo, é legal lembrar os contatos que Torres teve com a obra rodrigueana - dentre eles, o díptico interessantíssimo *Traição* e *Gêmeas*, que não só promoveu esse mergulho da atriz nos trabalhos do famoso escritor, mas também lhe deu mais uma chance de trabalhar ao lado da mãe.

Fernanda Montenegro e Nelson Rodrigues. Personalidades totalmente diversas, mas que na década de 1960 promoveram um pareamento que deu muito certo, tanto no teatro, na tevê e no cinema. Nos palcos, foi por encomenda da atriz e do seu grupo que saíram os textos de *Beijo no Asfalto* (encenada pelo seu Teatro dos Sete em 1961) e *Toda a Nudez Será Castigada* (cedida para outro grupo, por conta da gravidez de Fernanda, em 1965, que daria origem à sua filha Fernanda Torres); Na televisão, a atriz estrelou três novelas seguidas escritas por Rodrigues na TV-Rio, *A Morta sem Espelho* (1963), *Pouco Amor Não é Amor* (1963-64) e *Sonho de Amor* (1964); E, claro, no cinema, ela teve sua estreia com a adaptação de um texto rodrigueano: *A Falecida* (1965). Curioso perceber que foram necessários trinta e tantos anos para que ela retornasse à obra do dramaturgo.

Nelson Rodrigues foi adaptado para o cinema de maneira constante nas décadas de 60, 70 e 80, mas os anos 90 viram seu nome ganhar novo impulso por conta da televisão. A Rede Globo produziu duas adaptações muito populares: a minissérie *Engraçadinha: Seus Amores e Seus Pecados* (1995) e uma série de especiais veiculados dentro do *Fantástico* chamado *A Vida Como Ela é* (1996). Estava mais do que na hora de Rodrigues voltar ao cinema e a produtora Conspiração Filmes, que até então era mais voltada a videocliques e comerciais de tevê, faria esse trabalho com o filme *Traição*, trazendo quatro histórias do dramaturgo, dirigidas por Arthur Fontes, Claudio Torres, José Henrique Fonseca e Andrucha Waddington. Este último, vendo que seu segmento tinha mais história para ser contada do que o formato permitia, resolveu lançar *Gêmeas* separado. De qualquer forma, os projetos carregam o





mesmo DNA e o predicado de contar com Fernanda Montenegro em cada um dos quatro contos adaptados.

O Primeiro Pecado tem direção de Arthur Fontes e abre *Traição*, o mais bem humorado de todos os segmentos. Nele, Pedro Cardoso é Mário, um rapaz inexperiente com as mulheres, mas como boa parte dos homens da década de 50 (e de hoje também) costuma contar vantagem para os amigos. Ele conheceu uma moça estonteante na parada do ônibus, Irene (Torres), e está louco para levá-la para cama. Para tanto, pede ao seu amigo Jordão (Tonico Pereira) a chave do seu apartamento. Detalhe: a mulher é casada e diz nunca ter traído o seu marido antes. Na imaginação de Mário, o marido (Tuca Andrada) é militar, abusivo. Mas o twist é bem diferente. O clima é divertido e Pedro Cardoso segura bem a atenção com seu jeito pretensamente malandro de se portar. A dobradinha com Fernanda Torres, que funciona tão bem em tantas colaborações da dupla - desde os episódios de *A Comédia da Vida Privada*, passando pelo teatro (ele chegou a participar de maneira bissexta de *5x Comédia*) e culminando no indicado ao Oscar *O Que É Isso, Companheiro?* - é repetida com sucesso.

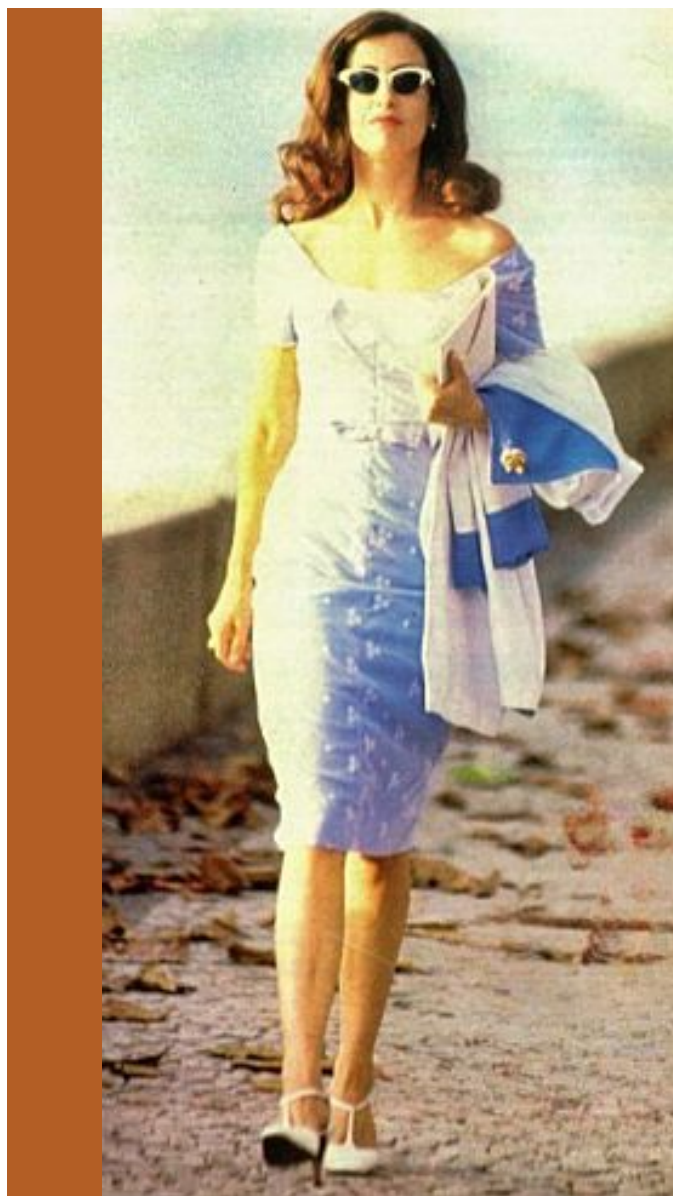
Em *Diabólica*, o registro é outro. Claudio Torres bebe na fonte do cinema de horror ao contar a história de Geraldo (Daniel Dantas), um homem que está prestes a se casar com Dagmar (Torres), mas que é cortejado pela cunhada, Alice (Ludmila Dayer), uma menina de 13 anos. A trama começa com ele carregando o corpo sem vida de Alice até a delegacia comandada por Argemiro (Francisco Cuoco). Lá, ele conta o que aconteceu até a reviravolta final. Fernandona interpreta a matriarca da família e, em certo momento, parece desperdiçada na trama. Até que temos um twist que justifica totalmente sua presença. Não é dos segmentos mais fáceis de se conferir, ainda mais pelo clima pesado que Claudio Torres imprime na história. E nem poderia ser diferente, dado os crimes cometidos - não só o assassinato, mas o abuso sexual anterior e reiterado.

Único segmento sem Fernanda Torres, mas com a sempre presente Fernanda Montenegro, *Cachorro* fecha com chave de ouro o longa e é comandado por José Henrique Fonseca. Aqui, a pegada é o cinema dos anos 90, violento, de Quentin Tarantino, Oliver Stone e Robert Rodriguez. Na trama, um homem (Alexandre Borges) pega sua mulher (Drica Moraes) em um motel

de quinta com seu melhor amigo (Fonseca). Ainda que o trio dentro do quarto consiga comandar bem o segmento, quem manda neste trecho é Fernandona. É ela quem abre o episódio, ensanguentada, totalmente desorientada, tentando pedir ajuda após levar um, dois, três, quatro, cinco tiros. Ela vai contando os orifícios que as balas deixaram e descobre que foi baleada seis vezes por um sujeito desvairado. É uma performance curta, mas impactante e abre os caminhos para o mais frenético dos trechos desse longa.

Como todo filme composto por episódios, *Traição* é irregular, mas nunca desinteressante. O elenco graúdo consegue segurar as pontas e mesmo que aqui e ali os diretores (todos estreando no cinema) pesem a mão, o resultado é bastante positivo. Fonseca, Torres e Fontes não escondem seu passado de videoclipe e dão uma cara bastante anos 90 aos contos de Rodrigues – mesmo que alguns segmentos sejam ambientados em outro período, a narrativa exala produções daquela época.

O projeto que surgiu como uma ideia para a televisão e que foi retrabalhado para o cinema acabou, enfim, ganhando as telinhas com a parceria com a Globosat, que assinou a coprodução do longa – assim como em *Gêmeas*. Com isso, no final dos anos de 1990, o Multishow exibiu os longas em formato de minissérie. A própria Globo reempacotou o filme para ser transmitido na TV aberta, durante homenagens aos 90 anos do escritor Nelson Rodrigues na série *Brava Gente*, no começo dos anos 2000. Foi um começo dos mais auspiciosos para a Conspiração Filmes, produtora nacional que só cresceu depois deste longa-metragem verdadeiramente seminal.



TRAÇÃO

BR - 104 min - Drama
 Dir.: Arthur Fontes, Claudio Torres e José Henrique Fonseca
 Rot.: Mauricio Zacharias, Claudio Torres, Fernanda Torres, Patrícia Melo, baseado em Nelson Rodrigues
 Com Fernanda Torres, Pedro Cardoso, Tonico Pereira, Tuca Andrada, Daniel Dantas, Ludmila Dayer, Francisco Cuoco, Jorge Dória, Alexandre Borges, Drica Moraes, José Henrique Fonseca e Fernanda Montenegro
 Estreia: 25 de dezembro de 1998 (RJ)

Prêmios:

- Melhor Diretor (Torres), Ator Coadjuvante (Cuoco) e Atriz Coadjuvante (Dayer) no Festival de Brasília;
- Melhor Atriz (Dayer) e Ator (Dantas) e Prêmio Especial do Júri para a direção de Torres no Cine PE;
- Melhor Atriz Coadjuvante (Montenegro) e Revelação (os três diretores) no Prêmio Guarani;
- Diretor Revelação para Claudio Torres no prêmio APCA;

1999

Gêmeas



Encarar um papel duplo é sempre um desafio para qualquer ator. Interpretar um papel duplo saído da pena de Nelson Rodrigues, mais ainda. Mas Fernanda Torres, não é de se espantar, tira de letra. Em *Gêmeas*, ela vive Iara e Marilena, duas jovens idênticas e astutas, que costumam virar a cabeça dos homens - e se divertem ao trocar de lugar sem o conhecimento dos namorados que arranjam. Notável como Torres consegue imprimir diferenças visíveis em cada uma das personagens e, ao mesmo tempo, nos deixar em dúvida por conta da maquiagem de ambas as irmãs. Um projeto de fôlego, que serve como bom díptico com *Traição*, longa em episódios lançado no ano anterior pela mesma Conspiração Filmes.

Caso você tenha lido o texto sobre *Traição*, já deve saber que *Gêmeas* era, inicialmente, um segmento dentro do projeto que gerou o filme em episódios - todos eles pensados, inicialmente, como uma série de TV. O diretor Andrucha Waddington, um dos sócios da Conspiração Filmes, percebeu que seu média-metragem havia ficado mais longo que o esperado - quase uma hora de duração, o que justificaria que ele fosse descolado dos episódios de *Traição*, virando um filme solo. Seria o seu primeiro longa-metragem, mas não a primeira parceria com Fernanda Torres, sua companheira dentro e fora das telas. Waddington comandou muitos comerciais e se revelou um diretor de videocliques de mão cheia, tendo assinado vídeos de bandas como Skank (*Garota Nacional*), Raimundos (*Andar na Pedra*) e Os Paralamas do Sucesso (*Loirinha Bombril*, *Busca Vida*). Quando veio a oportunidade de fazer algo com os Paralamas mais cinematográfico, o vídeo de *Ela Disse Adeus*, que brincava com a linguagem do cinema mudo, o cineasta convidou Fernanda Torres para ser a estrela do pequeno filme, interpretando uma mulher que se voltava contra a violência dos seus três amantes (vividos pelos músicos da banda). O clipe deu à Conspiração o tetracampeonato no Video Music Brasil, o prêmio da MTV, depois de ter vencido Clipe do ano em 1995 (*Segue o Seco*, de Mari-sa Monte), em 1996 (*Loirinha Bombril*), em 1997 (*Busca Vida*) e, claro, em 1998 (*Ela Disse Adeus*). Depois de conquistar o mundo dos videocliques, estava mais do que na hora de se voltar para o cinema.

Quem leu o conto *Gêmeas*, de Nelson Rodrigues, deve saber que a história criada pelo escritor e dramaturgo era pequena demais. Apenas três páginas, que davam conta de Iara, Marilena e seu noivo Osmar, que ficava pasmo com a semelhança entre as duas



Fotos: Divulgação

irmãs. O sujeito se sentia “noivo de duas”, algo que incomodava sobremaneira Marilena, que não gostava da semelhança com a irmã. A mãe das jovens também aparece rapidamente no conto, mas o pai inexistente. Para o roteiro, Andrucha e Elena Soarez tiveram de criar, além de mais personagens, situações que fossem críveis dentro daquele universo rodrigueano. E é possível dizer que se saem muito bem na tarefa.

Na trama, conhecemos Iara e Marilena quando brincavam com sua última “presa”: um rapaz (Matheus Nachtergaele) com quem estavam saindo, sem ele saber que as duas trocavam de lugar ao seu bel prazer. A adoentada mãe das jovens não se preocupa tanto com as estripulias das filhas, mas o pai (Francisco Cuoco) não aprova. Tanto que ele faz questão de revelar ao rapaz a verdade - em um momento dos mais dramáticos, com a mãe das jovens em seu leito de morte. Um tempo passa, Marilena conhece Osmar (Evandro Mesquita) e logo se afeiçoa a ele. Sabendo das traquinagens da irmã, a moça tenta esconder o namorado novo como pode. Mas Iara é esperta e se faz passar pela irmã, para o delírio de Osmar. Quando ele descobre que as duas são gêmeas idênticas, o sujeito fica nas nuvens. Mas isso deixa Marilena



incomodada. Está mais do que na hora de cortar aquela ligação doentia com a irmã, mas Lara não parece arredar pé, querendo um pouco de Osmar para si. Quando os dois resolvem se casar, impossível prever o que Lara pode aprontar.

Um filme como *Gêmeas* se constrói totalmente por conta da credibilidade das irmãs. Precisamos acreditar que estamos vendo duas pessoas idênticas na tela, mesmo sabendo que ambas são interpretadas pela mesma atriz. Com orçamento limitado, não era possível fazer muitas trucagens digitais para replicar Fernanda Torres. Portanto, Andrucha Waddington tomou a (sábia) decisão de compor seu filme com uma *mise-en-scène* muito bem pensada, para que boa parte da história pudesse ser contada apenas com planos e contraplanos, com o uso de uma dublê muito bem ensaiada, que pudesse se mover no cenário e nunca revelar seu rosto. Pode parecer uma artimanha barata, uma saída econômica para um filme que precisaria de efeitos visuais de primeira para convencer. Mas não é.



Gêmeas funciona muito bem sem precisar apelar para trucagens - com exceção de uma ou duas cenas em que vemos Fernanda Torres lado a lado com sua versão gêmea, todo o resto é feito de maneira prática, não digital. Um golaço de Waddington, que pode mostrar já em seu primeiro longa-metragem que tinha um olho bom para enquadramentos e direção de atores.

Este segundo ponto é importante. Fernanda Torres é uma atriz praticamente infalível, que não se apequena para qualquer desafio que surge em sua frente. Mas para que o efeito funcionasse a pleno, era necessário que ela criasse duas personagens distintas. Sim, podíamos ficar na dúvida de tempos em tempos, de quem estava na nossa frente (até para que fosse crível que os namorados também acreditassem na farsa). Mas tão logo a história embala, sabemos muito bem quem é Lara e Marilena. E não apenas pelo penteado ligeiramente diferente. É no olhar, no sorriso e na postura física que Fernanda Torres entrega quem é. No conto, Lara usa uma pulseira. Torres não precisa



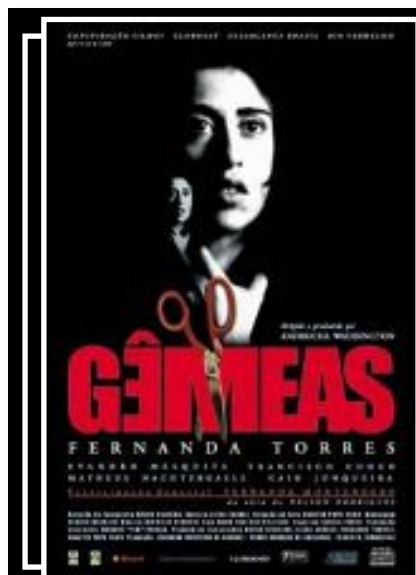


disso. Das três performances dentro deste projeto de adaptações de Nelson Rodrigues para o cinema, é neste que a atriz mais chama a atenção - e não é por menos, dada a entrega de uma performance perigosa, soturna e um tanto alucinada.

Francisco Cuoco não fica atrás, interpretando um personagem que é o lado são daquele mundo tão do avesso. Curiosamente, o ator havia interpretado gêmeos em uma famosa novela global, *O Outro* (1987), em uma época que os efeitos especiais ainda eram menos acessíveis do que nos anos 90. No folhetim, isso era resolvido de maneira mais fácil, pois os irmãos não se conheciam, tendo sido criados longe um do outro. Evandro Mesquita faz o mocinho iludido sem muitos problemas, enquanto Fernanda Montenegro nos agracia com uma performance de duração pequena, mas sempre marcante. Aqui cabe mencionar a presença rápida de Caio Junqueira. O saudoso ator estreou em um filme estrelado por Fernanda Torres - *Com Licença, Eu Vou à Luta* - ainda criança, assinando como

Caio Torres, vivendo o irmão da protagonista. O menino cresceu, virou um ator talentoso e que chegou a estrear ao lado de Fernanda Torres *O Que É Isso, Companheiro?* e de Fernanda Montenegro *Central do Brasil*. Aqui, ele tem praticamente um *cameo*, vivendo um encanador que cai na teia de Iara.

Gêmeas foi um trabalho importante para Fernanda Torres, por propiciar um exercício interessante de interpretação, mas mais ainda para Andrucha Waddington, que deu o pontapé inicial em uma carreira como diretor que traria ótimos frutos. Quando lançou este longa, o cineasta já tinha pronto *Eu, Tu, Eles* (2000), que se provou um belo e bem-sucedido trabalho, estrelado por Regina Casé e Lima Duarte. Mas nada perto de *Casa de Areia* (2005), sua obra-prima até agora, filme que o reuniu novamente com a mulher e com a sogra - as duas Fernandas - vivendo personagens imersas em uma realidade árida durante algumas décadas de história. Mais sobre isso, nas próximas páginas.



GÊMEAS

BR - 75 min - Drama

Dir.: Andrucha Waddington

Rot.: Andrucha Waddington e Elena
Soarez, baseado em Nelson Rodrigues

Com Fernanda Torres, Evandro
Mesquita, Francisco Cuoco, Matheus
Nachtergaele, Caio Junqueira e
Fernanda Montenegro

Estreia: 28 de janeiro de 2000 (RJ)

Lançado em DVD: Columbia

Prêmios:

- Vencedor do prêmio de Melhor Atriz
(Torres) no Festival de Brasília;

2003

Luna Caliente



Fernanda Torres costuma repetir parcerias em sua carreira, não só com pessoas em frente às câmeras, mas também atrás. E tem uma dupla de cineastas que foi bastante importante para a atriz nos anos de 1990 por encontrar para ela um espaço na televisão que, até então, era inexplorado: Guel Arraes e Jorge Furtado. É bom lembrar que Fernanda chegou a estrear novelas no começo de carreira e, notoriamente, ficou marcada pela experiência de protagonista em *Selva de Pedra* (1987), acreditando não ser feita para este formato longo, de quase um ano de trabalho, sem muito controle sobre os caminhos de sua personagem. Ela investiu seu tempo no cinema, depois se jogou no teatro. Na virada dos anos 80 para os 90, a tevê parecia que ficaria uma distante conhecida. Até que o núcleo de Guel Arraes na Globo começou a produzir episódios especiais na Terça Noite, trazendo adaptações literárias para a telinha. Torres caíria como uma luva no formato, visto que poderia trabalhar rapidamente, manter sua independência e ainda aparecer na maior emissora do Brasil. Em *Lúcia McCartney* (1994), viveu a personagem título, baseada no livro de Rubem Fonseca, dirigida por Roberto Talma. Logo depois, Jorge Furtado escreveu o roteiro de *A Comédia da Vida Privada* (1994), baseando o texto em crônicas de Luis Fernando Verissimo. E Fernanda participou do episódio, fazendo casal com Marco Nanini. Ela retornaria em outros capítulos quando o especial virou série, a partir de 1995.

Essa parceria com Guel Arraes e Jorge Furtado rendeu muitos convites, dentre eles uma participação especial na minissérie *Luna Caliente*, adaptação do romance de Mempo Giardinelli, exibida em dezembro de 1999 na Globo, que virou telefilme em 2003 - nos mesmos moldes de *O Auto da Compadecida* (1999), que virou filme e foi exibido nos cinemas em 2000. Como *Luna Caliente* havia sido filmado em película, assim como o *Auto*, se pensou que a transposição seria natural. Desta forma, a microssérie de 2h15min (e dividida em três capítulos) se tornaria um filme de 1h50min, a ser exibido nos cinemas. Mas não foi isso o que aconteceu.

De acordo com notícia no Estadão, publicada em agosto de 2001, o diretor francês Dominique Maillet havia comprado os direitos da adaptação do livro de Giardinelli para o cinema e não renunciaria à exclusividade. Quando a minissérie foi produzida, a Globo comprou apenas os direitos televisivos. Jorge Furtado passou duas semanas remontando a obra para o lançamento nos cinemas que acabou não ocorrendo. Na



Fotos: Globo, Divulgação





gaveta, *Luna Caliente* deu lugar a *Caramuru: A Invenção do Brasil*, minissérie comandada por Guel Arraes e Jorge Furtado, que foi reeditada para lançamento nas telonas. Só em 2003, no Festival Nacional da Globo (que exibia filmes brasileiros na programação da emissora), em outubro, é que *Luna Caliente*, a versão telefilme, foi exibida pela primeira (e única) vez. Para escrever sobre essa versão, lançamos mão de uma gravação disponível no YouTube. Quanto ao filme de Maillet? Nem sinal. Existem referências de um roteiro que ele teria escrito ao lado do ator Jacques Fieschi, mas que nunca viu a luz do dia. Um filme espanhol, lançado em 2009, dirigido por Vicente Aranda, não parece ter a ver com o projeto de Maillet.

Na trama, ambientada no Brasil em 1970 (diferente do livro, que se passava na Argentina, em 1974), Ramiro (Paulo Betti) é um advogado quarentão que está de volta ao Rio Grande do Sul após passar oito anos na França. Depois de visitar o amigo Gomulka (Chico Diaz), com quem pega o carro emprestado, sua próxima parada é a casa de amigos do pai, os queridos Bráulio (Tonico Pereira) e Carmem (Walderez de Barros). Lá, ele reencontra a bela Elisa (Ana Paula Tabalipa), depois de não a ver há quase uma década. Com 18 anos recém-completados, a jovem chama a atenção do homem, que acaba aceitando passar a noite ali em vez de ir para a casa da mãe, Maria (Vanda Lacerda). No meio da noite calorenta, Ramiro passa perto do quarto de Elisa e a vê nua na cama. Ela pare-

ce aceitar os avanços do homem, mas, perto de continuar o ato, Elisa ameaça gritar. Enlouquecido pelo desejo, Ramiro violenta a jovem e tapa o seu rosto com um travesseiro. Após estuprá-la, ele percebe que a moça jaz inerte na cama e foge do local. No carro, ele se vê obrigado a dar carona para Bráulio – e por suspeitar que o velho sabe de suas ações com Elisa, decide matá-lo para acobertar o crime. No dia seguinte, a surpresa: a moça está viva e apaixonada por Ramiro. Esse é só o começo de um turbilhão de situações que ainda envolverão o filho do falecido, Braulito (Bruno Garcia), a ex de Ramiro, Dora (Fernanda Torres), e um astuto policial, o delegado Monteiro (Paulo José).

Sabidamente, Jorge Furtado realizou mudanças na história para poder filmá-la sem maiores problemas. No romance original, Elisa tem apenas 13 anos, o que deixaria as ações de Ramiro ainda mais tenebrosas. Hoje em dia, provavelmente a série não teria o seu protagonista estuprando a jovem de qualquer forma. Para o papel de Elisa, Furtado pensou primeiramente em Leandra Leal, mas a atriz, que havia se destacado em *A Ostra e o Vento* (1997), era menor de idade na época e não pode participar – mas ficou no radar de Furtado a ponto de ele a escalar anos depois em *O Homem Que Copiava*. Ana Paula Tabalipa, que havia aparecido na primeira temporada de *Malhação* (1995-96) e tinha 20 anos, ficou com o papel.

É fácil fazer paralelos entre Elisa e *Lolita*, de Vladimir Nabokov, e principalmente *Presença de Anita*,

uma minissérie que fez muito sucesso na Globo em 2001, escrita por Manoel Carlos e estrelada por Mel Lisboa e José Mayer. Mas *Luna Caliente*, embora traga indiscutivelmente o fetiche da jovem que enlouquece um homem mais velho, parece menos interessado no lado sexual e mais investido na trama detetivesca. Sim, temos sexo e cenas de nudez – algo que é um engajador de plateias desde sempre – mas tão logo Furtado pode largar isso para se envolver na história de mistério, mais ele parece estar em seu elemento. Ramiro é um inseto, preso em uma teia. Quanto mais tenta se soltar, mais ele fica grudado. A trama é claustrofóbica nesse sentido, visto que os problemas vão se empilhando e o homem não tem o que fazer a não ser mentir como pode.

Paulo Betti é um ótimo protagonista, conseguindo dar alguma simpatia a um sujeito que seria tudo, menos adorável por conta de suas ações. Ana Paula Tabalipa é competente, embora ainda verde. Tonico Pereira e Chico Diaz injetam alguma comédia em seus papéis e funcionam muito bem como parceiros de tela para Paulo Betti. Fernanda Torres tem participação pequena, mas nunca decepciona. Quem realmente rouba a cena é o outro Paulo, o José. Como o astuto delegado Monteiro, o veterano ator gaúcho imprime muita inteligência ao sujeito. Sempre uns dois ou três passos à frente do suspeito, o homem da lei busca corroborar suas teorias a respeito do que houve na cidade – nem que para isso tenha que incorrer em alguns joguetes para tirar Ramiro do prumo. José era um excepcional ator, protagonista de trabalhos memoráveis com o próprio Jorge Furtado, e é um verdadeiro prazer vê-lo se divertindo com um personagem tão bem de-

senhado. Alguns anos depois, Furtado reuniria boa parte daquela turma - Paulo José, Tonico Pereira e, claro, Fernanda Torres, para um de seus melhores trabalhos no cinema, o divertidíssimo *Saneamento Básico: O Filme*.

Suspense com pitadas sobrenaturais muito bem comandado por Jorge Furtado, *Luna Caliente* mostra o cineasta fugindo um pouco do seu lugar de conforto, a comédia, para experimentar uma trama cheia de mistério e sedução. Difícil que a mesma história fosse abraçada atualmente da forma como foi em 1999 ou 2003 – afinal, o protagonista estupra, mata e ainda tenta se sair bem no desfecho. Bom lembrar que não é porque o protagonista é um ser execrável que a obra ou quem a fez sejam também. Uma distinção que é cada vez mais difícil de ser enxergada nas acaloradas discussões nas redes sociais.



LUNA CALIENTE

2003 - Suspense - 110 min

Dir.: Jorge Furtado

Rot.: Jorge Furtado, Giba Assis Brasil, Carlos Gerbase, baseado no livro de Mempo Giardinelli

Com Paulo Betti, Ana Paula Tabalipa, Chico Diaz, Tonico Pereira, Paulo José, Walderez de Barros, Bruno Garcia, Fernanda Torres, Julio Andrade, Nelson Diniz, Vanda Lacerda, Zé Adão Barbosa, Zé Víctor Castiel

Telefilme exibido na TV: 10 de outubro de 2003

Os Normais, O Filme

2003



Parceria feita nos céus é esta entre Luiz Fernando Guimarães e Fernanda Torres. Amicíssimos na vida real, os atores parecem se complementar quando ganham a chance de dividir a cena. E, curiosamente, não haviam sido tantas as vezes quanto podíamos imaginar. Nos palcos, a dupla trabalhou junta na peça *5x Comédia*, mas não contracenava, visto que cada um tinha sua própria esquete para apresentar. No cinema, *O Que É Isso, Companheiro?* havia sido a única vez que dividiram a cena, com Fernanda sugerindo a Bruno Barreto o nome de Guimarães para viver Marcão. Na tevê, o programa *Vida ao Vivo Show* (1998), uma expansão do quadro *Vida ao Vivo* apresentado ao lado de Pedro Cardoso no Fantástico, reuniu os amigos. Mas nada perto do que aconteceria quando *Os Normais* estreou na Globo em 1º de junho de 2001.

O programa surgiu dentro do núcleo Guel Arraes e tinha Fernanda Young e Alexandre Machado na criação, com direção de José Alvarenga Jr. Luiz Fernando Guimarães foi chamado para ser o protagonista Rui - e tão logo ele ouviu o conceito, já disse que tinha a noiva, Vani, em mente: Fernanda Torres, claro. A atriz, curiosamente, estava cada vez mais interessada no formato seriado, principalmente depois de ter passado alguns anos morando nos Estados Unidos e de ter se encantado com shows como *Seinfeld*. *Os Normais* teria algo a ver com o programa do comediante americano, mas talvez mais ainda com *Curb Your Enthusiasm*, de Larry David (co-criador de *Seinfeld*), principalmente pela maneira ácida como enxergava os relacionamentos, uma maneira politicamente incorreta de conceber seus protagonistas, que tentavam navegar as complicadas águas da sociedade. Com três temporadas e 71 episódios ao todo, *Os Normais* foi um sucesso acachapante na televisão. E, nada estranho, ganhou planos rápidos para chegar aos cinemas. Assim, em 2003, com o time criativo da série completinho, veríamos nas telonas como Rui e Vani se conheceram. Esse era *Os Normais: O Filme*.

Para dividir a cena com Luiz Fernando Guimarães e Fernanda Torres, foram convocados dois atores experimentados na comédia - e que já haviam participado da série em outros papéis: Marisa Orth e Evandro Mesquita. Uma participação mais do que especial foi a do comediante Tutuca, veterano das chanchadas e de programas humorísticos como *A Praça é Nossa*, que interpreta o pai da personagem de Marisa Orth, Marta. Mas a ideia mesmo é manter a ação sempre no quarteto central.



Fotos: Divulgação





Na trama, os já famosos personagens do seriado da Globo estão se casando, porém não um com o outro. Os casamentos de Rui e Marta e Vani e Sérgio (Mesquita) acontecem na mesma igreja, com poucas horas de diferença. A confusão começa quando a cerimônia de Vani atrasa por falta de arroz para ser jogado nos recém-casados. Ao tentar pedir ao casal que contrairia núpcias depois, ela conhece Rui. Irritada pelo atraso, Marta não permite que o arroz seja emprestado fazendo desse evento o ponto de partida para muitas situações inusitadas.

Um dos predicados da série era criar um evento micro que se transformava em macro ao se chocar com as neuroses do casal principal. No filme, a receita segue a mesma, mas com o escopo um pouco maior. E, curiosamente, diferente do que geralmente acontece na tevê, em que Rui e Vani acabavam sendo os agentes do caos, no longa eles viram vítimas das neuroses de seus cônjuges - até, claro, que eles deem o troco da maneira mais "normal" possível. Marisa Orth está diabolicamente perfeita como a vingativa Marta, enquanto Evandro Mesquita diverte horrores com seu malandro nada esperto. Com mais liberdade no cinema, Alexandre Machado e a saudosa Fernanda Young

capricham nos diálogos menos polidos - mas não usam os palavrões como bengalas para forçar o riso. Em alguns trechos, os sinônimos usados na TV aparecem aqui - como "patacapareu" - que ganha uma explicação inusitada sobre sua origem.

Ainda que Orth e Mesquita estejam ótimos, o show é, realmente, de Luiz Fernando Guimarães e Fernanda Torres. A dupla está entrosada como sempre, embora precise calibrar a química de início. Como Rui e Vani estão recém se conhecendo, não faria muito sentido que já víssemos o casal que conhecemos na série. Portanto, o filme também constrói uma jornada para que a dupla se transforme nos Normais que tanto adorávamos acompanhar nas noites de sexta-feira na TV Globo. Ambos parecem ter nascido para viver esses personagens. Torres dá uma energia caótica para Vani que poucas atrizes teriam coragem de entregar. A atriz parece alguém que aceita qualquer parada para fazer rir e jogar com Guimarães na tela. Sem poder entrar nas picuinhas de casal que conhecemos com Rui - visto que os dois não são um casal, Vani reserva seu faro e olhar crítico para as idiosincrasias de Sérgio e, claro, Marta. As discussões entre as duas mulheres são hilárias. Já Luiz Fernando Guimarães e seu Rui carregam

ainda aquele ar mais brincalhão e sossegado, um sujeito que sairia do seu caminho para não se incomodar, mas que acaba entrando em enrascadas das mais diversas meio que sem querer. Se tudo tivesse corrido como Rui queria, o arroz teria sido emprestado, Vani teria seguido sua vida e tudo estaria resolvido. Claro que surpresas a respeito do relacionamento de ambos - e uma ligação insuspeita entre Sérgio e Marta - fariam com que tudo ruísse dentro em pouco. O roteiro, embora seja um fiapo quando pensamos em sua história, é cheio de momentos inspirados nas situações que os normais se enfiam. Quem deseja dar umas boas risadas e já era fã da série, não teria porque não conferir o filme.

Por outro lado, sabemos muito bem que com o passar do tempo, muitos assuntos que eram tratados com humor e certo despojamento não são vistos da mesma forma hoje. A própria série, disponível na íntegra no Globoplay, têm um *disclaimer* no início de cada episódio lembrando que as situações ali mostradas são retratos de uma época. No filme, vemos Rui dando tapas em uma mulher em seu casamento - para depois descobrir que ela era vítima de abusos em seus relacionamentos. Para 2003, era uma piada arriscada, mas passável. Hoje em dia, certamente não. Esse é só um exemplo de outros vários, mas que não devem ser levados em conta negativamente pelo fato de o filme ser o retrato de outro Brasil - por mais próximo que ele pareça de nosso Brasil atual.

Grande sucesso nos cinemas, *Os Normais: O Filme* levou quase 3 milhões de pessoas aos cinemas e garantiu uma sequência, que seria lançada apenas em 2008.



OS NORMAIS: O FILME

BR - 110 min - Comédia

Dir.: José Alvarenga Jr.

Rot.: Alexandre Machado e Fernanda Young

Com Luiz Fernando Guimarães, Fernanda Torres, Marisa Orth, Evandro Mesquita, Emílio Pitta, Tutuca, Lupe Gigliotti, Fabiana Gugli, Ana Baird, Mário Schoemberger

Estreia: 24 de outubro de 2003

Lançado em DVD: Europa Filmes

Prêmios:

- Melhor Filme - Júri Popular - no Miami Brazilian Film Festival;
- Indicado a Melhor Atriz (Torres) no ACIE Awards, da Associação de Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Brasil;
- Indicado a Melhor Atriz (Torres) no Guarani;

2004

Redentor



Hoje, Fernanda Torres é conhecida não só pelo seu talento nos palcos do teatro e nas telas, seja no cinema ou na televisão, mas como uma escritora de mão cheia. Tendo lançado dois romances, *Fim* (2013) e *A Glória e seu Cortejo de Horrores* (2017), ambos pela Companhia das Letras, Fernanda se revelou uma voz potente no mundo literário, concatenando tramas que trazem personagens complexos, muito longe de serem heróis. Antes de tomar coragem para embarcar na literatura, Fernanda já comentava em entrevistas que tinha vontade de escrever. Muito mais do que dirigir (o caminho comum para muitos atores que buscam maior lastro para contar suas próprias histórias), a atriz pensava que a escrita estava em seu caminho. Mas não nos livros e, sim, como roteirista. Sua experiência como colaboradora de muitos diretores com quem trabalhou, como Lui Farias em *Com Licença, Vou à Luta* (1986), e André Klotzel, em *Capitalismo Selvagem* (1993) - ambos trabalhos em que ela foi creditada como roteirista - além de ter aprendido a improvisar e a pensar na pele de seus personagens - como em *Terra Estrangeira* (1996), de Daniela Thomas e Walter Salles, a gabaritava para tal tarefa. E foi em uma obra em família que Fernanda estreou como roteirista de longas, concebendo a trama de *Redentor*, primeiro filme solo de seu irmão.

Cláudio Torres é um contador de histórias com grande apuro visual. Desde a época em que comandava premiados videoclipes - são dele *Segue o Seco*, de Marisa Monte, e *Resposta*, do Skank - o diretor caprichava em como apresentar aquelas imagens ao espectador. Quando estreou no cinema, no filme em episódios *Traição* (1998), foi possível observar essa verve visual apurada com o mais estiloso dos três segmentos, *Diabólica*, no qual Torres emulou o cinema de horror ao contar uma história baseada nos escritos de Nelson Rodrigues. Os clipes, os comerciais e o filme assinado ao lado de Arthur Fontes e José Henrique Fonseca foram um belo laboratório para *Redentor*, o seu primeiro longa-metragem.

E como dito, é um legítimo filme-família - não em seu conteúdo, mas na produção. O roteiro foi assinado por Claudio ao lado da irmã, Fernanda Torres (que faz uma pequena ponta na trama), e de Elena Soárez. No elenco, seus pais - Fernanda Montenegro e Fernando Torres - tem papéis coadjuvantes, mas de destaque. O protagonista é Pedro Cardoso, vivendo o jornalista Célio Rocha. O encontramos no local de sua morte, aos pés do condomínio Paraíso. Em *Redentor*



Fotos: Divulgação





temos o uso do narrador-defunto, algo que Machado de Assis tão bem utilizou em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e que o cinema volta e meia utiliza muito bem como em *Crepúsculo dos Deuses* (1950) e *Beleza Americana* (1999).

Na trama, Célio é o cicerone e nos leva até sua infância, época em que conheceu a família Sabóia. Naquele tempo, seus pais compraram um apartamento no oitavo andar do condomínio Paraíso. Mas por conta das maracutaias do Dr. Saboya (a grafia do nome com Y só acompanha o pai, interpretado por José Wilker), o imóvel nunca foi entregue. 25 anos depois, o sujeito se mata e deixa o filho, Otávio (Miguel Falcabella) responsável pelas dívidas e pelos processos. A falta do apartamento é algo que incomoda muito o pai de Célio, Justo (Fernando Torres), que se recusa a alugar qualquer imóvel. Dessa forma, ele, sua esposa Isaura (Montenegro) e seu filho precisam morar de favor na casa de uma tia (Suely Franco). Se o sonho do apartamento parecia distante com Dr. Saboya vivo, a coisa degringola após a morte do homem. Os operários que trabalharam no prédio e não receberam seus salários resolvem invadir o local. Dentro do 808 (apê dos Rocha), agora moram Acácio (Stênio Garcia) e seus

dois filhos, Júnior (Babu Santana) e Soninha (Camila Pitanga).

Otávio tem um plano para conseguir reverter a situação, mas precisa da opinião pública do seu lado para dar seu jeito. Por isso, ele chama Célio para escrever uma matéria a seu favor. Fulo da vida pelos Sabóia terem destruído sua família, o jornalista resolve entrar no jogo para tentar implodir os planos do ex-amigo de infância. No entanto, o dinheiro começa a aparecer e a balança passa a pesar para cima de Célio. Quando ele descobre que o pai morreu por conta de uma reportagem que fez, usando da imagem de Soninha, a consciência do sujeito volta a funcionar.

Em um país em que a corrupção é praticamente sistêmica, *Redentor* soa incrivelmente real, ainda que trabalhe sob um manto de fantasia. Os Sabóia não são diferentes de outros grandes empresários que pensam apenas no próprio umbigo. A trama é irônica ao desenhar um caminho de redenção para Otávio, fazendo com que ele consiga tirar vantagem até quando (aparentemente) havia completado seu ciclo e se arrependido dos pecados. Falcabella está ótimo em um papel que faz com pé nas costas, o escroque, assim como Pedro Cardoso, que se mostra confortável como o ho-

mem sem rumo, tentando fazer o certo, mas se perdendo no meio do caminho. Ele não é um mocinho corretíssimo, utilizando as pessoas que encontra como peões em seu jogo – não muito diferente de Otávio. A maneira como ele usa Soninha na foto, por exemplo, mostra que escrúpulos não estão no topo de suas maiores preocupações.

Esse foi o último filme de Fernando Torres e ele acaba sendo a bússola moral do filme. Embora teimoso com suas convicções, Justo é um homem que só queria o que era seu. Mal ele sabia que as ações do filho o levariam a concretizar um de seus desejos expressos anteriormente (e só não entro em detalhes para não estragar surpresas). Fernanda Montenegro não tem muitas cenas com o marido, mas ganha maior destaque na segunda metade da trama. As implicações religiosas da história são óbvias e ela praticamente faz um pacto com o diabo para conseguir a independência financeira que tanto queria. Ela e seu filho, Célio, caem no famoso conto de Fausto. Mas a trama guarda algumas surpresas na manga até o final, que jogam o filme cada vez mais na esfera do realismo fantástico. Fernanda Torres tem apenas uma ponta no filme, como a versão jovem de Isaura, vivendo par com Domingos de Oliveira, que curiosamente interpretava a versão jovem do papel de Fernando Torres (quando ambos tinham apenas 9 anos de diferença um do outro).

Mesmo não sendo muito longo, *Redentor* perde força na metade do segundo ato e, caso extirpasse algumas gorduras desnecessárias, talvez chegasse ao final com o mesmo impacto do início da trama. De qualquer forma, o longa é visualmente interessante,

tem boas performances do elenco e alegorias curiosas com a religião, a política e o abismo social que o Brasil sofre. Fernanda e Claudio Torres são inteligentes ao preencher a trama com esse caldeirão de assuntos e gerar discussões a respeito da ação dos protagonistas.

O longa fez bonito no exterior, levando dois louros no Festival de Miami – Edição e Direção de Arte, além de ter feito bonito em premiações nacionais como o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro (de onde saiu com a estatueta de Melhor Direção) e o Guarani (vencedor de cinco prêmios, dentre eles Melhor Filme, Diretor e Roteiro). Claudio Torres se tornaria um cineasta bastante interessante, tendo assinado outros títulos dignos de nota como os divertidos *A Mulher Invisível* (2009) e *O Homem do Futuro* (2011), assim como a série *Magnífica 70* (2015).

Fernanda Torres tomaria gosto pela escrita e seguiria concatenando projetos para o cinema e para a tevê, equilibrando a carreira na frente e atrás das câmeras. Para o cinema, escreveu *O Juízo* (2019), com direção do marido Andrucha Waddington. Para a televisão, colaborou com Jorge Furtado na série *Amor e Sorte* (2020), assim como no telefilme *Gilda, Lúcia e o Bode* (2020). Para o Globoplay, criou o argumento para o megassucesso *Os Outros* (2023), série desenvolvida e comandada por Lucas Paraizo. E, claro, a adaptação de seu próprio romance, *Fim*, que virou a minissérie homônima em 2023 estrelada por Fabio Assunção e Marjorie Estiano. Segundo matéria de Anna Luiza Santiago, para O Globo, Fernanda Torres prepara nova série para o Globoplay, ambientada em uma estação de esqui na América do Sul. É esperar para ver o resultado.



REDENTOR

BR - 100 min - Drama, Fantasia

Dir.: Claudio Torres

Rot.: Claudio Torres, Fernanda Torres, Elena Soarez

Com Pedro Cardoso, Miguel Falabella, Camila Pitanga, Fernando Torres, Fernanda Montenegro, Stênio Garcia, Babu Santana, Tony Tornado, Jean Pierre Noher, Enrique Diaz, Mauro Mendonça, Lúcio Mauro, José Wilker, Domingos Oliveira, Fernanda Torres

Estreia: setembro de 2004

Lançado em DVD: Warner

Em streaming: Globoplay

Prêmios:

- Melhor Montagem (Vicente Kubrusly) e Direção de Arte (Tulé Peak) no Festival de Miami;
- Melhor Diretor (Torres) no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro;
- Melhor Filme, Diretor, Roteiro Original, Som e Efeitos Visuais no Prêmio Guarani;

2005

Casa de Areia



Basta botar os olhos em *Casa de Areia* para saber que a produção só pode ter sido complicada. Existe um conhecido mandamento no cinema: nunca filme em mar aberto – algo que Steven Spielberg aprendeu a duras penas ao comandar *Tubarão* (1975) – por conta dos riscos em se trabalhar em um ambiente sem controle. Andrucha Waddington não filmou no mar, mas escolheu talvez o segundo cenário mais difícil: as dunas de areia. Por sorte e talento, o trabalho que foi realizar o longa-metragem nos lençóis maranhenses deu resultado ímpar. É um filme que carrega uma beleza rústica, uma solidão sem igual e traz atuações maiúsculas de Fernanda Torres e Fernanda Montenegro, esposa e sogra do cineasta. Não seria possível conceber algo nem parecido em um estúdio e Waddington sabia disso. Assim, fez questão de filmar não só as externas, mas as cenas internas no mesmo cenário. O que vemos na tela é um *tour de force* da equipe.

O DVD de *Casa de Areia* traz um documentário extenso sobre a produção com informações interessantes para quem gosta de se aprofundar nos bastidores de um filme de difícil concepção como esse. No especial, Andrucha fala que a ideia original surgiu de Luiz Carlos Barreto, um dos grandes produtores do cinema nacional. O Barretão (como é chamado) estava em um bar no Nordeste e viu a foto de uma casa praticamente engolida pela areia. Ele perguntou a respeito do retrato e explicaram que uma mulher viveu toda sua vida naquele cenário, lutando contra a areia. Quando ela morreu, o espaço foi tomado. Com aquele conceito, Barreto falou com Andrucha, sugerindo a possibilidade de um filme a partir daquilo. O cineasta sonhou com a história possível e chamou Elena Soarez para trabalhar o argumento junto dele. Ela assina o roteiro sozinha, posteriormente. Com Barreto na pro-

dução e com as duas Fernandas a bordo, *Casa de Areia* precisava de um cenário para ser filmado. Foram escolhidos os lençóis maranhenses, mais especificamente a região de Santo Amaro, que é de difícil acesso, mas o local perfeito para capturar o isolamento necessário.

Na trama, iniciada em 1910, Áurea (Torres) é levada pelo marido Vasco (Ruy Guerra) para uma região erma, a fim de construir uma nova vida. Ela está grávida e leva junto sua mãe, Maria (Montenegro). Os únicos habitantes próximos são Massu (Seu Jorge) e seus familiares, pessoas que vivem da pesca e da criação de animais. O primeiro contato entre Vasco e os

nativos é nada amistosa. Áurea detesta estar ali e quer voltar para casa. Mas Vasco morre e deixa as duas mulheres à própria sorte. Ilhadas naquele local, sem alternativas, mãe e filha acabam tendo reações diversas. Enquanto Áurea sempre planeja abandonar a casa e voltar ao mundo, Maria está resignada com sua realidade. Certo dia, uma excursão de cientistas aparece no local e Áurea se enamora por um soldado que os escoltou até ali, Luís (Enrique Dias). Ele promete que poderia tirá-las das dunas, mas ao voltar para buscar sua mãe e filha, Áurea encontra sua casa soterrada. O tempo passa, a filha (que recebeu o mesmo nome da avó)

cresce (agora interpretada por Fernanda Torres) e Áurea (interpretada por Montenegro) passa a apreciar a família que construiu com Massu (vivido por Luis Melodia). Seria esse o destino das duas, ficarem eternamente naquele local?

Andrucha Waddington constrói um filme sensorial. Desde os primeiros minutos, em que a câmera viaja por aquele mar de areia chegando à comitiva de Vasco, somos levados por uma sensação de isolamento sem igual. O tempo parece passar mais devagar também naquelas paragens – e o paralelo do tempo com a areia não é nada acidental. Em dado momento,





vemos os grãos correndo por uma fenda na casa, como se estivéssemos testemunhando uma ampuheta ditar os minutos. Para conseguir colocar o espectador naquele ambiente, Waddington precisava filmar naquele local e fazer com que o público entrasse na jornada junto de sua equipe. Ele alcança isso de maneira paulatina, não correndo sua narrativa de maneira alguma. Estamos presos junto das duas Fernandas. E que bom que estamos em tão boa companhia.

É uma ideia genial fazer com que as atrizes possam viver personagens diferentes no decorrer da trama. Em dado momento, Torres interpreta Áurea e Fernandona, Maria, sua mãe. Depois, a primeira passa a interpretar a filha de Áurea, enquanto a outra vive a protagonista. Por fim, Montenegro vive tanto Maria quanto Áurea, em idade avançada. Dessa forma, podemos observar como mãe e filha estavam em sincronia nessa produção. O que uma faz com uma personagem a outra consegue emular de maneira convincente, apenas complementando com a idade ajustada. Outro ponto interessante é notar que Fernanda Torres é extremamente generosa nesse trabalho. O terceiro ato poderia muito bem ter a atriz com maquiagem pesada vivendo Maria mais velha, contracenando com uma envelhecida Fernandona. Mas não. É escolhido que Montenegro viva as duas personagens, nos dando a rara oportunidade de ver a grande atriz contracenando consigo mesmo. É um grande momento do filme, em que uma das protagonistas se afasta para deixar a outra brilhar.

Além das duas Fernandas, temos um elenco de apoio cativante, com Seu Jorge e Luis Melodia interpretando o desconfiado e ciumento Massu, assim como Stênio Garcia e Enrique Diaz vivendo o mesmo personagem, Luís, em idades diferentes. E o que dizer de Ruy Guerra vivendo o obtuso Vasco? Um achado que Waddington tenha convidado o cineasta para partici-



par como ator. Uma das vantagens em ter alguém como ele nos sets são as ideias e as preocupações. No *making of*, é revelado que Guerra foi quem deu a ideia do sexo entre Vasco e Áurea terminar no homem dormindo em cima da mulher. Também é mostrado como ele tinha preocupação em resolver as tomadas em uma primeira tentativa, para evitar transtornos para a equipe. E, acredite se quiser, mas é o próprio que fica debaixo dos escombros em sua cena de morte. Difícil encontrar um parceiro melhor para trabalhar em frente às câmeras do que um sujeito famoso por seus trabalhos atrás delas.

Quando pensamos em filmes com personagens naufragados, alguns logo vem à mente, como *A Lagoa Azul* (1980), *Náufrago* (2000) ou a série *Lost* (2004-2010). E é exatamente isso que *Casa de Areia* é, um filme retratando duas mulheres que sofreram um naufrágio – talvez não propriamente dito, mas verdadeiro de qualquer forma. Elas não conseguem sair dali, estão em um local inóspito. A vontade de escapar da situação é recorrente, mas existe a impossibilidade por conta da hostilidade que aquele ambiente apresenta. Um lance brilhante do roteiro é parear o espaço onde as personagens vivem à lua. Um dos últimos diálogos faz esse paralelo e deixa bem claro o quanto os dois locais têm de similar.

Impressiona a direção de arte de Tulé Peak, que concebe um cenário não só condizente com a realidade daquelas duas mulheres, mas que também insere um pouco da personalidade de cada uma nos poucos ornamentos que elas conseguem incluir na casa. A fotografia de Ricardo Della Rosa é conscientemente utilizada para não embelezar o local. Segundo ele, a ideia não era fazer um cartão postal do Maranhão e, sim, apresentar aquele espaço em toda a sua complexidade. Para tanto, ele conseguiu evitar mostrar o céu azul, mantendo uma cor alva. Nos figurinos, a ausência



de cores fortes não é acidental. Tudo feito para que o filme tivesse aquele visual esmaecido.

Em seu lado sonoro, os silêncios falam alto, mas também a ausência de uma trilha sonora convencional. Uma das coisas que Áurea mais sente falta do mundo externo é a música. Portanto, temos motivos claros para que não ouçamos uma trilha – seja diegética ou não diegética – durante a trama. Quando os cientistas aparecem, faz sentido que sejam vividos por músicos (Jorge Mautner e Nelson Jacobina) pois finalmente aparece algo musical, com os dois tocando instrumentos e encantando Áurea. João Barone e Carlo Bartolini são responsáveis pela trilha e capricham em sons pouco ortodoxos, que conversam totalmente com a pegada sensorial que Waddington pretende ao filme.

Depois de filmado, *Casa de Areia* ganhou o reforço de dois grandes produtores brasileiros. Daniel Filho havia sido convidado em um momento inicial da produção, mas segundo suas próprias palavras para

Jaime Biaggio do jornal O Globo, “*não havia acreditado no script*”. Quando lhe apresentaram um corte inicial, se apaixonou pelo projeto e o levou para a Globo Filmes. Outro nome importante foi Walter Salles. Segundo ele, na mesma matéria d’O Globo, sua participação foi mais afetiva, com ele sugerindo algumas questões no roteiro e na montagem.

Casa de Areia é um título que viajou o mundo. Foi exibido e premiado no Festival de Sundance, também teve *première* de gala no Festival de Berlim, onde participou da mostra paralela Panorama, isso sem contar dezenas de outros pequenos eventos ao redor do globo. No Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, concorreu a Melhor Filme e as duas Fernandas como Melhor Atriz, além de outras indicações. Foram três prêmios: Direção de Arte, Figurino e Maquiagem. No Guarani, a belíssima fotografia foi premiada, com o longa indicado a outras onze categorias, incluindo Melhor Filme e, claro, as duas Fernandas na categoria Melhor Atriz.



CASA DE AREIA

BR - 116 min - Drama
 Dir.: Andrucha Waddington
 Rot.: Elena Soarez, baseado em história de Luiz Carlos Barreto, Andrucha Waddington e Elena Soarez
 Com Fernanda Montenegro, Fernanda Torres, Seu Jorge, Enrique Diaz, Ruy Guerra, Stenio Garcia, Luiz Melodia, Emiliano Queiroz, João Acaiabe, Jorge Mautner, Nelson Jacobina, Camilla Fagundes, Haroldo Costa, Zumbi Bahia, Jefferson de Almeida Barbosa
 Estreia: 13 de maio de 2005
 Lançado em DVD: Columbia

Prêmios:

- Exibido na Mostra Panorama no Festival de Berlim;
- Prêmio Especial no Festival de Sundance;
- Indicado a Melhor Roteiro e Fotografia no Satellite Awards;
- Melhor Direção de Arte, Figurino (Cláudia Kopke) e Maquiagem (Martín Macías Trujillo) no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro;
- Melhor Fotografia no Guarani;



Saneamento Básico, O Filme

2007



Saneamento Básico: O Filme. Quando surgiu o anúncio de que o novo filme de Jorge Furtado carregava esse título, muitos ficaram se perguntando o que viria da cabeça do cineasta. Poucos imaginaram que um longa com essa alcuha seria uma ode ao cinema, uma carta de amor à sétima arte. Com elenco estupendo, piadas hilariantes e um coração gigantesco, *Saneamento Básico* disputa cabeça-cabeça com *O Homem Que Copiava* pela posição de qual seria o melhor trabalho em longa de Jorge Furtado.

A premissa do filme é bastante inventiva e brinca com uma situação conhecida do cinema brasileiro, geralmente criticado por ser sustentado por subsídios estatais. Uma das principais questões para quem se coloca contrário a esse apoio é o fato de que a quantia empregada poderia ser repassada para áreas de maior necessidade – como saneamento básico, por exemplo. O povo da fictícia Linha Cristal, no interior do Rio Grande do Sul, precisa exatamente de verba para a construção de uma fossa. Depois de diversas reuniões com o conselho municipal, o casal Marina (Fernanda Torres) e Joaquim (Wagner Moura) vai até a subprefeitura para pleitear o dinheiro, mas descobre, através da servidora pública Marcela (Janaína Kremer), que não existe verba para este tipo de obra. Se o saneamento não é possível, não se pode dizer o mesmo de um curta-metragem de 10 minutos. A prefeitura dispõe de 10 mil reais para a produção de um vídeo e a ideia de “desviar” este dinheiro para a construção da fossa é colocada em prática. Primeiro, Marina e Joaquim precisam descobrir o que é um filme de ficção – segundo o velho pai da mulher, Otaviano (Paulo José), é “filme de monstro”. Assim é criado o vídeo do “Monstro da Fossa”, um terror classe Z estrelado pelos namorados Silene (Camila Pitanga) e Fabrício (Bruno Garcia). Com o decorrer dos dias, os envolvidos começam a ficar mais interessados na produção do vídeo do que na fossa em si. Até a contratação de alguém para montar o filme é realizada, com Zico (Lázaro Ramos) chegando para ajudar e tomando para si a direção.

Jorge Furtado costuma dizer que é um roteirista em primeiro lugar. Segundo suas próprias palavras, é “*mais um roteirista que dirige do que um diretor que escreve*”. Isso talvez explique sua atenção primordial ao texto. Enquanto muitos diretores começam seus filmes sem um roteiro estruturado, pelos mais variados motivos possíveis, Furtado nunca começaria um filme sem um final. Aliás, ele costuma dizer que Paulo José uma vez lhe ensinou que se você não tem o des-



Fotos: Leopoldo Plentz, Divulgação

fecho, você não tem uma história. A preocupação com a trama deveria ser o primeiro tópico na mente de qualquer cineasta e, tristemente, nem sempre acontece. Este cuidado é notável nos longas-metragens (e em qualquer outro trabalho de Furtado) e, em *Saneamento Básico*, não é diferente.

Política e humor costumam se misturar nos textos do cineasta. Neste filme, ele imagina como seria se uma população necessitada de algo tão essencial quanto saneamento se apaixonasse pelo fazer cinema, quase que sem querer. Em entrevista para Ângelo Defanti, para a mostra de filmes *Palavra em Movimento: Filmes e Roteiros de Jorge Furtado*, o cineasta comenta que não seria possível esperar “*crescer o bolo para que a divisão fosse feita*” – no sentido que não daria para que todo o Brasil tivesse saneamento básico ou outras questões primárias para que o governo pudesse começar a pensar em cultura. Tudo deve ser realizado ao mesmo tempo. “*O bolo deve ser dividido enquanto cresce, não depois*”.

O segundo ponto a destacar nas produções de Jorge Furtado é o trabalho primoroso com o elenco. Não só as atuações estão ótimas como o casting é impecável. Fernanda Torres, Wagner Moura e Lázaro Ramos fazem parte de um time que trabalha comédia como ninguém. A maneira como atuam de forma naturalíssima, como se estivessem mesmo vivendo aquela situação, é ímpar. Usando esta tríade em papéis-chave do filme, Furtado não tinha como errar. Uma bem dirigida Camila Pitanga também faz diferença (Silene Seagal rouba a cena), ao lado do sempre divertido Bruno Garcia, que acentua a canastrice de seu personagem. E o que dizer do elenco de veteranos? Paulo José e Tonico Pereira dão um tom ranzinza – e hilário – à história. Cada um deles vive um arquétipo da *commedia dell’arte*, a clássica comédia italiana originada no teatro. Não à toa, Furtado coloca esses personagens em um cenário que conversa com isso – a Serra gaúcha, colonizada por italianos – e enche sua trilha de música daquele país.

Dos roteiros de Furtado – não baseados em textos de outros escritores – *Saneamento Básico* é, sem dúvidas, o mais engraçado. Cada membro do elenco tem seu momento de brilhar com alguma boa piada ou *gag*. Silene Seagal passeando pela rua vestindo Só Lindezas enquanto conversa com operários (interpretados de maneira hilária por Zéu Brito e Lúcio Mauro Filho) é um dos trechos mais lembrados. Mas Marina e Joaquim escrevendo o roteiro tem piadas impagáveis, assim como o trecho em que Zico surge,

malandro, querendo assumir a produção. As gravações do *Monstro do Fosso* (ou da Fossa), então, são divertidíssimas, com as agruras de uma produção pequena (e com pessoas inexperientes) tentando gravar um filme. Tudo funciona muito bem. Difícil não se apaixonar pelos personagens e rir de suas peripécias.

Interessante notar que o cineasta se despiu de vários de seus trejeitos neste trabalho, como o uso de um personagem principal, de sua indefectível narração ou de um twist no desfecho. Em diversas entrevistas, Furtado comenta que faz o possível para não se repetir. Ao trabalhar uma história com elenco coral e de abdicar do *off*, o cineasta demonstra que tem outras ferramentas narrativas que sabe utilizar. O desfecho não ter um twist (como aconteceu em *Houve uma Vez Dois Verões*, *O Homem Que Copiava* e *Meu Tio Matou um Cara*) é apenas por conta da própria história sendo contada. *Saneamento Básico* não precisava de uma surpresa ao final, embora a ironia de que a fossa acaba não sendo realizada é esperta na medida. Se não é um *twist*, é uma tirada bastante crível.

Com um elenco peso-pesado como esse e crítica bastante positiva em seu lançamento, difícil entender as razões pelas quais *Saneamento Básico: O Filme* não tenha feito uma grande bilheteria. Segundo o livro *Um Certo Cinema Gaúcho de Porto Alegre*, de Boca Migotto, o longa não chegou a 200 mil espectadores, com bilheteria inferior a R\$1,5 milhão. Na entrevista com Ângelo Defanti, Furtado comenta que adoraria fazer uma comédia que levasse 2 milhões de espectadores aos cinemas – muito porque com esse valor de bilheteria, conseguiria produzir muitos outros filmes dentro da Casa de Cinema de Porto Alegre. O motivo de ele

não fazer isso é simples: ele não sabe como. Isso é meia verdade. Talvez ele não saiba realmente fazer algo popular. Intitular o filme com algo mais chamativo resolveria? Faltou ao público o faro para descobrir que por trás de um filme chamado *Saneamento Básico*, existia uma grande comédia? *O Monstro do Fosso: O Filme* teria feito mais sucesso? Questões que possivelmente foram pensadas por Furtado e equipe. Felizmente, mesmo não tendo uma resposta de público condizente com suas qualidades, o filme costuma aparecer bastante na TV a cabo, ganhando *status cult* com o passar do tempo. As reprises constantes tendem a deixar ninguém que curte este trabalho de Furtado na fossa. O que já é um começo.



SANEAMENTO BÁSICO, O FILME

2007 - Comédia - 112 min

Dir. e Rot.: Jorge Furtado

Com Fernanda Torres, Wagner Moura, Camila Pitanga, Bruno Garcia, Lázaro Ramos, Janaína Kremer Motta, Tonico Pereira, Paulo José, Sérgio Lulkin, Marcelo Aquino, Zéu Britto, Lúcio Mauro Filho, Margarida Leoni Peixoto, Irene Brietzke, Sandra Possani, Felipe de Paula

Estreia: 20 de julho de 2007

Lançado em DVD: Columbia

Em streaming: Globoplay

Prêmios:

- Indicado ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro nas categorias Melhor Roteiro Original e Efeitos Visuais;
- Vencedor do Prêmio Contigo Cinema Brasil, na categoria Melhor Atriz (Torres) no Voto Popular;
- Vencedor do Prêmio Guarani na categoria Melhor Atriz (Torres);

Os Normais 2:

A Noite Mais Maluca de Todas

2009



É com clima de festa que inicia *Os Normais 2 – A Noite Mais Maluca de Todas*. Festa merecida, já que o seriado exibido pela Rede Globo entre 2001 e 2003 deixou saudades nas noites de sexta-feira. Portanto, nada mais normal que um retorno triunfante no cinema – ao som de *Livin’ La Vida Loca* em uma versão nada ortodoxa. Rui (Luiz Fernando Guimarães) e Vani (Fernanda Torres) surgem em um palco iluminado, dando um show de (des) afinação e falta de carisma. Não demora muito para que percebamos que a aura de festa não passa de uma tentativa do casal de reascender a chama do seu noivado, que dura surpreendentes 13 anos. A tentativa, no entanto, não surte muito efeito dentro de uma decadente casa de karaokê.

Vani chega à conclusão de que depois de tanto tempo juntos, a frequência do sexo acaba diminuindo consideravelmente – como ela explica em um detalhado gráfico no banheiro feminino. Com isso, ela resolve propor a Rui o seu tão desejado *ménage à trois*, pensando que, desta forma, conseguiria reavivar o interesse de seu parceiro. Com essa ideia em mente, os dois saem às ruas do Rio de Janeiro para encontrar a terceira pessoa ideal. E nisso, todas as confusões da “noite mais maluca de todas” do título acontecem. Dentre elas, o encontro com uma prima (Drica Moraes) que potencialmente toparia um sexo a três; a procura de uma parceira bissexual, achada em uma festejada bi (Daniele Suzuki) – na verdade, uma bicampeã de kickboxing; a descoberta fortuita de uma parceira na figura da libertária Deborah (Claudia Raia); ou de uma francesa (Mayana Neiva), que parece mesmo estar procurando uma *ménage*, embora o termo seja um pouco diferente no francês.

Quem curtia o seriado certamente tinha expectativas altas em relação ao filme. O primeiro, lançado em 2003, diferia bastante da série televisa – e esse afastamento era um ponto positivo, já que não faria sentido assistir a um episódio maior do seriado na telona quando a série recém havia saído do ar. Dito isso, perceber que esta sequência é muito mais próxima do seriado é ótimo, pois já havia tempo suficiente para sentirmos saudades das desventuras de Rui e Vani. Até a trilha clássica do casal surge em meio à história, o que gera uma familiaridade ímpar no espectador. Estamos em terreno conhecido e em tempos em que a nostalgia está tão em voga no cinema, *Os Normais 2* já caprichava nesse quesito. Embora não tenha as várias quebras narrativas que a série costumava incluir, como os mini-flashbacks (inclusos como um “grande mini

-flashback no longa original) ou as conversas com o espectador, *Os Normais 2* investe em uma trama nitidamente episódica, com cada situação iniciando em encerrando em si. Só Daniel Dantas que surge no início e amarra sua história mais adiante no filme. De resto, cada ator entra como um franco-atirador em seu trecho e tenta deixar sua marca o mais rápido possível.

O elenco tem vários nomes famosos, a maioria que já havia participado da série em outros papéis. Drica Moraes, Alinne Moraes, Daniele Suzuki e Daniel Dantas divertem, embora tenham pouco tempo para tanto. O destaque coadjuvante vai, certamente, para Cláudia Raia, que relembra seus bons momentos de *TV Pirata* com uma participação amalucada. O que é muito visível para o espectador é como o elenco está curtindo gravar juntos – e o trio Guimarães, Torres e Raia na hidromassagem não poderia estar mais unido—até pelo espaço diminuto que dividem.

Claro que quem ia ao cinema esperando ver o casal de *Os Normais* não iria se decepcionar. Luiz Fernando Guimarães e Fernanda Torres são sinônimo de entrosamento, sendo a grande razão do sucesso do seriado e dos filmes no cinema. Desde a cena de abertura, com o casal se entregando a uma versão muito desafinada de *Livin’ la Vida Loca*, já sabemos que a



Fotos: Divulgação



dupla vai entregar a mesma dose de humor e uma falta de noção pelo qual a série se tornou famosa. Fernanda segue com as neuroses de Vani muito bem calibradas, mas nesta história, chega a ser admirável o que a mulher do casal faz para reascender a chama do relacionamento. Talvez esse seja um dos segredos de *Os Normais*. Embora Vani e Rui costumem discutir horrores e, muitas vezes, suas brigas os aproximam do fim do noivado, eles realmente se gostam, se entendem, se complementam. E essa química entre Fernanda e Luiz é difícil de criar. Ele, inclusive, está um pouco mais rude do que de costume de início - talvez a falta de sexo o incomode? - mas basta que sua noiva o convite para um *ménage* para vermos o velho Rui bonachão de volta.

O roteiro de Alexandre Machado e Fernanda Young é culpado do sucesso, mesmo que talvez pudesse ser melhor polido neste segundo filme. Algumas situações poderiam ser limadas sem prejuízo algum às risadas ou à trama. De qualquer forma, mesmo as cenas menos à serviço da história guardam alguma graça e um objetivo. Tome a cena do hospital, por exemplo. Ela é totalmente maluca, com situações que fogem de qualquer naturalismo que a série ou os filmes costu-

mavam investir. Mas Vani está dopada e a ideia é brincar com o absurdo. Então não estranhe caso o humor de situação vire um pouco *nonsense*.

José Alvarenga Jr., diretor do primeiro *Os Normais* e do sucesso de 2009 *Divã*, tem se mostrado um diretor hábil em comédias, conseguindo manter um bom ritmo em seus trabalhos. Como se sabe, é muito mais difícil fazer o espectador rir do que chorar. É tudo uma questão de timing, edição e um bom texto. Felizmente, o timing cômico do longa-metragem está impecável. Incomoda um pouco a artificialidade dos cenários, no entanto. O filme foi praticamente todo rodado em estúdio e algumas cenas que deveriam ser externas são nitidamente trucagens.

Outro sucesso do cinema nacional, com mais de 2 milhões de espectadores, *Os Normais 2* é engraçado o suficiente para lembrar os bons tempos do seriado global. E é corajoso o bastante para acrescentar uma interessante mudança no *status quo* dos personagens, que pode render boas piadas em futuras sequências. Há tempos se fala de um terceiro filme, com o casal central sempre deixando a possibilidade aberta para um retorno. Existe um roteiro pronto para o terceiro longa, escrito por Fernanda Young e Alexandre Macha-



do, de acordo com o próprio Luiz Fernando Guimarães, que comentou a respeito da produção em sua entrevista no Roda Viva em 2023. Na época, no entanto, não existia nenhuma notícia sobre o sinal verde para que Vani e Rui voltassem às suas desventuras. A parte mais curiosa é que tanto no Roda Viva quanto no *Conversa com Bial* (que Luiz participou em 2022),

ele comenta sobre Vani e Rui se jogando de um navio ao final do segundo filme - e que a sequência mostraria o que aconteceu com o casal de náufragos. No entanto, isso não acontece nem ao final de *Os Normais 2*, nem no desfecho da série. Fica a dúvida de como isso vai ser incluso no roteiro e se veremos Rui e Vani em breve. A comédia e o público agradecem.



OS NORMAIS 2: A NOITE MAIS MALUCA DE TODAS

BR - 75 min - Comédia

Dir.: José Alvarenga Jr.

Rot.: Alexandre Machado e Fernanda Young

Com Luiz Fernando Guimarães, Fernanda Torres, Claudia Raia, Drica Moraes, Danielle Winits, Daniel Dantas, Alinne Moraes, Daniele Suzuki, Mayana Neiva

Estreia: 28 de agosto de 2009

Lançado em DVD: Imagem Filmes

Prêmios:

- Indicado a Melhor Atriz Coadjuvante (Drica Moraes) no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro;
- Indicado a Melhor Atriz (Torres) no ACIE Awards, da Associação de Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Brasil;

2019

O Juízo



Talvez um estrangeiro dê uma olhada nesta revista, veja a foto ao lado e pense: “que trabalho de maquiagem incrível fizeram em Fernanda Torres”. Mas não. *O Juízo* é o único título desta publicação que não conta com nossa homenagem como atriz, mas como roteirista. A brincadeira é justa, visto que após sessões de *Ainda Estou Aqui*, alguns críticos de fora pensavam que a sequência final, na qual Fernanda Montenegro nos tira o chão debaixo dos pés com sua presença silenciosa, mas pungente, havia sido estrelada por Torres debaixo de maquiagem. Mas nós brasileiros sabemos melhor. Temos em mente que o talento andou de mãos dadas naquela família.

Família, aliás, é uma palavra-chave na produção de *O Juízo*. Temos Fernanda Torres como roteirista, seu marido Andrucha Waddington como diretor, sua mãe Fernanda Montenegro em uma intensa participação especial e seu filho Joaquim Torres Waddington como um dos protagonistas. Isso não surpreende, dada a trajetória da carreira de todos os envolvidos, sempre muito próximos, colaborando. O que talvez soe diferente é o gênero escolhido. Fernanda Torres e Andrucha Waddington não são necessariamente estranhos ao suspense, tendo realizado *Gêmeas*, no final da década de 1990. Mas é notório que ambos construíram carreiras que não giraram em torno deste gênero. Em entrevista inclusa no material de divulgação da Globo Filmes, Fernanda Torres disse que a ideia de trabalhar com o suspense foi uma tentativa de expandir as possibilidades do cinema brasileiro, que investe muito na comédia e no drama social. O suspense é realizado no Brasil, mas em quantidade muito menor do que comédias, por exemplo. Portanto, parecia interessante investir neste mercado. Depois de uma viagem para Minas Gerais, onde ficou em uma região isolada, um corredor pelo qual passavam as riquezas extraídas de lá, Fernanda começou a bolar a ideia para o roteiro. Este script seria seu primeiro trabalho solo de ficção, visto que seus roteiros anteriores haviam sido assinados coletivamente e seu primeiro livro, *Fim*, ainda não havia sido gestado.

Na trama, Augusto Menezes (Felipe Camargo) e Tereza (Carol Castro) estão com seu casamento em um fiapo. Os dois viajam para o interior de Minas com seu filho adolescente Marinho (Joaquim Torres Waddington) para tentar resolver seus problemas - e, de quebra, tomar posse de uma fazenda deixada pelo avô de Augusto. Na cena que abre o filme, vemos que existe uma dívida enorme da família do sujeito com seu



passado escravagista. Neste prólogo, testemunhamos Couraça (Criolo) pedindo pouso na residência dos Menezes e sendo traído, denunciado por ser um homem escravizado fugitivo, que estava em posse de diamantes. Não apenas Couraça é executado, como sua filha Ana (Kênia Bárbara). Duzentos anos depois, ele segue buscando reparação.

Augusto tem um sério problema com bebida e sua chegada na casa do avô desperta algo há muito enterrado por lá. Marinho, por sua vez, detesta o fato de estar preso naquela casa, sem luz e sem diversão. Ele começa a enxergar na mata uma jovem menina. Em dado momento, Marinho apaga perto de um riacho e é encontrado pelos pais. Em sua mão, uma pepita de diamante. Augusto se espanta com o achado e busca no velho Costa Breves (Lima Duarte), um especialista da região, o quanto aquele brilhante vale. Breves é irmão de Marta Amarantes (Fernanda Montenegro), uma senhora sensível, amiga dos Menezes. Para Augusto, o achado daquela pedra só pode significar que existem mais por ali. Sua ganância aumenta, enquanto sua sanidade diminui.

Contar mais sobre a história seria atrapalhar a fruição do leitor. Mas uma família cujo pai vai enlouquecendo ao ser deixado em local ermo, com o sobrenatural tomando conta da história, não é muito distante de *O Iluminado* (1980). A própria Fernanda Torres confessa que não teve como fugir muito dos clichês dos suspenses sobrenaturais e que resolveu se entregar a eles, colocando, claro, seu molho brasileiro numa trama que já foi muito contada. Em entrevista a Bruno Carmelo para o site Papo de Cinema, ela comenta que escrever *O Juízo* acabou sendo complicado por conta disso: “Várias vezes eu escrevia coisas e pensava: ‘Essa ideia é maravilhosa!’. *Aí você termina de escrever e descobre que aquilo tudo vem de O Iluminado*”. Ainda que remeta à adaptação de Stanley Kubrick para o clássico livro de Stephen King, *O Juízo* consegue ser

criativo o suficiente para não parecer programa re-quentado. E o maior predicado disso é exatamente esse viés brasileiro que Fernanda Torres inclui na história. Na mesma entrevista ao Papo de Cinema, a roteirista comenta que começou a escrever pensando que o espírito que volta para se vingar dos Menezes seria holandês - interpretado potencialmente pelo cantor e ator Otto. Quando foi escrever, ela se deu conta que a maior dívida do país não é com os holandeses, mas com os escravos. Assim, ela escreveu um papel poderoso para Criolo - coincidência ou não, também um músico e ator, assim como Otto. Para Felipe Camargo, Augusto carrega uma questão que ele mesmo sofreu na vida real, o alcoolismo. O ator está há quase 30 anos sem beber, o que é uma vitória, certamente conquistada com muito trabalho. Não é difícil imaginar que Camargo buscou em sua própria vivência como canalizar aquele sentimento tresloucado de um terrível vício. Ele é um dos destaques do elenco, o que não é pouco quando pensamos que temos Fernanda Montenegro e Lima Duarte dividindo a tela com ele.

Como é prazeroso observar a dupla de veteranos em cena. Quando gravaram, os dois beiravam os 90 anos, mas com uma vitalidade e uma vontade de atuar que é visível na tela. Lima tem uma participação um pouco menor, mas vive um personagem clássico em suspenses sobrenaturais: o homem idoso que tenta avisar o protagonista dos perigos que vêm adiante (e que é geralmente ignorado). Existe um pequeno twist neste personagem tão utilizado, mas que o filme de Waddington esconde muito bem. Fernandona, por sua vez, utiliza sua persona sábia para viver uma idosa sensível que pode desbloquear alguns mistérios para

Augusto e sua família. Ao lado de Fernando Eiras, que vive o psicólogo Dr. Lauro, vive a dicotomia entre a fé e a ciência. Em um suspense que mergulha no sobrenatural, nem precisamos dizer quem vence esse braço-de-ferro.

Carol Castro é competente como a mãe de família que tenta ser o alicerce, mas que não consegue manter tudo de pé por conta das loucuras do marido. Criolo capricha em uma atuação sóbria, muito mais impactante por conta disso. Se exagerasse aqui ou ali, a assombração que ele interpreta poderia perder a força. Mas é em sua presença sempre serena que reside a periculosidade de seu personagem. Por fim, Joaquim Waddington se revela um jovem espirituoso, tendo uma missão complicada ao ter de dividir a tela com grandes atores e atrizes, sem muita experiência. Rebento de quem é, não deveria ser surpresa que o talento não lhe escapa também. Sobre a escalação do filho para o papel, Fernanda Torres comenta que chegaram a procurar outros jovens, mas por ser um papel complicado, até pelas burocracias de uma produção cinematográfica, fizeram um teste com Joaquim - e ele foi o único a não interpretar Marinho como um coitado, mas com raiva. Isso deu à Fernanda e a Andrucha Waddington, pai do garoto, a confiança de que o papel estaria em boas mãos.

Confiança era algo que Fernanda tinha em seu marido, claro. Mas ao ver o primeiro corte do filme, sem a música e sem a montagem mais fina de Sérgio Mekler, a roteirista confessou em entrevista divulgada pela produção de *O Juízo* que tinha ficado temerosa com o resultado, pensando que tinha colocado sua família e amigos em uma cilada. Depois, quando o lon-





ga ficou pronto, ela pode dizer com sinceridade (e com muito alívio) que havia amado o resultado. Carol Castro e Felipe Camargo, que estavam ao lado de Fernanda na entrevista, também pareceram aliviados com a sua reação.

Com bela fotografia de Azul Serra, que capricha nas sombras e na escuridão para construir uma atmosfera claustrofóbica, e com a ótima direção de atores de Andrucha Waddington, *O Juízo* é um filme que tem a família como centro, tendo sido realizado por uma família das mais talentosas. Não é um longa perfeito, visto que por vezes acaba sendo derivativo, mas é um esforço no caminho certo. Ao fazer o diagnóstico de que faltam filmes de suspense sendo realizados no país, quem melhor para preencher uma lacuna do que uma “família de circo”, como costuma dizer Fernanda Torres a respeito dos seus? Faltou, claro, a roteirista fazer algum personagem - algo que ela confessou não querer fazer por preferir não atuar em seus próprios textos. Isso viria a mudar, felizmente, em *Fim*, a minissérie lançada na Globoplay que foi baseada no seu livro homônimo, no qual ela tem um pequeno papel.



O JUÍZO

BR - 109 min - Suspense

Dir.: Andrucha Waddington

Rot.: Fernanda Torres

Com Felipe Camargo, Carol Castro, Criolo, Joaquim Torres Waddington, Lima Duarte, Kênia Bárbara, Fernando Eiras e Fernanda Montenegro

Estreia: 5 de dezembro de 2019

Em streaming: Globoplay

Prêmios:

- Indicado a Melhor Trilha (Antonio Pinto) no Grande Prêmio Brasil;

2020

Gilda, Lúcia e o Bode



Cinco anos depois do início da pandemia do COVID-19 e histórias ambientadas naquele momento ainda nos tocam profundamente. Foi uma parte de nossas vidas de grandes transformações, de aprendizados, de revelações, de angústias e dores. Foi crítico. Foi tenebroso. E, esperamos, que tenha ido para nunca mais voltar. Logo de início, as artes vieram para nos resgatar das trevas. Bandas e músicos fizeram lives tocando suas canções; atores e atrizes declamaram textos, interpretaram monólogos na internet, dentre várias outras iniciativas para que nos mantivéssemos sãos - tanto os espectadores quanto os artistas. Em meio a esse inferno de isolamento social e angústia pela espera da vacina, Jorge Furtado, uma das cabeças mais brilhantes da TV Globo, bolou uma série televisiva que pudesse ser produzida durante o confinamento. Para tanto, seria necessário lançar mão dos talentos que morassem juntos, as tantas famílias que fazem parte da constelação de astros e estrelas brasileiros. Com equipe reduzidíssima, *Amor e Sorte* estreou na Globo em setembro de 2020, com quatro episódios, exibidos semanalmente na grade da emissora. O primeiro foi estrelado por Fernanda Montenegro e Fernanda Torres, intitulado *Gilda e Lúcia*. O segundo, por Lázaro Ramos e Thaís Araújo, *Linha de Raciocínio*. O terceiro, por Emilio Dantas e Fabiula Nascimento, *Territórios*. E, por fim, *A Beleza Salvará o Mundo*, com Caio Blat e Luisa Arraes como protagonistas. Arlette Sales, Drica Moraes e Johnny Massaro fazem personagens que ligam essas histórias estanques. Foi um sucesso. Tanto que gerou um spin-off natalino, *Gilda, Lúcia e o Bode*. E é deste especial que nos debruçaremos nestas páginas.

Mas antes, é necessário contextualizar um pouco mais. No episódio *Gilda e Lúcia*, vimos as Fernandas se isolando no começo da pandemia. Gilda (Montenegro) é uma mulher nonagenária que deseja curtir seus últimos anos de vida da maneira como achar melhor. Lúcia (Torres) é sua filha, alguém que trabalha com ações na bolsa de valores, e está temerosa com o que pode ocorrer com a mãe, uma idosa firme no grupo de risco do vírus letal. A contragosto, Gilda é levada para a casa de campo da família, e tenta de todo jeito que sua filha a leve de volta para o Rio de Janeiro. Lúcia, no entanto, sabe muito bem que não pode deixar a mãe sozinha na Cidade Maravilhosa, muito por conta da maneira livre com que ela está vivendo, sem máscara, saindo de casa toda a hora. Portanto, a filha decide deixar São Paulo e vir se isolar com a mãe pela segurança de todos. Em meio a muitas



discussões, as duas acabam encontrando um meio-termo - não sem antes Gilda sabotar a internet e a antena parabólica da casa, deixando ambas isoladas do mundo. A vacina havia finalmente chegado, mas a idosa não estava pronta para tomar o inoculante.

Assistir ao episódio de *Amor e Sorte* nos dias de hoje é relembrar um momento complicadíssimo de nossas vidas. Quantas discussões iguais não tivemos com os mais idosos? O quão angustiados estávamos e cuidadosos ao máximo frente ao vírus? A cena em que Fernanda Torres se mune de todos os tipos de precauções para ir ao mercado é uma lembrança viva de quem passou por aquilo se cuidando ao máximo (e este que vos escreve se viu no espelho nas atitudes de Lúcia). Claro que o roteiro de Jorge Furtado, Antonio Prata, Chico Mattoso e Fernanda Torres consegue extrair graça nestes momentos. E a performance de ambas as atrizes mantém o clima divertido, mesmo que o drama por vezes invada a história. É uma trama bastante familiar, que deve tocar qualquer pessoa que passou os perrengues que passamos durante a COVID-19. Para ampliar o clima família, Joaquim Waddington, filho de Torres e neto de Montenegro, vive Dimas, o rapaz que vende uma rifa especial para Gilda.



Estava na cara que ninguém esperava que a série fosse ter continuação—tanto que resolvem a história do bode no episódio original e ele retorna para o especial *Gilda, Lúcia e o Bode*, um telefilme/especial de Natal que foi exibido na Globo no dia 25 de dezembro de 2020. Era uma data especialíssima. Afinal de contas, foi o Natal que passamos em isolamento social, ainda antes da vacina chegar aos brasileiros. No episódio da série, Furtado e os demais escribas haviam imaginado uma vacina rápida para tirar seus personagens daquela situação. Desta forma, tiveram de seguir o conceito no especial - mas tomando cuidado para manter algumas regras de isolamento na história. Eles não estiveram muito longe da realidade ao imaginar como o povo brasileiro se comportaria pós-pandemia, com alguns ainda utilizando máscara e outros as ignorando totalmente.

Na trama, Lúcia perdeu o emprego na bolsa de valores e agora precisa se virar para conseguir manter ela e sua mãe, Gilda, no azul. O problema é que o di-

nheiro escasso, que não seria suficiente para manter um padrão de vida como ambas estavam acostumadas, fica ainda menor por conta das jogatinas de Gilda. Ela está devendo muito dinheiro para a cunhada Olga (Arlete Salles) e tenta a todo custo ganhar a quantia necessária para tirar a família do vermelho - mesmo que, para isso, precise gastar o dinheiro contado para o ano. Neste interim, o bode que havia sido vendido no episódio anterior retorna, e mãe e filha precisarão dar um jeito nele. Para isso, elas chamam o faz-tudo Dimas (Waddington), que está mais interessado nos encantos de Sarah (Muse Maya), uma jovem que conheceu na praia. Quando Lúcia aposta um bom dinheiro na bolsa de valores e Gilda coloca todos os ovos na mesma cesta - ou melhor, no Jogo do Bicho, o que pode dar mais errado?

Como de costume em roteiros de Jorge Furtado, os personagens podem andar na linha tênue entre a lei e a moral e ninguém usará isso contra eles. Facilita a vida do escriba ter atrizes do peso de Fernanda Mon-



Fotos: Globo, Divulgação

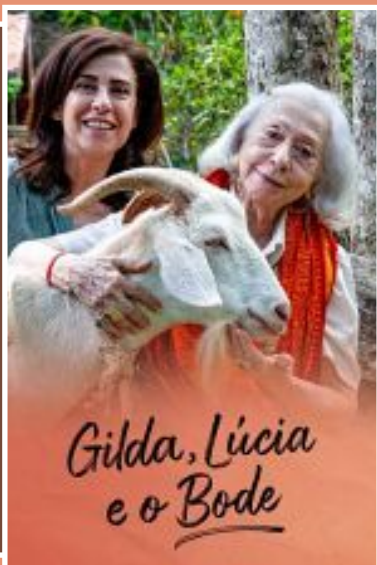


tenegro e Fernanda Torres no elenco. Qualquer conversa entre as duas é sempre envolvente. E não teria como ser diferente. Mãe e filha têm talento nato para o ofício, se conhecem como ninguém, portanto terão uma química sem aparente esforço. Uma joga para a outra com naturalidade, que responde com algo que alavanca a cena de maneira ímpar. Ver Lúcia tentando lidar com a teimosia da mãe e, por outro lado, testemunhar Gilda tentando a todo custo resolver a situação do jeito que pode é um dos segredos do sucesso dessa história. Joaquim segue desenvolvendo seu talento para a atuação e se firma bem como um terceiro vértice daquela história. E o bode também ajuda, é verdade. O animal se torna um dos elementos da trama e diverte pela sua expressão sempre serena.

Assim como no especial de setembro, *Gilda, Lúcia e o Bode* teve na direção Pedro Waddington, filho de Andrucha (que assina a direção artística), contando com equipe reduzida. Aqui, no entanto, um pouco mais expandida do que vimos anteriormente,

com direito a encontro entre mais atores do que a pandemia permitia. Isso foi realizado com uma severa quarentena anterior às gravações e testes constantes para proteger todos os envolvidos. O que se vê é um escopo maior do que havíamos conferido antes. Enquanto *Amor e Sorte* parecia muito interno (e justificável), este telefilme parece abrir uma janela um pouco maior. A vacina naquele universo já existe, portanto tivemos um vislumbre do que teríamos logo depois, quando o Brasil iniciou a inoculação da população em janeiro de 2021.

Com narrativa rápida como foguete e atores dos mais gabaritados, *Gilda, Lúcia e o Bode* é um especial televisivo que poderia muito bem render mais continuações, dada a qualidade do texto e das situações apresentadas. Existe algo de muito humano naquelas relações, palpável, que é identificável para qualquer pessoa que conferir a trama. Visto na época de Natal, quando foi lançado, ajuda a entrar no clima das festas de final de ano.



GILDA, LÚCIA E O BODE

BR - 50 min - Drama

Dir.: Pedro Waddington

Rot.: Jorge Furtado, Fernanda Torres e Antônio Prata

Com Fernanda Montenegro, Fernanda Torres, Joaquim Waddington, Arlete Salles, Fabiula Nascimento, Muse Maya, Kelzy Ecard, Thelmo Fernandes, Cibele Santa Cruz, Fernando Pestana

Exibido na TV: 25 de dezembro de 2020

Em streaming: Globoplay

2024

Ainda Estou Aqui

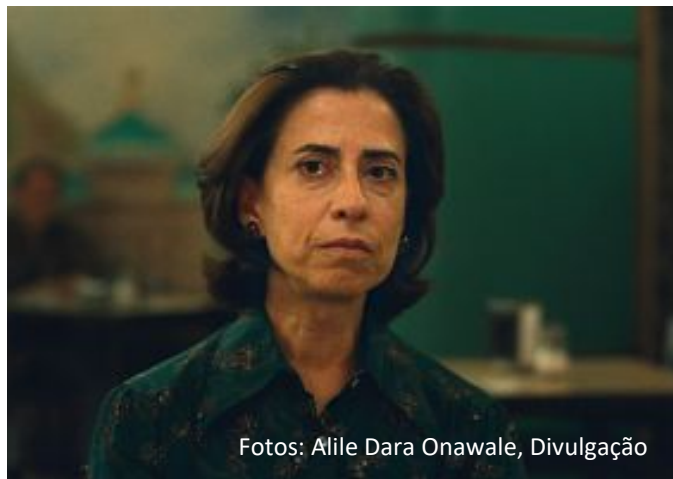




Existia uma ansiedade palpável no público brasileiro para conferir *Ainda Estou Aqui*, desde que o longa chamou a atenção no Festival de Veneza, de onde saiu com o prêmio de Melhor Roteiro. A partir dali, o filme entrou no radar das premiações internacionais, com grandes chances de ser indicado ao Oscar - não só na categoria Melhor Filme Internacional, mas em outras graúdas, como Roteiro e Atriz (para a sempre excelente Fernanda Torres) e, porque não, até Melhor Filme. Exagero da crítica brasileira? Não mesmo. As listas de veículos internacionais colocam essa coprodução Brasil e França com grandes chances nessas categorias. Mas como Torres e Salles comentaram na coletiva de imprensa que aconteceu durante a 48ª Mostra de São Paulo, o sucesso e atenção que o filme tem recebido do público já é prêmio o suficiente. Se o Oscar vier, muito bem. Se não, ele não é a única medição de êxito de uma obra. Até porque, o sucesso que *Ainda Estou Aqui* atingiu nas bilheteiras brasileiras já é um medidor grande da maneira pungente que a obra atingiu os espectadores. Até o fechamento desta edição, o filme chegava perto da marca dos 3 milhões em público, algo que dificilmente acontece quando o gênero da obra não é uma comédia. Qual foi segredo dessa bombástica reação? Tudo passa pela equipe.

Walter Salles não comandava um filme de ficção desde que adaptou para os cinemas o seminal *On the Road*, de Jack Kerouac, em *Na Estrada* (2012). Sobre esse hiato, o cineasta comenta que não é sempre que surgem trabalhos tão brilhantes quanto o livro de Marcelo Rubens Paiva para o empurrar aos sets. *Ainda Estou Aqui* foi lançado pelo autor de *Feliz Ano Velho* em 2015, relatando de maneira muito pessoal como sua família encarou o desaparecimento do seu pai, o político e engenheiro civil Rubens Paiva, durante a Ditadura Militar, nos anos de 1970. Para Salles, a história era familiar. O diretor, muito jovem, fazia parte da turma que frequentava a casa dos Paiva naquela época. Chegou a conhecer Rubens, Eunice e boa parte dos amigos que habitavam aquela inclusiva residência à beira do mar, no Rio de Janeiro.

Para viver Eunice, Salles recorreu a uma atriz com quem trabalhou no passado, em longas festejados como *Terra Estrangeira* (1996) e *O Primeiro Dia* (1998): Fernanda Torres, que dá a performance de uma vida no papel daquela resiliente mãe de família (e futura advogada). A ideia de incluir uma pequena



Fotos: Alile Dara Onawale, Divulgação

participação de Fernanda Montenegro como a idosa Eunice era algo naturalíssimo. Afinal de contas, Salles comandou Fernandona em sua inesquecível performance em *Central do Brasil* (1998) e a retomada da parceria fazia todo o sentido. Para viver Rubens Paiva, um personagem importantíssimo por ser o coração da história, o diretor escolheu Selton Mello - que entrega uma performance iluminada, que fica na memória durante todo o filme. Era crucial que essa presença de Paiva fosse sentida por toda a história, visto que sua ausência precisava ecoar. O restante do elenco é formado por talentos novos e veteranos, com destaque para Valentina Herszage, Dan Stulbach, Olivia Torres e Antonio Saboia.

O roteiro de *Ainda Estou Aqui* é assinado por Murilo Hauser (de *A Vida Invisível*, 2019) e Heitor Lorega (de *Marinheiro das Montanhas*, 2021). Na trama, conhecemos Eunice e Rubens Paiva no começo dos anos de 1970. O casal mora junto de seus cinco filhos em uma casa confortável e sempre aberta aos amigos. Certo dia, um grupo de homens chega na residência e leva Rubens para que ele preste depoimentos. Ele voltaria em poucas horas, diziam os policiais. Mas a família nunca mais o viu. A própria Eunice é levada, pouco tempo depois, mas é liberada após alguns dias de confinamento. A partir dali, começa a luta de uma mulher e de uma família pela libertação de Rubens - primeiro, na esperança de vê-lo vivo, depois, de apenas saber o que aconteceu com ele. A história tem dois pulos temporais, um nos anos 90 e outro nos anos 2010 - neste último, Fernanda Montenegro assume o papel da filha.

É natural embarcar em uma sessão de *Ainda Estou Aqui* com as expectativas no alto. Afinal de contas, ele tem vencido prêmios por onde tem passado e é nossa principal esperança por indicações ao Oscar. A

boa notícia é que o trabalho de Walter Salles não só cumpre a promessa de ser um grande filme, mas a excede. Em sua primeira meia-hora, existe um clima solar que será abandonado tão logo Rubens Paiva deixa a trama. Para quem já conhece a história, o começo diverte, mas também tende a emocionar. Ao saber de antemão o destino daquele paizão, alguns trechos felizes batem forte.

Eunice é daquelas personagens que qualquer atriz sonha em interpretar. Uma mulher real, que precisa ser forte em um momento complicado e que busca por justiça em um mundo em que esse conceito está longe de ser viável. Torres dá à Eunice tenacidade, atitude e inteligência. Das mais talentosas atrizes da sua geração, conseguindo fazer tão bem comédia quanto drama, Fernanda é irretocável neste trabalho - principalmente ao não esmorecer frente aos desafios que se apresentam. O que sabemos de Eunice é que ela sempre fez questão de não mostrar tristeza em fotos e em matérias que mostravam sua luta. E Torres faz exatamente isso - mas também mantendo a atitude frente aos seus filhos e amigos. Ela não pode chorar. Ela não pode desistir. É um peso enorme para qualquer pessoa e a atriz interpreta isso de maneira certeira. Notável que Torres encarna uma personagem diferente de tudo o que já fez antes, modificando completamente sua maneira de falar e de ser portar. Uma impressionante transformação. Fernanda Montenegro surge ao final e não deve deixar espectador algum sem uma lágrima no canto do olho, pelo menos. Selton Mello, por sua vez, acerta ao ser o pai bonachão, mas que tinha muito mais atrás de seu jeito brincalhão. Era um lutador e pagou preço caro por isso.

O desenho de produção é sensacional ao emular os anos de 1970 como poucas vezes se viu no cinema brasileiro. Em dado momento, vemos na avenida beira



-mar inúmeros carros de época, como se a cena fosse filmada no passado. É impressionante. Em produções de orçamento limitado, geralmente se escolhe filmar em recintos fechados para poder controlar o que se vê na tela. *Ainda Estou Aqui* não poderia usar dessa prerrogativa, pois a casa dos Paiva era sempre aberta. Então é importante ver a rua, estar na praia, estar no mundo. A casa é um personagem essencial e é um elemento muito vivo na primeira meia hora - e se fecha quando Rubens desaparece. O orçamento robusto que o filme tem é visto na tela.

Com bom ritmo, personagens marcantes e uma mensagem de luta que deve ser esquecida jamais, *Ainda Estou Aqui* merece toda a atenção que tem recebido. Em premiações internacionais, têm sido muito lembrado em categorias que laureiam títulos estrangeiros - Critics Choice Awards, Globo de Ouro, Satellite Awards, Goya, National Board of Review, entre muitos outros. Em algumas delas, mais notoriamente o Globo

de Ouro, Fernanda Torres também foi lembrada como Melhor Atriz. Sobre suas chances de uma indicação ao Oscar, elas continuam muito boas. A maioria dos veículos estrangeiros a coloca como uma das 6 mais na disputa. Vai depender como forem outras premiações até lá para que ela garanta a primeira indicação a uma atriz brasileira desde sua mãe, Fernanda Montenegro, em *Central do Brasil* (1998). Quanto ao filme, a indicação é quase uma certeza. O longa está na shortlist dos 15 que passam para a segunda fase da premiação - e embora divida o espaço com pesos-pesados como *Emilia Pérez* (França), *Dahomey* (Senegal) e *A Semente do Fruto Sagrado* (Alemanha), suas chances de uma indicação são muito boas. A torcida, claro, é que além da lembrança entre os cinco, o Brasil finalmente vença na categoria. Seria a coroação internacional de um filme muito bem realizado, que fala tão bem sobre uma realidade brasileira, mas que toca fundo por ser, principalmente, a respeito de uma família.



AINDA ESTOU AQUI

BR, França - 2024 - Drama - 136 min

Dir.: Walter Salles

Rot.: Murilo Hauser e Heitor Lorega, baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva

Com Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Luiza Kozovski, Maria Manoella, Marjorie Estiano, Dan Stulbach e Fernanda Montenegro

Estreia: 7 de novembro de 2024

Prêmios:

- Vencedor do prêmio de Melhor Roteiro no Festival de Veneza;
- Indicado a 2 Globo de Ouro: Melhor Atriz (Torres) e Filme Internacional;
- Indicado ao Critics Choice Awards de Melhor Filme Estrangeiro;
- Indicado a 2 Satellite Awards: Melhor Atriz (Torres) e Filme Internacional;
- Indicado ao Goya de Melhor Filme Internacional;
- National Board of Review: Top 5 Melhores Filmes Internacionais;



+21 Filmes

Fernanda Torres trabalhou bastante nessa vida. A múltipla atriz, roteirista, escritora e produtora começou a carreira aos 13 anos e desde então sempre foi uma constante, seja no cinema, nos palcos ou na televisão. Nesta lista complementar, vamos relembrar alguns filmes que não couberam em nossas páginas principais - alguns deles por simplesmente não conseguirmos encontrar para assistir, outros pela participação diminuta da estrela na obra em si. A lista está em ordem cronológica. Confira!

Amenic: Entre o Discurso e a Prática 1984

Não foi por falta de procurar. Mas não encontramos meios de assistir a este longa-metragem, o segundo da carreira de Fernanda Torres. Dirigido por Fernando Silva, tinha Joel Barcellos e Aldine Muller no elenco, mostrando conflitos entre um casal de cineastas. Exibido no 1º Rio-Cine-Festival.

1



Sonho Sem Fim 1985

Exibido e premiado no Festival de Cinema de Gramado, com direção de Lauro Escorel Jr, *Sonho sem Fim* tem Carlos Alberto Ricelli interpretando o cineasta Eduardo Abelin, um dos pioneiros do cinema brasileiro. Fernanda Torres tem rápida participação como uma cigana.

2



Madame Cartô 1985

Outro filme que não existe em lugar algum, a não ser nas memórias de quem foi ao Festival de Gramado em 1985. Premiado na mostra gaúcha, o curta conta a história de uma cartomante que bota três clientes um contra o outro. Fernanda Torres faz a narração. Ao lado, foto do diretor Nelson Nadotti.

3



A Mulher do Próximo 1988

Primeira produção internacional de Fernanda Torres, a jovem atriz brasileira estrela esse filme português, comandado por José Fonseca e Costa. No filme, mostrando as desventuras e luxúria de uma família abastada, a atriz brasileira vive uma jovem rica que tem um caso com o mordomo.

4



Esconde-Esconde 1988

Com direção de Eliane Fonseca, este curta-metragem tem Fernanda Torres e Raul Barreto como protagonistas. A sinopse é simples: em uma noite tediosa, de chuva, um casal resolve brincar de esconde-esconde. Mas a casa em que estão se revela uma caixinha de surpresas.

5



Fogo e Paixão 1988

O elenco chama a atenção (Torres, Fernanda Montenegro, Regina Casé, Paulo Autran, Rita Lee) e a comédia é comandada por dois arquitetos, Márcio Kogan e Isay Weinfeld. A trama envolve um amalucado grupo de turistas em um ônibus de excursão. Fernanda faz uma ponta como a moça com a maçã.

6



Capitalismo Selvagem 1993

Segunda parceria entre Fernanda Torres e o diretor André Klotzel. Aqui, ela colabora no roteiro da trama que mostra um empresário (José Mayer) encontrando suas raízes indígenas após encontro com uma jornalista (Torres). Exibido nos Festivais de Cinema de Brasília e Gramado.

7





8

O Judeu 1996

Filme demorou mais de seis anos para ser finalizado, coprodução Brasil e Portugal dirigida por Jom Tob Azulay. Estrelado por Filipe Pinheiro, que faleceu em 1993, não completando sua participação. Venceu o Candango de Melhor Filme em Brasília - mas a única cópia que encontramos era inassistível.



9

Miramar 1997

Com direção de Julio Bressane, *Miramar* venceu cinco prêmios no Festival de Brasília, incluindo Melhor Filme. A participação de Fernanda Torres era pequena, por isso ficou relegada a essa lista complementar. No filme, ela vive uma produtora na trajetória do cineasta Miramar (João Rebello).



10

Ela Disse Adeus 1998

Videoclipes são curtas, certo? E esse aqui é um dos melhores quando falamos de rock brasileiro. Os Paralamas do Sucesso (Herbert, Bi e Barone) são homens horríveis que ganham punição de sua mulher, vivida por Fernanda Torres. A direção é de Andrucha Waddington, Breno Silveira e Toni Vanzolini.



11

Aonde Quer Que Eu Vá 2002

A experiência de *Ela Disse Adeus* foi tão boa que Fernanda Torres repetiu a dobradinha com os Paralamas. Neste clipe, ela divide a cena com sua amiga Débora Bloch, com as duas revivendo (ao menos no visual) suas personagens da peça *Duas Mulheres e um Cadáver*. Direção de Andrucha e Gualter Pupo.



12

Já É 2003

Fechando a trinca de videoclipes estrelados por Fernanda Torres, este fazia parte do disco de Lulu Santos *Bugalu* (2003). No clipe, a atriz formava uma espécie de As Panteras ao lado de Mariana Ximenes e Cláudia Abreu. Infelizmente, o clipe sumiu da internet. Direção de Andrucha e Mini Kerti.



13

O Caso Morel 2006

Baseado no livro de Rubem Fonseca, *O Caso Morel* tem direção de Sheila Feital e conta com elenco graúdo, formado por Marco Ricca, Pedro Cardoso, Antonio Abujamra, Marcélia Cartaxo, Rita Guedes e Fernanda Torres. Na trama, um detetive tenta descobrir se um artista preso matou sua ex.



14

Jogo de Cena 2007

Neste belo documentários comandado pelo saudoso Eduardo Coutinho, Fernanda Torres é uma das depoentes (ou intérpretes) de histórias contadas por mulheres de diferentes backgrounds e vivências. Ao seu lado, Marília Pêra e Andrea Beltrão recriam as histórias contadas.

A Mulher Invisível 2009

Dirigida pelo irmão Claudio Torres, Fernanda faz um pequeno papel nesta comédia divertida, estrelada por Selton Mello e Luana Piovani. Ela faz a irmã de Vitória (Maria Manoela), uma jovem que acabou de ficar viúva e tenta conquistar Pedro (Mello). O filme fez sucesso a ponto de ganhar série de TV.

15



Os Penetras 2012

Em *Os Penetras*, a participação de Fernanda Torres é criativa. Ela serve como uma colaboradora para o roteiro de Andrucha Waddington e Marcelo Vindicato, ao lado de Marcelo Adnet, Rene Belmonte e Eduardo Sterblitch. A trama mostra o malandro Marco se apaixonando pela ex de seu novo alvo.

16



Fogo na Floresta 2017

Curta-metragem documental dirigido por Tadeu Jungle e narrado por Fernanda Torres, foi realizado em realidade virtual mostrando o povo Waurá, uma etnia indígena de 560 pessoas que vive no Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso.

17



Os 8 Magníficos 2017

De Domingos de Oliveira, saudoso cineasta e amigo de Fernanda Torres, reúne oito atores em um dia de domingo, para discutirem sobre arte, amor e vida. Os oito são Alexandre Nero, Carolina Dieckmann, Eduardo Moscovis, Maria Ribeiro, Mateus Solano, Sophie Charlotte, Wagner Moura e Fernanda.

18



Ghost of Lina Bo Bardi 2019

Curta realizado pelo britânico Isaac Julien, parte da instalação *A Marvelous Entanglement*, não foi exibido nos cinemas, mas em um museu em Londres. No filme, Fernanda Montenegro e Fernanda Torres vivem a arquiteta Lina Bo Bardi em diferentes fases da vida.

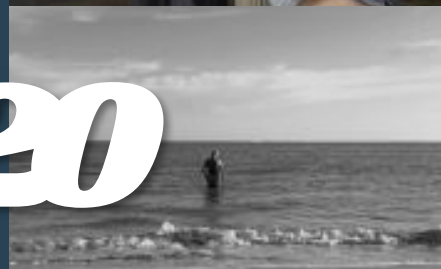
19



Babenco 2019

Em *Babenco: Alguém tem que Ouvir o Coração e Dizer Parou*, Bárbara Paz faz uma bela homenagem ao grande cineasta, seu marido, que nos deixou em 2016. A participação de Fernanda Torres é afetiva, com ela aparecendo na cena do jantar, ao lado de vários outros artistas e amigos.

20



O Mês Que Não Terminou 2019

Narrado por Fernanda Torres e dirigido por Francisco Bosco e Raul Mourão, o documentário mostra os conturbados momentos políticos do Brasil desde 2013, passando pelo impeachment de Dilma Rousseff até a ascensão da extrema-direita com a eleição de Jair Bolsonaro.

21





+21 Televisão

Sim, sabemos que esta revista digital está longe de ser completa, até porque não conseguimos ter espaço para papéis memoráveis de Fernanda Torres na televisão. Aos fãs de Vani, de *Os Normais*, e de Fátima, de *Tapas & Beijos*, nossa sinceras desculpas ao não conseguirmos falar mais sobre as duas séries antológicas da carreira da atriz. Mas, ao menos, conseguimos compilar aqui alguns dos personagens mais importantes de Fernanda Torres. Só faltou mesmo uma lista de memes, mas aí faltaria página para tanta coisa maravilhosa que saiu das participações televisivas de nossa homenageada. A lista a seguir é organizada em ordem cronológica. Confira!

Aplauso 1979

Aos 13 anos, convidada por Domingos de Oliveira, Fernanda Torres estreou na televisão na série *Aplauso*, no episódio *Queridos Fantásticos Sábados*. Ao lado de Renée de Vielmond e Dina Sfat, a jovem estrela vivia uma jovem que batia de frente com seus pais pouco atenciosos.

1



Baila Comigo / Brilhante 1981

Ok, aqui roubamos um pouco, incluindo dois programas e não apenas um. Foram as duas primeiras novelas que Fernanda atuou. Na primeira, escrita por Manoel Carlos, vivia Fauna França, irmã de Flora (Narjara Turetta). Em *Brilhante*, escrita por Gilberto Braga, foi Marília, filha de Tarcísio Meira.

2



Selva de Pedra 1986

Com uma excelente carreira no cinema, Fernanda Torres aceitou o desafio de ser protagonista da novela dos oito global, um remake do sucesso de Janete Clair. Fazendo par com Tony Ramos, interpretava uma jovem escultora que acabava mudando de identidade no decorrer da trama.

3



Terça Nobre 1994

Fernanda encontrou espaço na TV nos especiais da Globo do núcleo Guel Arraes. *Lúcia McCartney* (foto), baseado na obra de Rubem Fonseca; *A Comédia da Vida Privada*, baseado em Luis Fernando Verissimo; e *O Homem que Sabia Javanês*, de Lima Barreto, ficaram na memória.

4



A Comédia da Vida Privada 1995-97

Depois de ter atuado no especial que deu origem à série, Fernanda Torres foi convidada para retornar em alguns episódios do show, incluindo *Apenas Bons Amigos* (foto), *Casados e Solteiros*, *Menino ou Menina*, *As Idades do Amor* e *Papai foi à Lua*.

5



Vida ao Vivo Show 1998-99

Após o sucesso do quadro no Fantástico, em que Luiz Fernando Guimarães e Pedro Cardoso faziam graça das pequenas coisas da vida, o quadro virou programa de tevê com adição de Fernanda Torres, Débora Bloch e Denise Fraga.

6



As Filhas da Mãe 2001-02

Desde *Selva de Pedra* Fernanda Torres não aparecia em novelas. Mas em 2001, ela abriu uma exceção para viver a personagem de sua mãe na primeira fase do folhetim. O elenco era ótimo: Fernanda Montenegro, Tony Ramos, Andrea Beltrão, Raul Cortez e Regina Casé. A novela fracassou, porém.

7

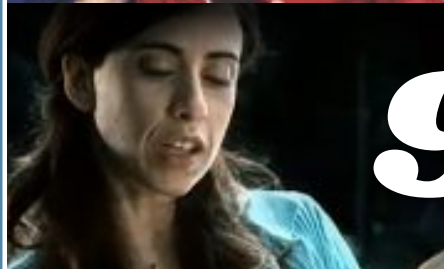




8

Os Normais 2001-03

Vani e Rui para sempre! Criada por Alexandre Machado e Fernanda Young, a série mostrava as desventuras do casal principal, os dois totalmente normais, frente as idiossincrasias da sociedade. Rendeu três temporadas, com 71 episódios, e mais dois filmes. E torcemos que mais um venha pela frente.



9

Brava Gente 2002

Baseado livremente no livro de Mario de Andrade *Lira Paulistana*, o episódio contava com texto de Alexandre Machado e Fernanda Young, com direção de Claudio Torres. O elenco contava com Matheus Nachtergaele, Selton Mello, Paulo Betti, Drica Moraes e, claro, Fernanda Torres.



10

Os Amadores 2006

Os Amadores eram especiais de final de ano na Globo, trazendo as desventuras de quatro amigos na faixa dos 40 anos - interpretados por Murilo Benício, Matheus Nachtergaele, Otávio Muller e Cássio Gabus Mendes. Torres participou do segundo especial, vivendo uma fogosa chefe.



11

Programa Piloto 2010

Outro especial de fim de ano, mas de vida curta. Criado por Claudio Paiva, colocava Fernanda Torres e Andréa Beltrão como atrizes de uma novela brega ambientada no Paquistão. Os bastidores das gravações e a própria novela dentro da série gravavam o risco. Direção de Maurício Farias.



12

As Cariocas 2010

Série criada por Daniel Filho, com 10 episódios, cada um protagonizado por uma atriz diferente. Fernanda Torres divide a cena em *A Invejosa de Ipanema* com Guilherme Fontes, Luís Gustavo e Lavínia Vlasak, mostrando as agruras de uma mulher que parece ter tudo - mas que sucumbe à inveja.



13

Tapas & Beijos 2011-15

Um dos grandes sucessos da carreira de Fernanda Torres, dividindo a tela com sua amiga Andréa Beltrão. Na série criada por Claudio Paiva, a dupla vive Fátima e Sueli, duas amigas que trabalham em uma loja de vestidos de noiva e que vivem desventuras com as metades de suas laranjas.



14

Mister Brau 2016

A série protagonizada por Lázaro Ramos e Thaís Araújo, criada por Adriana Falcão e Jorge Furtado, contou com participação especial de vários atores famosos - dentre eles, Fernanda Torres, que viveu Bárbara - uma vilã cheia de más intenções na segunda temporada do show.

Minha Estupidez 2016-17

Produzida para o GNT, em *Minha Estupidez* Fernanda Torres experimentou o ofício de entrevistadora. Em cinco episódios, ela convidava pessoas interessantes para conversar e entrecortava o papo com esquetes de ficção. Caetano Veloso, João Ubaldo Ribeiro e Carmen Lúcia foram alguns dos convidados.

15



Filhos da Pátria 2017-19

O criador de *Os Normais* (Alexandre Machado) e seu amigo/irmão Bruno Mazzeo criaram a série *Filhos da Pátria* para o Globoplay - como Fernanda Torres não aceitaria esse convite? Em duas temporadas, a série mostra um retrato do Brasil de 1822 e, depois, de 1930.

16



Sob Pressão 2018

Sob Pressão nasceu como um filme de Andrucha Waddington, lançado em 2016, e se tornou uma série de sucesso na Globo. Fernanda Torres participou da segunda temporada, vivendo a nova dona do hospital, a Doutora Renata Gomes. Torres colaborou na construção de sua personagem.

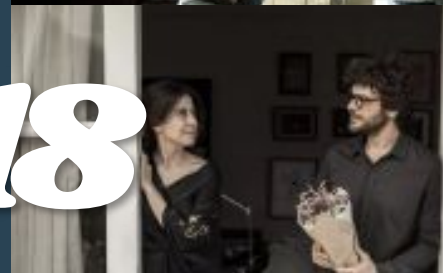
17



Todas as Mulheres do Mundo 2020

Jorge Furtado criou a série para o Globoplay baseada na obra de Domingos de Oliveira. Curiosamente, Torres já havia participado de um especial na Globo nos anos 90, ao lado de Pedro Cardoso, com o mesmo título. Na nova obra, ela faz uma participação especial como Estela.

18



Diário de um Confinado 2020

Bruno Mazzeo criou a série *Diário de um Confinado* durante a pandemia, ao lado de Joana Jacace, usando seu tempo de confinamento para trabalhar uma obra que mostraria as agruras de um homem solteiro tentando não enlouquecer. Fernanda Torres interpreta sua psiquiatra, a Dra. Leonor.

19



Os Outros 2023

Ao ter participado de *Sob Pressão*, Fernanda Torres colaborou com Lucas Paraíso, com quem dividiu um conceito que tinha, sobre um condomínio e seus ocupantes, que entrariam em choque por conta de uma briga. A série no Globoplay virou um sucesso, rendendo uma segunda temporada.

20



Fim 2023

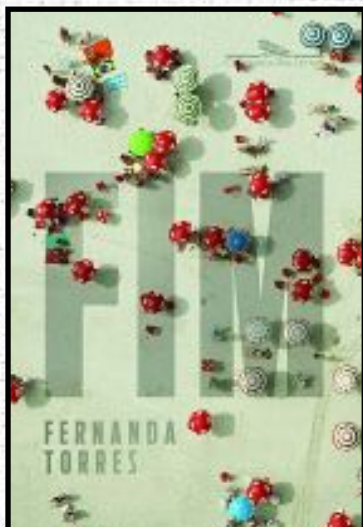
Pegando seu próprio livro como origem, Fernanda Torres adapta *Fim* em uma bela minissérie de 10 episódios, modificando a narrativa, mas nunca perdendo a essência de seus personagens. No elenco, Fábio Assunção, Marjorie Estiano, Bruno Mazzeo, David Junior, Emilio Dantas, entre outros.

21



Livros por Fernanda Torres

Se você gosta dos trabalhos da atriz Fernanda Torres, espere só para conhecer suas obras literárias. Separamos aqui os três livros assinados pela artista, todos publicados pela Companhia das Letras e disponíveis na Amazon (via link afiliado).



Fim

Fernanda Torres começou pelo fim. E foi uma ótima ideia. Em seu primeiro romance, lançado em 2013, ela inicia cada um dos cinco segmentos centrados em seus protagonistas com seus últimos minutos de vida. A partir destes capítulos escritos em primeira pessoa, temos um contato íntimo e pessoal com cinco sujeitos bem longe de serem heróis, cada um com suas próprias questões com a vida, família e amores. Acompanhar Ciro, Neto, Sílvia, Ribeiro e Álvaro é uma trajetória rica, por vezes engraçada, outras trágica, mas nunca enfadonha. O livro gerou uma versão em minissérie de 10 episódios no Globoplay, adaptado pela própria Fernanda Torres e estrelada por Fábio Assunção, Marjorie Estiano, Débora Falabella, Bruno Mazzeo e grande elenco. Em sua versão audiovisual, *Fim* ganha mais protagonismo feminino e uma narrativa ainda não-linear, mas menos trançada que a do romance.

2013 | Companhia das Letras | 208 páginas | <https://amzn.to/3P8U3Qi>



Sete Anos

Embora tenha sido gestado antes de *Fim*, este livro de crônicas de Fernanda Torres saiu apenas depois, em 2014, reunindo textos escritos nos últimos sete anos pela escriba. Desde 2007, quando recebeu convite para assinar um artigo para a revista Piauí, que Fernanda Torres tem sido mais ativa em seu ofício de escritora. Ela veio a escrever para a Veja Rio e ainda assinou uma coluna na Folha de S. Paulo. Dentre os textos inclusos, destaque para *Kuarup*, que abre o livro, em que ela conta a respeito das conturbadas gravações do filme de Ruy Guerra no meio do Xingu. Mas talvez o texto mais pungente seja *Despedida*, no qual fala a respeito da morte do pai. Também são interessantíssimas as crônicas em que ela aponta seu foco para atores - seja o britânico John Gielgud ou o brasileiro Jorge Dória. São ricas as visões que a atriz e escritora tem sobre seus colegas.

2014 | Companhia das Letras | 192 páginas | <https://amzn.to/3Ds9GzV>



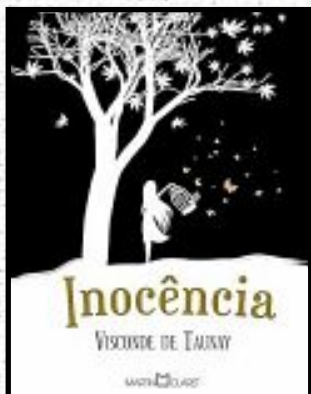
A Glória e seu Cortejo de Horrores

A ideia era escrever sobre todos os livros de Fernanda Torres. Mas, infelizmente, outras funções não permitiram que este fosse lido. Mas conferindo a sinopse e ouvindo algumas entrevistas - uma delas feita por Lázaro Ramos em seu programa no Canal Brasil *Espelho* - nos dá bons motivos para crer que *Glória* tem tudo para ser, ao menos, tão bom quanto *Fim*. Afinal de contas, neste livro, Fernanda fala sobre algo que ela conhece muito bem: a carreira de ator. Novamente tomando a voz de um homem em primeira pessoa para contar a história, Torres mostra a trajetória do ator fictício Mario Cardoso, um homem dos anos 60 que navegou as águas agitadas do teatro, do cinema e da televisão brasileira.

2017 | Companhia das Letras | 216 páginas | <https://amzn.to/3Wi3jFZ>

Fernanda Torres | Leitura Complementar

Curtiu os filmes destacados e quer mergulhar mais fundo nessas histórias? Aqui, separamos livros que deram origem aos filmes, assim como algumas compilações interessantes. Alguns estão fora de catálogo, mas são encontrados em sebos. Outros, incluímos o link disponível na Amazon, com nossos links de afiliados.



INOCÊNCIA

1872

VISCONDE DE TAUNAY

Livro que originou o filme homônimo de Walter Lima Jr.

Martin Claret

242 pg.

<https://amzn.to/4iSaFJD>



EU SEI QUE VOU TE AMAR

ARNALDO JABOR

Reedição do livro de 1986, com o roteiro de Jabor adaptado para literatura.

Ed. Objetiva

136 pg.

<https://amzn.to/3DI1ivW>



COM LICENÇA, EU VOU À LUTA

ELIANE MACIEL

Livro fora de catálogo, rendeu o roteiro do filme homônimo de Lui Farias.

Edições do Pasquim

272 pg.



O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?

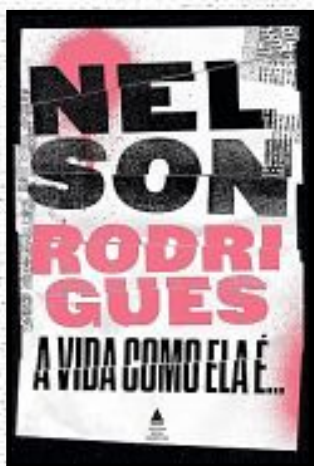
FERNANDO GABEIRA

Livro que deu origem ao longa homônimo, dirigido por Bruno Barreto.

Estação Brasil

240 pg.

<https://amzn.to/4iJHCYZ>



A VIDA COMO ELA É

1998

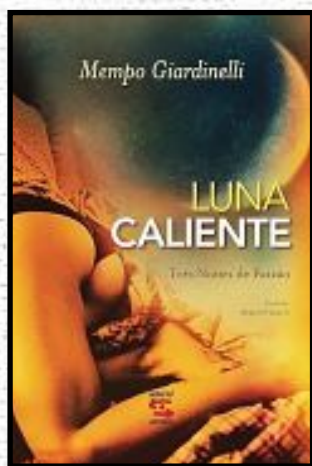
NELSON RODRIGUES

Contos adaptados no filme coletivo *Traição*.

Nova Fronteira

514 pg.

<https://amzn.to/4gNmuiA>



LUNA CALIENTE

1983

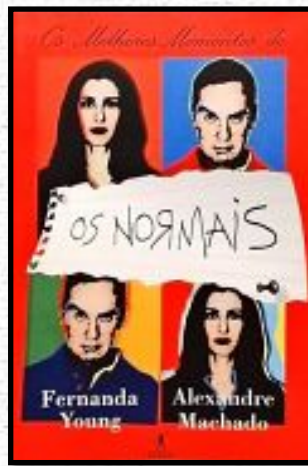
MEMPO GIARDINELLI

Livro argentino que originou o telefilme homônimo de Jorge Furtado.

Geração Editorial

136 pg.

<https://amzn.to/4fBndSZ>



OS NORMAIS

ALEXANDRE MACHADO E FERNANDA YOUNG

Livro que compila os melhores diálogos entre Rui e Vani. Fora de catálogo.

Objetiva

160 pg.



AINDA ESTOU AQUI

2015

MARCELO RUBENS PAIVA

Romance adaptado para o cinema por Walter Salles, no filme homônimo

Alfaguara

296 pg.

<https://amzn.to/3BKKqnS>

CINEMATECA
PAULO AMORIM
ESPAÇO BANRISUL DE CINEMA

**A melhor
programação
com o menor
preço**



Conheça nossas salas no

Térreo da Casa de Cultura Mario Quintana

(Rua dos Andradas, 736, Centro Histórico, Porto Alegre, RS)



cinematecapauloamorim



Confira a programação:

cinematecapauloamorim.com.br

Patrocínio



Realização



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DA CULTURA

VEM AÍ, EM 2025!

comic CON ^{#CCRS} NRS

PORTO ALEGRE

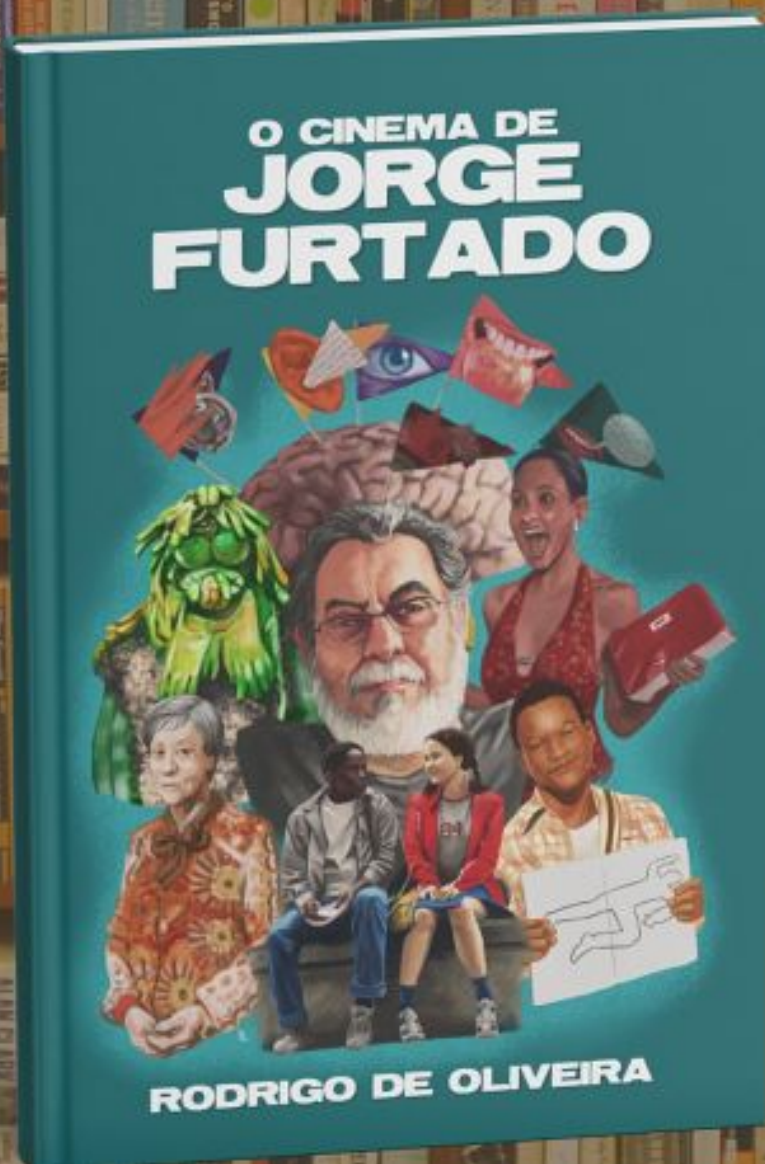
UNISINOS CAMPUS POA

23 e 24/agosto

PATROCÍNIO:

 **UNISINOS**
Nossa sala de aula é o mundo.

O CINEMA DE **JORGE FURTADO**



**COMPRA O LIVRO EM
ALMANAQUE21.COM.BR
ENTREGA PARA TODO O BRASIL**